

MARIA EMÍLIA GRANDUQUE JOSÉ

**A PRESENÇA DE MALINCHE NAS CRÔNICAS DE ÍNDIAS DO
SÉCULO XVI**

FRANCA

2011

MARIA EMÍLIA GRANDUQUE JOSÉ

**A PRESENÇA DE MALINCHE NAS CRÔNICAS DE ÍNDIAS DO
SÉCULO XVI**

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em História da Universidade Estadual Paulista “Júlio de Mesquita Filho”, como pré-requisito para a obtenção do título de Mestre em História. Área de concentração: História e Cultura Social.

Orientadora: Profa. Dra. Ana Raquel Marques da Cunha Martins Portugal

FRANCA

2011

José, Maria Emília Granduque

A presença de Malinche nas crônicas de Índias do século XVI /
Maria Emília Granduque José. –Franca: [s.n.], 2011
114 f.

Dissertação (Mestrado em História). Universidade Estadual
Paulista. Faculdade de Ciências Humanas e Sociais.

Orientador: Ana Raquel Marques da Cunha Martins Portugal

1. México – História. 2. América espanhola. 3. Crônica de
Índias – Malinche. I. Título

CDD – 972.02

MARIA EMÍLIA GRANDUQUE JOSÉ

A PRESENÇA DE MALINCHE NAS CRÔNICAS DE ÍNDIAS DO SÉCULO XVI

Dissertação apresentada ao programa de Pós-Graduação em História da Universidade Estadual Paulista “Júlio de Mesquita Filho”, como pré-requisito para a obtenção do título de Mestre em História.

BANCA EXAMINADORA

PRESIDENTE: _____

Profa. Dra. Ana Raquel Marques da Cunha Martins Portugal

1º EXAMINADOR: _____

2º EXAMINADOR: _____

Franca, __ de _____ de 2011

Aos meus pais e ao meu irmão

AGRADECIMENTOS

Agradeço aos meus pais, Luiz Gonzaga José e Cléia Ferrante Rodrigues José pela educação, ensino e exemplo. Pelo incentivo, pelo apoio e por todo amor e carinho.

Agradeço ao meu irmão, Caio Jesus Granduque José, pelos conselhos, pela torcida e por ser minha referência de vida. Mas agradeço, em especial, por me apresentar Malinche.

Agradeço ao Leandro Alves Teodoro, pelo carinho, dedicação, apoio e toda a ajuda nesses dois anos de pesquisa.

Agradeço a Profa. Dra. Ana Raquel Marques da Cunha Martins Portugal, pela oportunidade, pela confiança e por despertar em mim o interesse e o amor pela História da América.

Agradeço aos amigos, Silvana Diniz, Priscila Bonardi, Kátia Michelan, Vinícius Pires pela amizade, pela torcida, pelos desabafos e pelos conselhos. Obrigada pelas sugestões e opiniões sobre a pesquisa e sobre o tema estudado.

Agradeço aos professores Moacir Gigante e Eliane Cristina Deckmann Fleck pelas contribuições no exame de qualificação.

Agradeço aos funcionários da biblioteca, em especial a Laura Jardim, pela revisão das notas.

Agradeço a CAPES, por financiar a pesquisa, e a UNESP, pela formação.

“La cosa que más conserva y sostiene las obras de natura en la memoria de los mortales, son las historias y libros en que se hallan escritas; y aquellas por más verdaderas y auténticas se estiman; que por vista de ojos el comedido entendimiento del hombre que por el mundo ha andado se ocupó en escribirlas, y dijo lo que pudo ver y entendió de semejantes materias”. (Gonzalo Hernández de Oviedo)

JOSÉ, Maria Emília Granduque. **A presença de Malinche nas Crônicas de Índias do século XVI**. 2011. 114 f. Dissertação (Mestrado em História) – Faculdade de Ciências Humanas e Sociais, Universidade Estadual Paulista “Júlio de Mesquita Filho”, Franca, 2011.

RESUMO

Este trabalho se propõe a analisar porque a intérprete Malinche foi descrita com tanta intensidade nas Crônicas de Índias do século XVI. Considerando que a história nessa época era entendida segundo o preceito de “mestra da vida” –, em que os feitos positivos do passado deveriam servir como exemplos para o homem do presente – a escrita dos fatos centrava-se nos acontecimentos grandiosos e nos personagens masculinos como atores principais. Desse modo, a história da conquista espanhola ganhou destaque pela importância no cenário europeu e o conquistador Hernán Cortés se tornou o grande responsável pela vitória sobre os índios, dada a sua coragem e façanha, virtudes exaltadas nessa época. Atentando para esse padrão masculino da escrita da história, o questionamento que se faz a partir dessa explicação é saber o que levou os cronistas de Índias a inserir Malinche em seus relatos ao lado de Cortés? Levando em conta o lugar secundário que as mulheres, os intérpretes e os escravos ocupavam na conquista e nas crônicas, por que, então, uma figura que representa tudo isso esteve centrada nesses textos como uma das protagonistas desse evento?

Palavras-chave: Crônicas de Índias. Malinche. Século XVI. Conquista espanhola do México.

JOSÉ, Maria Emília Granduque. **A presença de Malinche nas Crônicas de Índias do século XVI**. 2011. 114 f. Dissertação (Mestrado em História) – Faculdade de Ciências Humanas e Sociais, Universidade Estadual Paulista “Júlio de Mesquita Filho”, Franca, 2011.

ABSTRACT

This work proposes to analyze because the interpreter Malinche was described with so much intensity in Chronicles of Indies in the 16th Century. Whereas the history at the time it was understood according to the precept of "teacher of life" -, in which the made positive of the past should serve as examples for the man of present - the writing of the facts was focused on the events grandiose and characters male as well as major players. In this way, the history of the spanish conquest has gained attention because of the importance in the european arena and the conqueror Hernán Cortés has become the major responsible for victory over the indians, given their courage and achievement, virtues exalted at that time. Looking for this pattern of male writing of history, the questioning that is based on this explanation is what has led the chroniclers of Indies to insert Malinche in their reports on the side of Cortés? Taking into account the place secondary to the women, the interpreters and the slaves occupied in the conquest and the chronicles, why, then, a figure that represents everything that has focused on these texts as one of the protagonists of this event?

Keywords: Chronicles of Indies. Malinche. 16TH Century. Spanish Conquest of Mexico.

SUMÁRIO

APRESENTAÇÃO.....	9
PRIMEIRA PARTE	
CRÔNICAS DE ÍNDIAS – UM REGISTRO HISTÓRICO	16
1.1 O processo de formação das crônicas de Índias	18
1.2 Fama, <i>mercedes</i> e honra: o caráter individual dos cronistas de Índias	28
1.3 A leitura dos cronistas de Índias: mitos, novelas e histórias	37
1.4 Entre a presença e a ausência: o compromisso com a verdade	48
SEGUNDA PARTE	
A CONSTRUÇÃO DA MEMÓRIA ATRAVÉS DA ESCRITA CRONÍSTICA DE ÍNDIAS: UMA ANÁLISE SOBRE MALINCHE	56
2.1 Memória: a escrita como conservação dos grandes feitos e principais personagens da história	58
2.2 Os esquecidos da conquista: o intérprete, a mulher e o escravo nas Crônicas de Índias.....	64
2.3 De nobre a escrava, de escrava a intérprete: o passado de Malinche lembrado pela <i>pluma</i> dos cronistas	76
2.4 O círculo comunicativo da conquista: Malinche e Jerónimo de Aguilar	83
2.5 Malinche, Malinalli, Doña Marina, Malinztin: intermediária cultural entre dois mundos.....	88
CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	100
REFERÊNCIAS	103

APRESENTAÇÃO

Son de Dios los reinos y señoríos: él los muda, quita y da a quien y como le place; que así lo dijo él mismo por el Profeta; y también quiere que se escriban las guerras, hechos y vidas de reyes y capitanes, para memoria, aviso y ejemplo de los otros mortales; y así lo hicieron Moisés, Esdras y otros santos. La conquista de Mexico y conversión de los de la Nueva España, justamente se puede y debe poner entre las historias del mundo, así porque fue bien hecha, como porque fue muy grande.¹

As palavras do cronista Francisco López de Gómora na abertura de sua *Historia de la conquista de México* ilustra a serventia da história para narrar e divulgar os principais feitos desempenhados pelos personagens de sua época. Entendida como uma forma de conservar do esquecimento os fatos mais importantes, e exaltar os nomes e os atos daqueles que os realizaram, a escrita da história guardava em suas páginas fragmentos únicos do que considerava relevante do passado. A necessidade desse registro estava intimamente relacionada com sua condição como “mestra da vida ou instrutora dos tempos”, na acepção clássica de Cícero, cuja finalidade era guiar através de exemplos morais retirados do passado a conduta exercida pelo homem do presente.² Diante da incerteza do futuro, a história apresentava um emaranhado de feitos que deveriam ser imitados pelos seus leitores na condução de suas ações.

A produção escrita sobre a conquista espanhola na América entrou no grupo das múltiplas histórias particulares do mundo por sua expressividade no contexto europeu do século XVI. O então cronista Francisco López de Gómora, mencionado acima, confessa que “*la mayor cosa después de la creación del mundo, sacando la encarnación y muerte del que lo crió, es el descubrimiento de las Indias; y así las llaman Mundo Nuevo*”.³ Era assunto dos textos históricos somente os grandes eventos de determinado período e seus participantes principais, quase sempre masculinos e dotados de virtude, sabedoria e honra. O caráter restritivo da história não deixava espaço para a menção dos outros participantes, menos ainda quando eram do sexo feminino.⁴ Levando em consideração essa prática exercida na época,

¹ LÓPEZ DE GÓMORA, Francisco. *Historia de la conquista de Mexico*. Venezuela: Ayacucho, 1979, p. 4.

² KOSELLECK, Reinhart. *Futuro pasado: contribuição à semântica dos tempos históricos*. Rio de Janeiro: Contraponto, 2006. p. 43.

³ LÓPEZ DE GÓMORA apud IGLESIA. *Cronistas e historiadores de la conquista de Mexico*. México: Biblioteca de la ciudad de México, s/d. p. 123.

⁴ VENTURA, Maria da Graça A. Mateus. Mulheres nas Índias Ocidentais – escrita e ausência. In: SANTOS, Maria Clara Curado. (Org.). *A mulher na história*. Actas dos Colóquios sobre a temática da Mulher. Portugal: Câmara Municipal da Moita, 1999-2000, p. 215.

que entendia a história como galeria de retratos e méritos de homens ilustres, a descrição contínua de uma personagem feminina nas crônicas sobre a conquista espanhola do México chamou a atenção. A figura em questão é a indígena e ex-escrava Malinche, que atuou por longo tempo como tradutora, intérprete e *faraute*⁵ do conquistador Hernán Cortés.

Nos seis cronistas elencados por esta pesquisa, Malinche é descrita inúmeras vezes durante a narrativa dos fatos, centralizada em muitas cenas como figura principal e assunto dominante nos capítulos inteiros dedicados a ela. Tanto Bernal Díaz del Castillo em sua *Historia verdadera de la conquista de Nueva España* (1568), como Diego Muñoz Camargo na *Historia de Tlaxcala* (1584-1585), deixaram espaço em suas crônicas para contar a vida da intérprete de Cortés, desde sua infância até o momento em que chegou ao grupo espanhol. A *Historia de la conquista de Mexico* (1552) do humanista Francisco López de Gómora, não ficou atrás ao explicar detalhes do passado de Malinche, a forma como se tornou escrava, sendo de origem nobre, e as importantes contribuições dela para o exercício comunicativo entre o conquistador e os indígenas. É este mesmo cronista quem destaca Malinche como a principal responsável pela descoberta da traição dos índios de Cholula, salvando os espanhóis do ataque surpresa tramado por ordem dos astecas. Embora fundamente seus argumentos no relato oral ditado por Cortés, já que nunca esteve na América, López de Gómora constrói uma imagem positiva de Malinche em comparação aos demais intérpretes nativos, considerados por ele “incultos”, “simples” e incapazes de compreender as palavras proclamadas pelos interlocutores. Frei Bernardino de Sahagún, outro cronista aqui utilizado, faz muitas referências à Malinche na sua *Historia de las cosas de Nueva España* (1575), sobretudo na segunda parte da obra, quando inicia a narrativa propriamente dita sobre os passos dados na região mexicana até a conquista final de Tenochtitlan, capital do governo asteca. No ponto alto da negociação entre Cortés e o último líder asteca, Cuauhtemotzin, uma das cenas finais da crônica, Bernardino de Sahagún deixa-se levar pela atuação de Malinche como intérprete e reproduz a conversa realizada entre ela e os senhores principais, diminuindo a figura de Cortés naquele momento. Na *Crónica mexicana* (1598), Hernando Alvarado Tezozomoc relata a inserção de Malinche no grupo de Cortés e a surpresa do governante Montezuma, diante das habilidades linguísticas desta intérprete.

⁵ Segundo o dicionário Covarrubias, citado por Margo Glantz, o *faraute* é “[...] el que interpreta las razones que tienen entre sí dos de diferentes lenguas, y también el que lleva y trae mensajes de una parte a otra entre personas que no han visto ni careado, fiándose ambas las partes dél, y si son de malos propósitos le dan sobre éste otros nombres infames”. GLANTZ, Margo. *La Malinche: la lengua en la mano*. In: GLANTZ, Margo. *La Malinche, sus padres y sus hijos*. México: Taurus, 2001, p. 98.

Para encerrar a exposição dos cronistas utilizados por esta pesquisa, resta mencionar que Malinche também figurou nas *Cartas de Relación* (1519-1526) escritas por Hernán Cortés direcionadas ao rei espanhol. Ainda que ela apareça duas únicas vezes, uma quando é relacionada como sua intérprete e na outra quando é referida pelo nome de batismo Marina, trata-se de um dado relevante se forem entendidos os propósitos pessoais abordados por Cortés em seu texto. Tentando legitimar-se perante o rei Carlos V, ao mesmo tempo em que buscava apoio para prosseguir com suas incursões americanas, as cartas de Cortés dificilmente deram lugar para a descrição de outros participantes, já que sua intenção era afirmar-se como promotor individual dos feitos no México. A mera descrição de Malinche pelo conquistador, mesmo nas entrelinhas dos acontecimentos, é aqui entendida como um feito incomum.

Se os relatos históricos consideravam os homens os atores centrais dos eventos, o aparecimento de uma mulher, indígena, ex-escrava e intérprete nos textos da conquista, referida junto a Cortés, indica um desvio dos padrões de escrita da história cultivados na época. Padrões esses que tornavam a história um espaço reservado às lembranças e memórias principais, dada a função pedagógica de ensinar ao presente e ao futuro lições de sabedoria e de virtudes.⁶ Atentando para a tendência dos autores em valorizar personagens masculinos na narrativa histórica, e ainda, observando o lugar do feminino nesses textos, a proposta desse trabalho é investigar porque Malinche apareceu com tanta intensidade nas crônicas da conquista espanhola do México. Como entender que uma ex-escrava e intérprete teve espaço na narrativa desses cronistas? Ser mulher e cativa na organização social mexicana, condições quase similares, porque as mulheres eram peças de troca ou de regalo entre os grupos indígenas, significava uma participação pouco relevante na conquista aos olhos dos cronistas.⁷ Da mesma forma, atuar como intérprete não era um ofício lembrado durante a escrita dos acontecimentos e, sendo indígena, a referência era menor ainda. Ciente disso, o objetivo é saber o que levou os cronistas e testemunhos das cenas americanas a inserirem Malinche em seus relatos, tornando-a uma das personagens mais destacadas desse evento. Acredita-se que a própria atuação como intérprete teve relação com essa questão: Malinche trabalhou simplesmente na função de transmissora de mensagens ou operou para além desse encargo?

A partir dessas explicações, é importante destacar que a intenção aqui não é fazer um estudo sobre a personagem Malinche aos moldes de uma biografia. Tampouco é pretendido

⁶ COLEMAN, Janet. *Ancien and medieval memories*. Studies in the reconstruction of the past. New York: Cambridge University Press, 2003, p. 45.

⁷ GLANTZ, Margo. *La Malinche: la lengua en la mano*. op. cit., p. 92.

abordar a história das mulheres ou dos intérpretes na conquista espanhola do México tomando-a como exemplo. Os caminhos percorridos pela pesquisa, influenciados pela leitura historiográfica e pelo conteúdo dos documentos, resultaram em uma análise sobre o próprio fazer cronístico e a escrita dos eventos, tendo como ponto de partida a aparição de uma mulher na narrativa dos acontecimentos americanos. Para isso, a primeira parte deste trabalho é um esforço para explicar o que foi a produção das crônicas no cenário americano, que conciliou a sua forma tradicional de narrar os fatos com elementos do novo ambiente encontrado (fontes indígenas, diversidade dos cronistas, vivência dos acontecimentos). A reunião desses variados textos que versam sobre a conquista foi aqui denominada por Crônicas de Índias. Em um segundo momento, traz uma descrição sobre quem eram esses cronistas, quais ocupações tiveram os que participaram da conquista e os que estiveram ausentes, e que interesses motivaram suas escritas. Posterior a essa questão, está presente a abordagem sobre os conhecimentos prévios dos cronistas que sustentaram suas impressões sobre o Novo Mundo, como a crença em mitos e lendas, a influência recebida pelos livros de viagens, pelos romances de cavalaria e pelas explicações religiosas. Finalmente, aparece a discussão sobre o lugar da história nesse momento, sua estreita relação com a memória e seu papel como mestra da vida, o que exigia dos autores um compromisso com a verdade dos fatos. Tudo isso, com a intenção de apresentar as crônicas e os cronistas que construíram a imagem da personagem aqui analisada, para que se compreenda como Malinche foi vista durante a conquista.

Na segunda parte do trabalho, a abordagem concentra-se no significado da memória para essa época, entendida como uma maneira de conservar o passado pelo registro dos acontecimentos e indivíduos importantes para história. O conhecimento futuro sobre a conquista espanhola do México seria possível de acordo com a versão escrita produzida pelos cronistas, por isso a seletividade na escolha dos fatos e figuras que deveriam ou não fazer parte do relato. Se a história era uma coleção de exemplos que deveriam ser imitados pelo homem do presente, somente os acontecimentos virtuosos e seus atores principais seriam perpetuados pela memória. É exatamente neste ponto que a pergunta central do trabalho se faz presente: por que Malinche aparece como participante lembrada por essa história e, portanto, parte integrante na memória da conquista? A partir dessa questão, será discutido o lugar do intérprete, da mulher e do escravo nesse contexto, com o objetivo de mostrar quem eram os personagens lembrados pelas crônicas. Em seguida, a análise foca na atuação de Malinche como tradutora, intérprete e *faraute* de Cortés, segundo o olhar particular de cada cronista. A diversidade de visões e a preocupação com a verdade dos fatos resultou em diferentes

hipóteses sobre o passado de Malinche, o modo como se tornou escrava e as cenas em que participou. O próximo ponto examinado serve para ilustrar que o círculo comunicativo estabelecido com Jerónimo de Aguilar – espanhol que aprendeu o maia depois de anos em convívio com esse povo, passando a ser o tradutor nos diálogos – logo que Malinche se tornou intérprete, foi fundamental para o processo comunicativo entre Cortés e os indígenas, primeiro passo para a vitória espanhola. Uma vez explicado o papel de Malinche nos diálogos realizados, o último subcapítulo da segunda parte analisa a importância dessa personagem para a aproximação cultural entre indígenas e espanhóis através do contato estabelecido por sua mediação. Questão que se relaciona com o processo de mestiçagem iniciado já na conquista e que vai prolongar-se por toda a colonização.⁸

Deixando de lado os rumos que este trabalho seguiu para responder à pergunta lançada, falta explicar a escolha do tema e dos cronistas elencados. Como primeira consideração, é necessário enfatizar que o interesse sempre foi estudar a indígena Malinche, justamente por ser uma figura específica na história da conquista do México. O que chamou a atenção foi a imagem dela fixada pela historiografia pós-conquista, como a índia que ajudou Cortés durante a tomada do governo asteca. Na verdade, a representação de Malinche como traidora dos indígenas por se posicionar ao lado dos espanhóis – discurso nascente no século XIX – motivou a pesquisa sobre essa mulher. A pretensão inicial era estudá-la a partir desse rótulo de traidora, buscando nas crônicas do século XVI qual a imagem de Malinche na conquista. Mais especificamente, a pergunta era saber se Malinche foi considerada culpada pela conquista desde essa época, ou se tal visão nasceu mesmo do discurso nacionalista mexicano. O grande recorte temporal exigido para a construção desse tema, já que não seria simplesmente uma volta ao século XVI como forma de conhecer Malinche – mas também a análise de documentos datados do século XVII e XVIII – resultou na desistência de tal pesquisa. Ainda que esse estudo fosse plausível, a reunião de informações sobre as épocas distintas e o curto tempo do mestrado não estavam a favor dessa escolha.

Para que o assunto não fosse totalmente descartado, uma nova questão surgiu como alternativa para esse trabalho. A visão sobre Malinche na época em que ela serviu como intérprete de Cortés ainda incomodava, o que possibilitou a formulação de outra pergunta a despeito de sua participação nesse evento. Como o primeiro tema buscava nas crônicas do século XVI aspectos que indicassem quem foi a índia que auxiliou os espanhóis nesse momento, porque, então, não investigar quais as causas que levaram os cronistas a realizar tal

⁸ GRUZINSKI, Serge. *O pensamento mestiço*. São Paulo: Companhia das Letras, 2001, p. 78.

descrição? A concepção da história como lugar destinado aos grandes homens e ilustres feitos, presente nos cronistas de Índias, completou a indagação sobre a expressividade de Malinche em tais relatos. Essa nova abordagem permitiu uma reflexão sobre a produção cronística de Índias, assunto que abre esta dissertação, mas também deu espaço para uma análise sobre a personagem em questão, segundo a percepção individual de cada cronista.

Cabe explicar agora, a opção pelas seis crônicas já citadas em meio a tantas outras que também relataram a presença de Malinche. Em primeiro lugar, esse conjunto de relatos escritos no contexto da conquista espanhola é aqui considerado como Crônicas de Índias, uma definição que abrange todos os textos produzidos até 1600.⁹ Trata-se de obras elaboradas por diferentes participantes que estiveram no Novo Mundo, por letrados que descreveram os fatos a partir da consulta de testemunhos ali presentes e por indígenas que receberam uma educação européia com a frequência nos colégios religiosos. Dada a diversidade de seus autores, as Crônicas de Índias caracterizam-se por uma interação cultural estabelecida entre elementos indígenas e espanhóis na composição narrativa. Diferentes informações, dados e aspectos culturais se relacionaram e se entrecruzaram durante a descrição da história da conquista, o que indica que esses relatos não podem ser considerados isoladamente como crônicas indígenas e crônicas espanholas.¹⁰ A distinção étnica desses cronistas não determinou, portanto, a maneira como os acontecimentos foram contados, de modo que um confronto de visões que mostraria o que esses grupos disseram sobre Malinche foge dos propósitos desta pesquisa. Ao contrário disso, o uso intencional de autores indígenas e espanhóis pretende transmitir uma imagem complementar sobre tal intérprete, considerando que essas crônicas foram escritas sob o mesmo contexto da conquista.

Sendo assim, a leitura da crônica de Diego Muñoz Camargo, Hernando Alvarado Tezozomoc, Bernal Díaz del Castillo, Francisco López de Gómora, Bernardino de Sahagún e Hernán Cortés pode ser justificada por apresentar conteúdos importantes sobre Malinche. Muitos outros cronistas citam a intérprete em seus escritos, como Bartolomé de Las Casas, Gonzalo Hernández de Oviedo e mesmo Fernando de Alva Ixtlilxochitl, que a menciona posteriormente, no século XVII. No entanto, são estes seis cronistas referidos acima que informam sobre a vida, o passado e a atuação de Malinche na conquista, sendo os documentos principais em que os demais cronistas se ampararam para a elaboração de seus textos anos

⁹ VALCÁRCEL MARTÍNEZ, Simón. *Las crónicas de Índias como expresión y configuración de la mentalidad renacentista*. Granada: Disputación Provincial de Granada, 1997. p. 9.

¹⁰ INOUE OKUBO, YUKITAKA. Crónicas indígenas: una reconsideración sobre la historiografía novohispana temprana. In: LEVIN ROJO, Danna; NAVARRETE, Federico. (Org.). *Indios, mestizos y españoles - Interculturalidad e historiografía en la Nueva España*. México: UNAM, 2007, 87.

depois. A variedade desses seis autores também contribui para a construção de diferentes imagens sobre ela, já que a escrita de um religioso não foi a mesma que a de um soldado, ainda que os moldes de composição da crônica fossem os mesmos. Desta forma, a figura de Malinche que este trabalho se propõe a analisar, a partir de sua predominância nos relatos da conquista que se preocupam com a descrição de personagens masculinos, é um constructo de diversos cronistas que decidiram inseri-la nas páginas da história. O que será investigado no texto a seguir é porque Malinche foi então descrita por estas Crônicas de Índias.

PRIMEIRA PARTE

CRÔNICAS DE ÍNDIAS – UM REGISTRO HISTÓRICO

Na *Carta a Luis de Santángel*, escrita em 15 de fevereiro de 1493, Cristóvão Colombo descreve a primeira impressão de seu encontro com o Novo Mundo:

*La Española es maravilla. Las sierras y las montañas y las vegas y las campiñas y las tierras tan hermosas y gruesas para plantar y sembrar, para criar ganados de todas las suertes, para edificios de villas y lugares. Los puertos de la mar, aquí no habría creencia sin vista, y de los ríos muchos y grandes y buenas aguas, los más de los cuales traen oro. En los árboles y frutos y hierbas hay grandes diferencias de aquellos de la Juana. En ésta hay muchas especierías y grandes minas de oro de otros metales.*¹

A visão favorável da América como terra de abundância provida de uma exuberante natureza com minas de ouro e metais preciosos foi uma referência recorrente para os conquistadores espanhóis do século XVI. Por meio de Colombo, chegaram à Europa as imagens iniciais formadas do novo espaço descoberto, que revelaram aspectos naturais e geográficos e reafirmaram a presença abundante do ouro para uma coletividade interessada nas notícias ancoradas no porto sevilhano. Esse conjunto de informações nascidas da relação com as Índias foi marcado pelo sentimento de “maravilhamento” perante o cenário observado.² As gentes, os costumes, a fauna, a flora, os recursos naturais e o ouro proporcionaram o deslumbramento do navegador genovês, que tratou de expressar suas percepções em seu relato. Esse pano de fundo pintado sobre o ambiente americano esteve inicialmente na imaginação de cronistas e conquistadores como um retrato pronto do Novo Mundo e que abriu caminho para as demais incursões e as novas descobertas marítimas.

Baseados nas ideias pré-concebidas sobre a outra parte do mundo, diversos cronistas esforçaram-se em transportar para o papel a realidade presenciada nos anos vividos na América e acabaram atualizando a visão construída por Colombo. Isso porque, o testemunho pessoal produziu outras percepções sobre o Novo Mundo na medida em que a vivência nesse lugar aproximou o espanhol do continente encontrado. As páginas das obras dedicadas à

¹ COLOMBO, Cristóvão. Carta a Luis de Santángel. In: SERNA, Mercedes. *Crônicas de Índias*. Antología. Madrid: Cátedra, 2005. p. 119.

² Segundo Stephen Greenblatt, é o “[...] maravilhamento um componente quase inevitável do discurso da descoberta, pois, por definição, ele é um reconhecimento instintivo da diferença, o indício de uma atenção altamente concentrada, ‘uma surpresa súbita da alma’ [...]”. GREENBLATT, Stephen. *Possessões maravilhosas*. São Paulo: Edusp, 1996. p. 31.

narrativa desse outro universo passaram a ser ocupadas pela exposição da organização hierárquica dos grupos nativos, pelas crenças idolátricas, pelo apego aos símbolos como forma de representação escrita, pelas vestimentas, pelos hábitos, pelo calendário e pelo fascínio diante das grandiosas cidades comparadas às existentes na Espanha. A apreensão desse contato foi acompanhada pelo sentido religioso da conquista, antes previsto nas cartas de Colombo e agora retomado no texto cronístico.³ Assim como a crença nas lendas e nos mitos cultivados pelos autores antigos – como as amazonas, os gigantes e o El Dorado – a providência divina foi determinante na interpretação dos acontecimentos. As imagens verificadas pelo olhar dos conquistadores foram, portanto, relacionadas ao conhecimento prévio que tinham sobre o Novo Mundo, porque frente ao diferente buscava-se o familiar como meio explicativo.⁴

As Crônicas de Índias operaram de modo importante na expressão textual desse encontro e sentimento aflorados diante da América. A partir desses relatos, a impressão formada do “visto e do vivido” pôde ser revelada pelas palavras dos cronistas envolvidos com a narrativa. A discussão proposta pela primeira parte deste trabalho gira em torno, exatamente, do processo de formação das Crônicas de Índias. O interesse é saber o que são esses textos que registraram os movimentos realizados por indígenas e espanhóis na conquista, tendo em vista que apresentam traços novos justamente por introduzir aspectos e características da vida cotidiana dos nativos na descrição dos fatos ocorridos nesse contexto. Mais precisamente, a intenção é conhecer o processo de formação das Crônicas de Índias, chamadas assim pelo componente cultural indígena e espanhol que sustenta sua construção argumentativa. Com esse entendimento, o esforço direciona-se para a investigação sobre os motivos e os interesses que determinaram que muitos participantes da conquista escrevessem seus relatos. Acredita-se que o contexto renascentista europeu que influenciava o homem na busca por um lugar destacado na história, por meio de grandes feitos e valorosas proezas, esteve por trás da produção cronística de Índias. A retomada dessas ideias e conceitos retirados de autores antigos vinham do contato com leituras e concepções compartilhadas na época. Por isso, também será mostrado quais são as leituras efetuadas pelos cronistas, a fim de se compreender de onde partiram seus argumentos sobre o Novo Mundo.

³ Com a ideia de Cruzada em Colombo, “[...] aparece la visión providencialista de la conquista que tanta repercusión tendrá en todos los cronistas de Indias”. SERNA, Mercedes. op. cit., p. 42.

⁴ ELLIOTT, John H. *O Velho Mundo e o Novo*. 1492-1650. Lisboa: Quercus, 1984. p. 36-37.

1.1 O processo de formação das Crônicas de Índias

“[...] y dejemos palabras, pues las obras son buen testigo de lo que digo”. (Bernal Díaz del Castillo).

A história da conquista espanhola do México, ocorrida durante a primeira metade do século XVI, teve seus capítulos narrados por diferentes participantes que testemunharam os percursos e os acontecimentos desse evento. Sujeitos comuns, instigados pelo afã de narrar as impressões sentidas e as cenas observadas, fizeram da escrita cronística o meio difusor da realidade americana.⁵ Conciliando a crônica europeia herdada do medievo com elementos indígenas, incorporados pelo contato cultural estabelecido nesse momento, conquistadores, soldados, religiosos e nativos produziram cartas, crônicas, histórias e relações que em conjunto constituíram as Crônicas de Índias.⁶ A proposta deste subcapítulo é discutir em que medida essa forma de relato acabou por inaugurar uma escrita americana ao utilizar traços culturais indígenas e espanhóis na elaboração argumentativa.⁷ Para isso, será necessário mostrar os constantes diálogos entre o velho e o novo mundo, que estabeleceram e firmaram esse contato cultural descrito nas crônicas.

O encontro do espanhol com as gentes, os costumes, os animais, as frutas, o clima e as impressionantes cidades erguidas pelos povos mexicanos –, que tanto surpreenderam pela organização e tamanho –, precisava ser divulgado por aqueles que lá estiveram, como revela Bernal Diaz del Castillo: “*Y de que vimos cosas tan admirables, no sabíamos que nos decir, o si era verdad lo que por delante parecía, que por una parte en tierra había grandes ciudades, y en la laguna otras muchas [...]*”.⁸ As Crônicas de Índias cumpriram esse papel de contar a experiência vivida na América e os desmembramentos desse encontro para o público ausente que, por meio desses relatos, pôde conhecer, de certa forma, as novas terras descobertas. Com manuscritos e anotações trazidos na bagagem, viajantes recém-chegados descreveram aos leitores os aspectos geográficos e culturais dos povos encontrados, com informes acerca de

⁵ CARRILLO, Francisco. *Cartas y cronistas del descubrimiento y la conquista*. Lima: Editorial Horizonte, 1987, p. 10.

⁶ Simón Valcárcel Martínez considera todos os textos produzidos até 1600 que versam sobre o descobrimento, conquista e colonização da América como Crônicas de Índias. VALCÁRCEL MARTÍNEZ, Simón. *Las crónicas de Índias como expresión y configuración de la mentalidad renacentista*. Granada: Disputación Provincial de Granada, 1997. p. 9.

⁷ Enrique Pupo-Walker afirma que nos textos de Índias “convergen recursos y tradiciones escriturales muy diversas. Más aún, en la evolución de la narrativa histórica, las grandes crónicas de Indias representan, en muchas órdenes, una nueva plenitud textual [...]”. PUPO-WALKER, Enrique. *La vocación literaria del pensamiento histórico en América*. Madrid: Gredos, 1982. p. 12.

⁸ DIAZ DEL CASTILLO, Bernal. *Historia verdadera de las cosas de Nueva España*. Madrid: Castália, 1999. p. 242.

hábitos, línguas, comidas, vestimenta, fisionomia, cultos, crenças e costumes. Apontamentos esses que se transformaram na *Historia general y natural de las Índias* de Gonzalo Hernández de Oviedo, obra datada de 1535 e valiosa por sua visão de conjunto da natureza americana,⁹ e no texto *Historia natural y moral de las Indias* de 1590, escrito pelo padre José de Acosta, com uma linguagem explicativa sobre a realidade física e cultural do Novo Mundo, decorrente de seu interesse pelos grupos nativos. Junto a estas duas obras, a crônica produzida por frei Bernardino de Sahagún *Historia general de las cosas de Nueva España* também apareceu a partir das anotações registradas durante sua estadia no México. Elaborada entre os anos 1547 e 1575, o conjunto de livros de Sahagún é considerado um manual da cultura náhuatl pelo estudo etnográfico exercido a partir da consulta direta de fontes indígenas escritas e orais,¹⁰ que serão mais bem discutidas posteriormente. Além dessas crônicas que apresentavam a natureza, o cenário e os costumes dos indígenas americanos, outros relatos destacaram o lado militar da conquista ao contar os caminhos percorridos, as alianças seladas, as disputas e os perigos sofridos até a tomada de Tenochtitlan, como narra Cortés em suas *Cartas de Relación* destinadas ao rei espanhol Carlos V. Com esses textos, foi possível o entendimento sobre a nova parte do mundo encontrada, a partir da demonstração de um cenário até então conhecido somente pelas imagens projetadas por mitos e lendas da época.

A diversidade de informações trazidas pelos viajantes que desembarcavam em Sevilha em pouco tempo circulava nos meios letrados, despertando a curiosidade dos espanhóis interessados nas notícias vindas da América. Como centro comunicativo entre a Europa e o Novo Mundo, Sevilha adquiriu grande importância nesse período pela condição de “porto e porta das Índias”, lugar que ancorava as riquezas americanas e acolhia os viajantes recém-chegados.¹¹ Berço do rio Guadalquivir, usado como escoadouro de mercadorias para o mar, Sevilha abrigava o porto principal por onde saíam as grandes embarcações que zarpavam para a América e por onde chegavam as naus carregadas de produtos coletados. O trânsito de bens preciosos vindos das diversas partes do oceano e o ativo comércio estabelecido atraíram artistas, pintores, navegadores, geógrafos, cartógrafos, escritores e letrados da época, que buscavam espaço para a manifestação de seus ofícios.¹² Não foi por acaso que Sevilha recebeu na primeira metade do século XVI a instalação da imprensa espanhola, pelo alemão

⁹ SERNA, Mercedes. op.cit., p. 69.

¹⁰ BAUDOT, Georges. *La vida cotidiana en la America Española en tiempos de Felipe II*. Siglo XVI. México: Fondo de cultura económica, 1992. p. 322.

¹¹ GARCÍA-BAQUERO GONZALEZ, Antonio. Aristocratas e mercadores. In: ARAÚJO, Carlos (Dir.). *Sevilha, século XVI*. De Colombo a D. Quixote, entre a Europa e as Américas – o coração e as riquezas do mundo. Lisboa: Terramar, 1992. p. 97.

¹² ESLAVA GALÁN, Juan. Entre Colombo e D. Quixote. *Sevilha, século XVI*. De Colombo a D. Quixote, entre a Europa e as Américas – o coração e as riquezas do mundo. Lisboa: Terramar, 1992. p. 24.

Jacob Cromberger, responsável por publicar variados tipos de livros que passaram pelas mãos dos poucos espanhóis cultos e pelos ouvidos da maioria desprovida de alfabetização, mas bastante apegada às histórias contadas em praças e festas públicas.¹³ A imprensa cumpriu papel significativo nesse contexto ao contribuir para a dispersão das notícias chegadas das Índias e dos primeiros relatos escritos por viajantes. Do mesmo modo, imprimiu manuais de navegação escritos por cartógrafos para o aprimoramento das artes marítimas, que contribuíram para as longas viagens realizadas nesse período, como o clássico *Breve Resumo da Esfera e da Arte de Navegar*, de Martín Cortés, publicado em 1551 na cidade de Sevilha.¹⁴

A produção de Crônicas de Índias mencionadas até agora encontrou seu auge durante o reinado de Felipe II, por esse cenário cultural inspirador e propício ao desenvolvimento dessa literatura e pelo favorecimento do tempo decorrido, já que se passavam mais de trinta anos após a descoberta da América quando começou a surgir um grande número de relatos sobre a conquista.¹⁵ O conhecimento de cada episódio sucedido e do desfecho vitorioso dos espanhóis no território mexicano ofereceu aos cronistas maior tranquilidade para redigir seus textos na segunda metade do século XVI. Para se orientar cronologicamente na construção da crônica, a escrita posterior ao desenlace da conquista apropriou-se de argumentos e informações retirados dos diários e cartas produzidos pelos comandantes das expedições no calor dos fatos. Desse modo, o clérigo Francisco López de Gómora utilizou as *Cartas de Relación* de Cortés como referente temporal e argumentativo sobre a conquista e, posteriormente, o soldado Bernal Diaz del Castillo favoreceu-se da *Historia de la conquista de Mexico* de Gómora para elaborar a sua versão particular do evento. Outros cronistas também lançaram mão da leitura dos primeiros relatos, já que as novidades da América não constavam em livros antigos e nos autores clássicos.¹⁶

A partir desse movimento da América para a Europa, aqui realizado propositalmente para explicar a influência dos descobrimentos sobre a Espanha, o eixo é invertido agora para Europa-América, a fim de entendermos a interação ocorrida também pela chegada dos espanhóis na região mexicana. Sendo assim, a escrita crônística viajou com os conquistadores para as novas terras, acompanhada das principais instituições espanholas da época, como

¹³ LEONARD, Irving A. *Los libros del conquistador*. México: Fondo de cultura económica, 1996. p. 27.

¹⁴ PÉREZ-MALLAÍNA, Pablo E. Botânica e cartografia: a explosão da ciência. In: ARAÚJO, Carlos (Dir.). *Sevilha, século XVI*. De Colombo a D. Quixote, entre a Europa e as Américas – o coração e as riquezas do mundo. Lisboa: Terramar, 1992. p. 207.

¹⁵ BAUDOT, Georges. op. cit., 1992, p. 319.

¹⁶ Segundo Ramón Iglesia, estava dentro do critério da época a consideração de que as fontes eram patrimônio comum, de modo que os cronistas liam-se uns aos outros durante a composição de suas crônicas. IGLESIA, Ramon. *Cronistas e historiadores de la conquista do México*. México: Biblioteca de la ciudad de México, s/d. p. 203.

igrejas, colégios, universidades, imprensa, entre outras. Com a expansão das fronteiras além-mar pelo governo Habsburgo, o império adquiriu um caráter transatlântico, com territórios fora dos limites europeus e de contornos globais.¹⁷ Sob o mesmo cetro, Felipe II reuniu espanhóis e indígenas americanos que passaram a compartilhar o espaço comum e a multiplicar suas culturas.¹⁸ Desta forma, o que até o momento era a cidade mexicana de Tenochtitlan aos poucos tomava a forma de uma típica cidade hispânica, com igrejas, colégios, universidades, ruas, praças e prédios do governo, inspirados na arquitetura da metrópole.¹⁹ Foram importadas a estrutura administrativa e a organização religiosa, que logo se instalou nos colégios a fim de dirigir a conversão dos nativos e a extirpação de idolatrias. O colégio representou uma das instituições mais eficazes no combate às crenças indígenas e à doutrinação dos modos de pensar mexicanos, porque mantinha as rédeas da formação dos nativos desde criança até a fase adulta, oferecendo um ensino voltado para a escrita castelhana, para a leitura dos livros clássicos e, principalmente, para a catequização, já que seu propósito era a conquista espiritual.²⁰

A criação desses espaços de aprendizagem se deu nos anos iniciais da conquista: em 1523 surge o Colégio de Texcoco e em 1525, o Colégio de México, que instruía de acordo com a educação primária espanhola (ler, escrever, contar e cantar).²¹ Todavia, nem todos os nativos eram permitidos e aceitos em determinados colégios, que admitiam somente os filhos da nobreza mexica. O colégio de Santa Cruz de Tlatelcolco, por exemplo, fundado por frei Bernardino de Sahagún em 1536, era seletivo e excludente. Nesse local, os estudantes eram unicamente os filhos dos senhores principais porque o ensino estava direcionado à formação de um futuro seminarista americano. De acordo com o projeto de Sahagún, esse colégio deveria tornar seus alunos os dirigentes ideais da “república de índios” cristã.²²

¹⁷ ELLIOTT, John H. op. cit., 1984, p. 115.

¹⁸ BERNARND, Carmen; GRUZINSKI, Serge. *História do Novo Mundo*. São Paulo: Edusp, 2001. p. 235.

¹⁹ “A ocidentalização cobre o conjunto dos meios de dominação introduzidos na América pela Europa do Renascimento: a religião católica, os mecanismos do mercado, o canhão, o livro ou a imagem”. GRUZINSKI, Serge. *O pensamento mestiço*. São Paulo: Companhia das Letras, 2001, p. 94.

²⁰ Irving Leonard afirma que “Documentos irrefutables del siglo XVI prueban que los españoles se embarcaron en la idealista empresa de educar a los indios, enseñándoles tanto español como latín. El alto propósito de la Corona se traduce en los magníficos esfuerzos que la Iglesia hizo durante los primeros tiempos de la dominación para mitigar la crueldad de los conquistadores y civilizar a los aborígenes de las Indias. Famosa es la labor humana de aquellos grandes misioneros [...] que dedicaron sus vidas a la fundación de escuelas de arte y oficios para los indios, enseñándoles a leer, a escribir y a cantar. Hay numerosos testimonios de la facilidad y prontitud con que los indios aprendían”. LEONARD, Irving A. op. cit., p. 84.

²¹ BAUDOT, Georges. op. cit., 1992, p. 311.

²² ALCÁNTARA ROJAS, Berenice. Palabras que se tocan, se envuelven y se alejan. In: LEVIN ROJO, Danna; NAVARRETE, Federico. (Org.). *Indios, mestizos y españoles - Interculturalidad e historiografía en la Nueva España*. México: UNAM, 2007. p. 116.

Com a instalação de diversos colégios no México, a presença espanhola foi sentida intensamente na educação e na visão de mundo dos nativos, que gradativamente tiveram alterados os seus padrões de escrita, de conservação da memória e de concepção da história, além de assistirem à dissolução de seus mitos de explicação sobre o universo, o que dava lugar ao novo discurso religioso europeu.²³ Pode-se destacar como exemplo a proibição dos rituais públicos de sacrifício humano dedicados às diferentes divindades cultuadas pelos mexicas, ao mesmo tempo em que se impunham novas cerimônias pertencentes às festas do calendário cristão. Esse processo foi bastante significativo porque transformou o modo de vida dos indígenas, que era estreitamente vinculado à religiosidade e às crenças herdadas de seus antepassados.²⁴ De outro modo, a permanência dos espanhóis também influenciou as produções textuais desses grupos, que passaram a representar o passado por meio das letras do alfabeto europeu aprendidas nos colégios religiosos. A crônica europeia destinada a conservar o passado foi incorporada pelos nativos e conciliada com os códices e com a grafia pictográfica, modificando a maneira de escrever a história dos indígenas.

Anteriormente à chegada do espanhol no território dominado por Montezuma, os povos nativos ali instalados demonstravam o passado com desenhos e símbolos destinados a transmitir mensagens, como mostra o cronista Francisco López de Gómora:

*No se han hallado letras hasta hoy en las Indias, que no es pequeña consideración; solamente hay en la Nueva-España unas ciertas figuras que sirven por letras, con las cuales notan y entienden toda cualquier cosa, y conservan la memoria y antigüedades. Estas figuras que usan los mexicanos por letras son grandes; y así, ocupan mucho; entállanlas en piedra y madera; píntanlas en paredes, en papel que hacen de algodón y hojas de metl.*²⁵

A história ocorrida era reproduzida em livros de memória que conservavam os acontecimentos e os eventos mais importantes para o grupo, assim como a linhagem dos senhores principais, as datas festivas, as tradições culturais, religiosas e até mesmo informações sobre os limites geográficos de cada região e a relação dos impostos recebidos. Para isso, existiam diversos tipos de códices, cada um com uma finalidade específica de

²³ LEÓN-PORTILLA, Miguel. *Literaturas indígenas de México*. Madrid: editorial Mapfre, 1991. p. 135.

²⁴ Para Serge Gruzinski, a cristianização dos mexicanos pela atuação dos frades espanhóis desestabilizou o sistema de crenças indígenas: “Lograron dismantelar los ciclos paganos que con una regularidad perfecta ritmaban el curso de los tiempos y la existencia de pueblos enteros. Sin embargo, pasaron años antes de que estos ‘vacíos’ fueran ocupados por nuevas liturgias y nuevos ciclos rituales – los de la iglesia católica, por supuesto”. GRUZINSKI, Serge. *Las repercusiones de la conquista: la experiencia novohispana*. In: BERNAND, Carmen. *Descubrimiento, conquista y colonización de América a quinientos años*. México: Fondo de la cultura económica, 1994. p. 158.

²⁵ LÓPEZ DE GÓMORA, Francisco. *Historia de la conquista de México*. Venezuela: Ayacucho, 1979. p. 312.

registrar diferentes conteúdos e de manter um calendário que organizava a vida desses povos. Durante a confecção desses livros, era o *tlacuilo* quem pintava as cenas presenciadas e desempenhava o papel de historiador na hierarquia social indígena, ao recordar, informar e produzir o que deveria ser narrado.²⁶ Ao lado dessa função, também desempenhava o papel de interpretar e memorizar as figuras representadas que, posteriormente, deveriam ser traduzidas a todos. Justamente por isso, a escrita da história nesses grupos era produzida por uma parte limitada de especialistas em registrar os acontecimentos para depois transmiti-los oralmente ao público. Tratava-se de uma prática exercida por poucos, o que fazia desses escribas personagens destacados entre os demais indígenas e respeitados pela sua posição de guias, videntes e sábios.²⁷ Num dos primeiros contatos entre espanhóis e mexicas, o soldado Bernal Diaz del Castillo presenciou esse processo operado pelos nativos locais:

*Parece ser que el Tendile traía consigo grandes pintores, que los hay tales en México, y mandó pintar al natural rostro, cuerpo y facciones de Cortés y de todos los capitanes y soldados, y navíos y velas e caballos, y a doña Marina e Aguilar, hasta dos lebreles, e tiros e pelotas, e todo el ejército que traíamos, e lo llevó a su señor.*²⁸

Essas imagens gravadas pelos *tlacuilos* eram fixadas nos códices para serem interpretadas e apresentadas depois a Montezuma, com o objetivo de informar toda a cena observada, de maneira que o rei asteca tomou conhecimento da vinda dos espanhóis por estes desenhos conjugados à oralidade. A pintura desse encontro ficaria registrada nesses códices e, aliada aos outros acontecimentos gravados, tornava-se parte da memória do período regido por Montezuma. Além disso, certificava o conhecimento e a difusão desses eventos às futuras gerações porque protegia os fatos do esquecimento, grande preocupação desses grupos.²⁹ Entretanto, o encontro com o espanhol encobriu, de certo modo, a produção dos códices e, com os passos da colonização, diminuiu esse tipo de registro, já que a crônica europeia também passou a ser utilizada pelos nativos. Em outras palavras, o escriba conviveu com o cronista, e o passado indígena tornou-se representado igualmente nas crônicas, como ilustram a *Historia de Tlaxcala* de Diego Muñoz Camargo e a *Crónica mexicana* de Hernando Alvarado Tezozomoc.

²⁶ NATALINO, Eduardo. *Os códices mexicas. Soluções figurativas a serviço da escrita pictográfica*. Disponível em: <http://www.anphlac.org/periodicos/anais/encontro5/eduardo_natalino.pdf>. Acesso em: 10/05/2010.

²⁷ FLORESCANO, Enrique. *Memória Mexicana*. México: Fondo de la cultura económica, 1999. p. 148.

²⁸ DIAZ DEL CASTILLO, Bernal. op. cit., p. 151.

²⁹ LEÓN-PORTILLA, Miguel. *Toltecáyotl – aspectos de la cultura náhuatl*. México: Fondo de cultura económica, 1992. p. 53.

O surgimento desse tipo de texto no universo mexica marcou o encontro cultural instituído no solo americano a partir da conquista. Uma vez assimilada pelos nativos como forma de expressão escrita, a crônica europeia trazida com a colonização proporcionou o diálogo entre indígenas e espanhóis, produtor de uma nova linguagem histórica, com diferentes maneiras de ver e registrar o passado, em que o elemento americano foi intensamente absorvido e misturado ao relato.³⁰ Em consequência, tornou esses cronistas os primeiros narradores da América, que tentaram traduzir pelas crônicas as percepções e visões sobre os desmembramentos da conquista.³¹ O intercâmbio de informações e fontes permitiu uma constante comunicação entre as tradições mantidas por esses dois povos, de modo que nos relatos de Índias foi possível a manifestação das diferentes vozes faladas no espaço americano, isto é, de indígenas e espanhóis. É desse modo que o religioso Bernardino de Sahagún compôs sua *Historia general de las cosas de Nueva España*, versão em espanhol da obra compilada primeiramente em náhuatl, que contou com a ajuda de um grupo de alunos mexicas:

*Aunque muchos han escrito en romance la conquista de Nueva España, según la relación de los que la conquistaron, quisela yo escribir en lengua mexicana, no tanto por sacar algunas verdades de la relación de los mismos indios que se hallaron en la conquista, cuanto por poner el lenguaje de las cosas de la guerra y de las armas que en ella usan los naturales, para que de allí se puedan sacar vocablos y maneras de decir propias para hablar en lengua mexicana.*³²

A intenção desse frei era reunir informações que revelassem aspectos da cultura náhuatl a fim de servir como guia ou manual para os outros religiosos engajados na catequização. Como acreditava que as idolatrias dos indígenas eram desconhecidas pelos espanhóis, e por isso ainda praticadas de forma oculta, Sahagún pretendia desvendar com sua obra determinados cultos e auxiliar os demais religiosos.³³ No entanto, o que deveria ser uma crônica sobre esse universo pesquisado, para o conhecimento dos espanhóis, acabou tornando-se também um espaço textual em que se expressaram conjuntamente a cultura espanhola e a cultura mexica. Isso porque, além de utilizar as fontes orais dos diversos testemunhos indígenas que relatavam o passado mexica com o apoio da memória e lançar mão dos códices antigos simultaneamente

³⁰ FLORESCANO, Enrique. op. cit., 1999, p. 266.

³¹ PUPO-WALKER, Enrique. op. cit., p. 9.

³² SAHAGÚN, Bernardino de. *Historia general de las cosas de Nueva España*. Madrid: Alianza editorial, 1988, v. 2, p. 817.

³³ LIENHARD, Martin. Los comienzos de la literatura “latinoamericana”: monólogos y diálogos de conquistadores y conquistados. In: PIZARRO, Ana. (Org.). *Palavra, literatura e cultura nas formações discursivas coloniais*. A situação colonial. Campinas: UNICAMP, 1993. p. 52.

traduzidos e interpretados por seus alunos, Sahagún confeccionou sua crônica com o alfabeto náhuatl, cuja argumentação se fazia por desenhos, ilustrações e breves explicações. Posteriormente, na tradução espanhola, o cronista manteve citações retiradas dos códices mexicas mescladas ao texto, como pode ser notado na passagem descritiva sobre as palavras proclamadas por uma parteira indígena, após o nascimento de uma criança:

*Oh, piedra preciosa! Oh, pluma rica! Oh esmeralda! Oh zafiro! Fuestes formada en el lugar donde están el gran dios y la gran diosa, que es sobre los nueve cielos. Formóos y crióos vuestra madre y vuestro padre que se llama Ometecuhtli y Omecíhatl, mujer celestial y hombre celestial.*³⁴

Em diversos momentos repete esse recurso e traz a voz dos mexicas para dentro de seu texto.³⁵ Após quase trinta anos de dedicação à crônica, a obra de Sahagún representou uma importante fonte de consulta para os outros cronistas de Índias, interessados nos primeiros escritos sobre os indígenas. Ao que parece, houve versões adaptadas da *Historia general* nesse momento, já que sua publicação foi proibida em 1577 por Felipe II, devido ao conteúdo abordado.³⁶

Nessa mesma perspectiva de préstimo cultural estabelecido na produção cronística está o texto *Historia de Tlaxcala* de Diego Muñoz Camargo, que conta a história do grupo tlaxcalteca durante sua formação até a chegada dos espanhóis, evento que encerra o relato: “[...] he acabado de tratar de la descendencia de los cuatro cabeceras de Tlaxcala, reinos y señoríos que no fue otro nuestro fin, aunque, para mayor claridad quiero ponerlo por más extenso, porque no se oscurezca su memoria [...]”.³⁷ Embora pertencente a este povo, Diego Muñoz fez uma argumentação em defesa da religião cristã e de um único deus, o do conquistador. Ao mesmo tempo, classificou como “bárbaros” e “errôneos” as crenças indígenas e os sacrifícios aos deuses, considerando-os práticas demoníacas, como escreve em certa passagem: “[...] los sacerdotes y el sacerdote mayor del templo de Camaxtli fueron al sacrificio, comenzando a hacer sus ofrendas y a perfumar a su oráculo con los inciensos y sacrificios acostumbrados y diabólicas supersticiones [...]”.³⁸ A obra revela uma posição moldada a partir da educação religiosa recebida durante a frequência aos colégios espanhóis e

³⁴ SAHAGÚN, Bernardino de. op. cit., v. 1, p. 417.

³⁵ Segundo Danna Rojo, há uma interação de vozes na obra de Sahagún: “Pese la desigualdad de poder entre los actores, el resultado no fue el simple avasallamiento, subordinación o supresión de las voces indígenas, sino que éstas encontraron diversas maneras de adaptarse y hacerse escuchar en la obra sahadutina”. LEVIN ROJO, Danna. Introducción. El problema de la historiografía indígena. In: LEVIN ROJO, Danna; NAVARRETE, Federico. (Org.). op. cit., p. 17.

³⁶ KARNAL, Leandro. As crônicas ao sul do Equador. In: *Revista Idéias*. Campinas: UNICAMP, 2006. p. 16.

³⁷ MUÑOZ CAMARGO, Diego. *Historia de Tlaxcala*. Madrid: Dastin, 2001. p. 124.

³⁸ *Ibid.*, p. 107.

dos pontos de vista europeus, assimilados pelos indígenas. Também exemplifica a consulta de fontes franciscanas para a composição da crônica, o que demonstra a circulação de culturas nesses espaços de ensino.

Assim como Sahagún misturou sua visão de mundo com argumentos extraídos do passado mexica, Diego Muñoz compartilhou com nitidez as ideias europeias ao narrar a história de Tlaxcala. Sua forma de argumentar não caracterizou uma visão indígena sobre a conquista, da mesma forma que a crônica de Sahagún não foi um olhar estritamente europeu sobre os acontecimentos.³⁹ Ambos os relatos foram o resultado de uma interação cultural nascida do contexto histórico em comum, vivenciado e atuado tanto por indígenas quanto por espanhóis.⁴⁰ Do mesmo modo, as demais Crônicas de Índias abordaram a realidade americana, a cronologia dos fatos e a experiência vivida segundo a comunicação cultural realizada.

Entretanto, o mosaico de relatos e a livre transmissão de notícias sobre a América encontraram na proibição da coroa espanhola um empecilho para a continuação desse tipo de texto. As obras *Historia general de las Indias* e *Historia de la conquista de México* de Francisco López de Gómora foram impedidas de circular em 1553 por uma carta real que decretava: “[...] no conviene que el dicho libro se venda, ni lea, ni se impriman más libros dél”.⁴¹ Ao que tudo indica, as causas foram os excessivos elogios a Cortés e os possíveis enganos cometidos pelo autor sobre fatos da conquista. Anos depois, foi a *Historia general de las cosas de Nueva España* de Bernardino de Sahagún que sofreu o silêncio pela censura de Felipe II. A centralização do poder real sobre as possessões americanas já havia diminuído a produção desses relatos ao estipular que somente seriam publicados textos autorizados pela coroa.⁴² A criação em 1532 do cargo de cronista oficial das Índias e mais tarde, em 1571, de cosmógrafo do reino, deveria dar conta das notícias e dos acontecimentos americanos. O

³⁹ Para o historiador Yukiitaba Inoue Okubo, não se pode traçar uma linha fixa entre relatos indígenas e relatos espanhóis porque uma crônica nem sempre representa a origem étnica de seu autor: “[...] los conjuntos de obras categorizados como ‘indígena’, ‘español’ o ‘mestizo’, aun cuando aceptemos la idea clasificatoria, no existieron aisladamente. Por ello, nos parece más conveniente verlos en su totalidad, considerando la influencia e interrelación entre las obras o entre los cronistas. Tanto la información histórica como el pensamiento, o algunos conceptos concretos, podían entrecruzarse y afectarse positiva o negativamente”. INOUE OKUBO, Yukiitaba. Crónicas indígenas: una reconsideración sobre la historiografía novohispana temprana. In: LEVIN ROJO, Danna; NAVARRETE, Federico. (Org.). op. cit., p. 79.

⁴⁰ LEVIN ROJO, Danna. In: LEVIN ROJO, Danna; NAVARRETE, Federico. (Org.). op. cit., p. 17.

⁴¹ Esse trecho é parte integrante do decreto real que proibiu as duas crônicas de Francisco López de Gómora. IGLESIA, Ramon. op. cit., p. 136.

⁴² FLORESCANO, Enrique. op. cit., 1999, p. 315.

surgimento dessas funções também previa o controle da propagação de informações sobre as Índias e a valorização de um relato mais voltado para a fauna, flora e os povos nativos.⁴³

A diversidade de temas abordados pelos textos da conquista, que se distanciavam das histórias dos reinos como assunto principal, e o surgimento de participantes comuns dos eventos no Novo Mundo na condição de cronistas, supõe características marcantes dessa nova escritura americana, que reinventou o hábito textual das crônicas europeias. A crônica de Índias manteve a estrutura e a ordem cronológica dos fatos, mas afastou-se dos traços convencionais para dar lugar à postura criativa do cronista, que interagiu com a América e com as ideias carregadas da Europa.⁴⁴ Em outras palavras, o relato da conquista operou além de sua função informativa e apresentou um conteúdo novo para o público hispânico pela representação da realidade do continente descoberto. Tentava expor ao leitor o ambiente exótico observado, a fim de aproximar o espanhol do universo narrado. Para isso, o autor recorria aos elementos conhecidos como parâmetro comparativo, com a finalidade de familiarizar seu leitor com aquilo que narrava.⁴⁵ Na descrição das cidades mexicas, contida nas *Cartas de Cortés*, é possível encontrar essa atitude:

*La cual ciudad es tan grande y de tanta admiración que aunque mucho de lo que de ella podría decir dejé, lo poco que diré creo que es casi increíble, porque es muy mayor que Granada y muy más fuerte y de tan buenos edificios [...]*⁴⁶.

No citado trecho, Cortés procurou ilustrar a cidade indígena tomando como exemplo a conhecida Granada, num esforço de se fazer claro e compreendido por quem lesse seu texto. Já na descrição do mercado público realizado em Tenochtitlan, Bernal Diaz valeu-se das feiras espanholas de Medina del Campo como referência explicativa desse grandioso comércio que pretendia contar. A comparação foi um artifício utilizado durante toda a argumentação cronística, porque suavizava o contato com o exótico e auxiliava na transmissão do visto e do vivido. Esse exercício possibilitou aos cronistas a construção gradativa de uma imagem da América, que foi transportada e divulgada pelos viajantes que retornavam à Espanha.

Nessa perspectiva, o caráter seletivo atuou de maneira constante na elaboração dos relatos, determinados pelo cronista a partir da escolha do que deveria ser lembrado e do que

⁴³ FLORESCANO, Enrique. op. cit., 1999, p. 317.

⁴⁴ PUPO-WALKER, Enrique. op. cit., p. 94.

⁴⁵ HARTOG, François. *O espelho de Heródoto*. Ensaio sobre a representação do outro. Belo Horizonte: UFMG, 1999. p. 240.

⁴⁶ CORTÉS, Hernán. Segunda Carta de Relación. In: *Cartas de Relación*. Madrid: Dastin, 2003. p. 103.

deveria ser excluído, com ênfase para alguns eventos e ocultação de outros. Esse processo interferiu diretamente na memória dos personagens da conquista que, de certa forma, tornaram-se conhecidos pela referência nessas crônicas.⁴⁷ O reclame de Bernal Diaz tocou exatamente neste ponto, se considerarmos que Francisco López de Gómora colocou Cortés como ator individual do triunfo espanhol e silenciou a participação dos demais soldados. A questão da seletividade – retomada posteriormente para explicar que a participação da intérprete Malinche na conquista só foi realçada pelas letras dos cronistas que a mencionaram nessa história – estava relacionada com os motivos pessoais do cronista e com a intenção da escrita, já que cada texto expressava o pensamento e os valores culturais compartilhados pelo autor, assim como moldava os propósitos da narrativa.

A discussão sobre os relatos de Índias aqui lançada serviu para definir a nova face da crônica europeia transplantada para a América. Produzida no contexto da conquista, a crônica de Índias inaugurou uma escrita tipicamente americana ao mesclar traços e aspectos culturais indígenas e europeus. Além disso, mostrou a variedade de homens que se aposentaram de suas ocupações por um determinado momento para se dedicar a contar os fatos sucedidos durante esse evento. Resta agora conhecer quem eram esses cronistas e quais os fatores que motivaram suas *plumas* na descrição da conquista.

1.2 Fama, *mercedes* e honra: o caráter individual dos cronistas de Índias.

“Acabáronse los reinos y linajes de Nino, Dario, Ciro, que comenzaron los imperios de asirios, medos y persianos, mas duran sus nombres y fama en las historias. Los reyes godos de nuestra España, con Rodrigo fenecieron, mas sus gloriosos hechos en las crónicas viven”. (Francisco López de Gómora)

“A atração pelo ouro, por mais poderosa que fosse, não era a única motivação daqueles obscuros hidalgos. Lá, do outro lado do Atlântico, uma nova conquista esperava por eles e, graças a ela, a possibilidade de galgar uma posição de igualdade com os maiores nomes da Espanha”. (Carmen Bernard e Serge Gruzinski).

“Cierto está, amigos y compañeros míos, que todo hombre de bien y animoso quiere y procura igualarse por propias obras con los excelentes varones de su tiempo y aun de los pasados. Y cierto, más se extiende el deseo de gloria, que alcanza la vida mortal (...)”. (Hernán Cortés).

⁴⁷ KARNAL, Leandro. op. cit., p. 14.

O surgimento das Crônicas de Índias desenvolvidas a partir da interação entre o elemento espanhol e o americano foi possível pela ação dos diferentes personagens envolvidos na conquista e preocupados em deixar por escrito seu testemunho particular dos fatos. O conjunto desses cronistas era composto por indivíduos que ocuparam diversas funções nesse contexto e que, por um determinado período de suas vidas, fizeram da *pluma* sua principal companhia. É dessa forma que soldados, religiosos, humanistas, nobres indígenas e conquistadores recuperaram o tempo passado, ao escrever os acontecimentos ainda frescos na memória, e fixar sua versão na história. Distantes da obrigação e do comprometimento oficial num primeiro momento –, porque os cronistas aqui analisados eram gente comum e desvinculada desse encargo –, uma variedade de autores esteve motivada por interesses pessoais e propósitos individuais, que no final se restringiram à busca por fama, reconhecimento e *mercedes*.⁴⁸

A diversidade dos relatos de Índias revela a existência de diferentes intérpretes da cena americana que desempenhavam as mais distintas ocupações durante a escrita de suas crônicas.⁴⁹ Tratavam-se de sujeitos em constante relação com o lugar pertencente, o que, de certa forma, acabou determinando sua visão sobre os acontecimentos. A própria condição ocupada por cada indivíduo influenciou a maneira de enxergar os episódios e a construção argumentativa da crônica, uma vez que cada autor narrou com mais detalhes os assuntos que lhe eram mais próximos. Se Bernal Diaz del Castillo elaborou seu texto a partir da condição de soldado na conquista, a ênfase recaiu nas disputas militares protagonizadas por nativos e espanhóis. O mesmo, porém, não ocorreu com frei Bernardino de Sahagún que, pela formação religiosa, prendeu-se à observação dos cultos e crenças praticados pelos indígenas. Na posição de líder da empresa espanhola, Cortés expôs em suas *Cartas* os conteúdos relacionados com a sua função na conquista. Por isso, tratou de elaborar um texto explicativo para contar ao rei todos os passos dados na América, mencionando as riquezas das terras descobertas, a variedade dos produtos exóticos e a relação dos regalos enviados pelos navios que rumavam para Sevilha.

Esse modo de contar os fatos manteve laços com as razões isoladas de cada cronista na produção de sua obra. Os autores mantiveram suas aspirações e seus protestos misturados ao relato, requerendo benefícios financeiros e reconhecimento por seus feitos no Novo Mundo. Não por acaso, Bernal Diaz del Castillo redigiu sua *Historia verdadera de la conquista de Nueva España* num esforço de corrigir a crônica de Francisco López de Gómora e afirmar sua

⁴⁸ VALACÁRCEL MARTÍNEZ, Simón. op. cit., p. 144-145.

⁴⁹ ELLIOTT, John H. op. cit., 1984, p. 30.

participação nos eventos. A tentativa do soldado era de se inserir entre os atores principais e receber as honras destinadas aos homens destacados:

*Entre los fuertes conquistadores mis compañeros, puesto que los hubo muy esforzados, a mí me tenían en la cuenta dellos, y el más antiguo de todos; y digo otra vez que yo, yo, yo lo digo tantas veces, que soy el más antiguo y he servido como buen soldado a su majestad y dígolo con toda tristeza de mi corazón, porque me veo pobre y muy viejo.*⁵⁰

A afirmação de que se encontra “pobre y muy viejo” complementa os motivos apontados por Bernal Diaz ao longo de seu relato e legitima a busca por fama e *mercedes*, característica do contexto renascentista espanhol que atingiu grande parte dos cronistas de Índias e incentivou a escrita. Igualmente, a influência dos valores cavaleirescos transmitidos pelos séculos anteriores de luta na reconquista, definidos nos preceitos de “honra, fama e honor” como conduta moral, determinou a postura desse soldado e dos demais conquistadores, assim como marcou as páginas das crônicas. Como Bernal Diaz era um soldado “de a pie”, como ele mesmo se intitulou, o retorno da América como participante vitorioso da conquista do México significou um grande feito na vida desse espanhol de Medina del Campo.⁵¹ Integrante da empresa cortesina por livre escolha e sem remuneração, assim como seus demais companheiros de luta, e ainda desprovido de um cavalo, o que o tornava inferior na escala militar, Bernal Diaz alcançaria as recompensas de um conquistador se agisse e fosse lembrado como tal.⁵² A elaboração de sua própria versão dessa história decorreu, portanto, da vontade em assegurar sua atuação e fixar seu nome na memória, ao lado dos grandes personagens:

Y a esta causa escribo, para que quede memoria de mí; y quiero poner aquí una comparación, y aunque es por la una parte muy alta, y de la otra de un pobre soldado como yo; dicen los cronistas en los Comentarios: emperador y gran batallador Julio César, que se halló en cincuenta y tres batallas aplazadas; yo digo que me hallé en muchas más batallas que el Julio César; lo cual como dicho tengo verán en mi relación. Y también dicen los cronistas que fue muy animoso y presto en las armas y muy esforzado en dar una batalla, y cuando tenía espacio, de noche escribía por propias manos

⁵⁰ DIAZ DEL CASTILLO, Bernal. op. cit., p. 360.

⁵¹ De acordo com Antonio Cascales, “[...] para a gente de baixa condição, ter a sorte de regressar de uma viagem dessas [...] significava não só sair da miséria, mas também alcançar o limiar da nobreza, porque as leis outorgavam curiosos privilégios ‘a todas as gentes do mar da nação espanhola’, do piloto ao simples marujo [...]” CASCALES, Antonio. O regresso de uma expedição...a febre sobe. In: ARAÚJO, Carlos (Dir.). *Sevilha, século XVI. De Colombo a D. Quixote, entre a Europa e as Américas – o coração e as riquezas do mundo*. Lisboa: Terramar, 1992. p. 92.

⁵² Segundo Matthew Restall, “[...] os grupos de conquistadores eram liderados por capitães – o único título diferenciado – em número variado, com os demais homens dividindo-se tão somente entre cavaleiros e peões. Para que os dessa segunda categoria ascendessem à primeira, bastava-lhes comprar um cavalo. RESTALL, Matthew. *Sete mitos da conquista espanhola*. Rio de Janeiro: Civilização brasileira, 2006. p. 75.

*sus heroicos hechos; puesto que tuvo muchos cronistas, no lo quiso fiar dellos, que él escribió, e ha muchos años, y no lo sabemos cierto; y lo que yo digo, ayer fue a manera de decir; así que no es mucho que yo ahora en esta relación declare en las batallas que me hallé peleando y en todo lo acaecido, para que digan en los tiempos venideros: esto hizo Bernal Diaz del Castillo, para que sus hijos y descendientes gocen las loas de sus heroicos hechos, como ahora vemos las famas y blasones que hay de tiempos pasados de valerosos capitanes y aun de muchos caballeros y señores de vasallos.*⁵³

No citado trecho, é possível perceber de forma clara a visão do cronista e suas pretensões com a escrita. Ora, se o próprio Julio César escrevia “por propias manos” seus feitos realizados ao longo do dia, mesmo tendo um rol de cronistas a seu dispor, por que esse soldado não faria o mesmo? Igualmente, se o imperador romano foi lembrado por tantas batalhas realizadas, Bernal Diaz também ansiava tal reconhecimento, porque esteve em mais batalhas que Julio César. A preocupação com o esquecimento e o “a sonolência do público”⁵⁴ levou o cronista a contestar a obra de López de Gómora e construir sua própria crônica que, não de propósito, denominou-se *Historia verdadera*. Se Bernal Diaz adquirisse a tão desejada fama, o resultado seria o recebimento de algum título nobre seguido de um cargo administrativo na *Nueva España*, o que lhe traria destaque e uma confortável situação financeira, estendida posteriormente a seus familiares.

De outro modo, a fala de Bernal Diaz também revela pistas da postura moderna encarnada e manifestada nos argumentos presentes da referida citação. Veja-se que a comparação com o antigo imperador Julio César é uma maneira de trazer o passado de forma valorativa para o relato, pois o homem quinhentista via nas atitudes de gregos e romanos um espelho de virtude que deveriam ser imitado. Na verdade, a antiguidade era solo firme em que o homem europeu se apoiava para respaldar seus escritos e suas ideias sobre o mundo, uma herança transmitida pelo medievo e que continuou a ser desenvolvida no século XVI.⁵⁵ Todavia, a referência aos antigos pelo cronista também previa a tentativa de superá-los a partir da descoberta de um mundo desconhecido e a produção de obras com conteúdos nunca antes abordados pelos autores clássicos.⁵⁶ No ambiente renascentista da época,⁵⁷ a antiguidade

⁵³ DIAZ DEL CASTILLO, Bernal. op. cit., p. 366.

⁵⁴ MARAVALL, José Antonio. *Antiguos y modernos* – visión de la historia e idea de progreso hasta el Renacimiento. Madrid: Alianza Editorial, 1998. p. 68.

⁵⁵ Ibid., p. 202.

⁵⁶ Segundo Maravall, “[...] al medir la incomparable grandeza de los hechos relativos al surgimiento del continente transoceánico, se produce en los escritores españoles del XVI, con la mayor fuerza, una consciencia de superioridad”. Ibid., p. 435.

⁵⁷ O ambiente renascentista aqui empregado faz referência ao século XVI marcado pela forte influência da antiguidade nos modos de pensar e agir europeus.

se expressava pelo pensamento humanista⁵⁸ e por meio dos conceitos difundidos pelas letras espanholas, mas perdia sua posição de autoridade incontestável a partir do momento em que se desvendava a esfericidade da terra, a existência do novo continente e a acessibilidade aos diversos mares, pela comprovação da experiência hispânica. As hipóteses antigas em confronto com a nova realidade encontrada pelo homem então moderno surtiram a sensação de que os feitos espanhóis seriam superiores aos realizados na antiguidade.⁵⁹ Para o humanista Francisco López de Gómora, nesse momento a experiência se mostrava contrária à filosofia, porque as coisas americanas poderiam ser explicadas pelo contato próximo.⁶⁰ Embora os clássicos respaldassem a argumentação dos cronistas, sobretudo nos primeiros relatos sobre as Índias, a investigação pessoal do viajante deslocou muitas certezas sobre o mundo, como a existência de uma quarta parte habitável.⁶¹ Viviam-se o dilema entre o conhecimento oferecido pela leitura dos antigos e o acervo de informações coletadas na América.

A possibilidade de observar essa nova realidade e de descrevê-la para o conhecimento dos ausentes do local em questão abriu espaço para as diversas produções textuais dos cronistas, que passaram a construir livremente as primeiras informações americanas. É dessa forma que o afã por escrever um texto inovador ou produzir uma obra única caracterizou o cronista espanhol desse contexto. A pretensão pela singularidade de algum texto ou a afirmação de que a narrativa elaborada explorou algo novo objetivava a aquisição de fama e o destaque perante o público leitor.⁶² Daí, as constantes disputas entre um cronista e outro, cuja verdade e a fidelidade dos fatos eram os motivos em pauta. Mais uma vez, a querela entre Bernal Diaz e López de Gómora exemplifica essa questão.

A procura pelas novidades e a façanha pelos atos nunca realizados eram uma atitude que historicamente definia o homem dessa época e estava presente nos textos cronísticos.⁶³ Nesse sentido, a audácia dos espanhóis em encontrar um novo continente e explorar terras ignotas tornou-se um fato destacado nesse momento: “¿qué hombres ha habido en el universo

⁵⁸ De acordo com Jesus Bustamante García, “Dentro de la infinita complejidad del pensamiento renacentista – y del humanismo renacentista, en cuanto parte del mismo – hay un elemento que destaca con especial claridad. La consciencia de vivir un momento propio y diferente de los anteriores, unido a la percepción del hombre mismo como un ser histórico”. BUSTAMANTE, Jesus. Retórica, traducción y responsabilidad histórica: claves humanísticas en la obra de Bernardino de Sahagún. In: ARES, Berta; BUSTAMANTE, Jesus; CASTILLA, Francisco; DEL PINO, Fermin. *Humanismo y visión del otro en la España moderna: cuatro estudios*. Madrid: Consejo Superior de Investigaciones Científicas, 1992, p. 246.

⁵⁹ Maravall considera os espanhóis do século XVI homens modernos que se encontravam em disputa com os antigos a partir da inserção da América no pensamento europeu e todas as implicações que trouxeram esse evento. *Ibid.*, p. 438.

⁶⁰ ESTEVE BARBA, Francisco. *Historiografía indiana*. Madrid: Editorial Gredos, 1964. p. 8.

⁶¹ AÍNSA, Fernando. *De la edad de oro a El Dorado*. Génesis de discurso utópico americano. México: Fondo de cultura económica, 1998, p. 42.

⁶² MARAVALL, José Antonio. *op. cit.*, p. 52.

⁶³ *Ibid.*, p. 53.

*que tal atrevimiento tuviesen?”.*⁶⁴ Essa supervalorização da obra pessoal também estava anunciada na postura individual de Cortés ao abandonar a expedição de Diego Velázquez e partir rumo ao território mexicano, exposta nas cinco *Cartas de Relación* direcionadas ao rei entre os anos de 1519 e 1526:

*[...] jamás en los españoles en ninguna parte hubo falta y que estábamos en disposición de ganar para vuestra majestad los mayores reinos y señoríos que había en el mundo y que además de hacer lo que como cristianos éramos obligados, [...] ganábamos la gloria y en este conseguíamos el mayor prez y honra que hasta nuestros tiempos ninguna generación ganó.*⁶⁵

Dentro da perspectiva renascentista, o conquistador *extremenho* buscava o seu lugar entre os principais nomes da história ao proporcionar a conquista de “los mayores reinos y señoríos que había en el mundo”, não alcançada até então por nenhuma geração de homens. É um traço característico do período analisado que exaltava a honra, a *virtú* e a possibilidade de traçar o próprio destino, tendo a realização de uma grande obra como pano de fundo inspirador.⁶⁶ A destruição das embarcações espanholas a mando de Cortés durante o impasse sobre o prosseguimento da empresa conquistadora também é outro reflexo do homem “moderno”, que decide individualmente os caminhos a serem tomados. A crônica de Bernal Díaz dá a entender que ao condenar sua expedição a permanecer na América para continuar seu projeto que incluía o México, Cortés copia a atitude de Alexandre Magno, provavelmente conhecida nos anos em que estudou em Salamanca, para tentar salvar suas pretensões com a conquista, que não omitiam a questão financeira. Aliás, os pedidos de *mercedes* aparecem no texto de Cortés de forma semelhante aos reclames de Bernal Diaz, destacando os feitos à coroa para legitimar o benefício: “*Porque tengo fe y no sin mérito, que por ellas me ha de mandar vuestra majestad cesárea muy grandes y crecidas mercedes [...] a quien tan bien y con tanta fidelidad sirve como yo le he servido*”.⁶⁷ A procura pelas recompensas, encontrada de modo explícito nas obras de Cortés e também de Bernal Diaz, indica a influência de um gênero de escrita comum entre os ibéricos nesse momento. A “probanza de mérito” como era chamada, tratava-se de um tipo de texto utilizado pelos conquistadores para enaltecer seus próprios atos no momento em que descreviam ao rei os acontecimentos de que tinham participado.⁶⁸ Pela exposição de seus feitos desempenhados na conquista, buscavam recompensas junto à coroa como reconhecimento pelos serviços prestados. Nesse sentido, os relatos de Cortés e Bernal

⁶⁴ DIAZ DEL CASTILLO, Bernal. op. cit., p. 243.

⁶⁵ CORTÉS, Hernán. Segunda Carta de Relación. op. cit., p. 102.

⁶⁶ DELUMEAU, Jean. *A civilização do Renascimento*. Lisboa: Estampa, 1984, v. 2, p. 41.

⁶⁷ CORTÉS, Hernán. Quinta Carta de Relación. op. cit., p. 440.

⁶⁸ RESTALL, Matthew. op. cit., p. 40-41.

Diaz seguiam essas convenções da época, como formato para expressar suas solicitações na obra.

De modo diferente, o cronista Francisco López de Gómora elaborou sua *Historia general de la conquista de Mexico* para valorizar e exaltar a figura de Cortés, requerendo por meio da escrita a consideração ao conquistador como ator principal do triunfo espanhol no México.⁶⁹ Preocupado com a conservação dos “hechos memorables”, o cronista buscou registrar em seu texto o nome e os passos de quem os realizou, atentando para o fato de que a história não se encarrega de todos, somente dos personagens mais destacados, daí a insistência de que Cortés deveria ocupar um lugar junto aos célebres homens da história:

*Nunca griego ni romano ni de toda nación, después que hay reyes, hizo cosa igual que Fernando Cortés en prender a Moteczuma, rey poderosísimo en su propia casa, en lugar fortísimo, entre infinidad de gente, no teniendo sino cuatrocientos y cincuenta compañeros.*⁷⁰

Segundo López de Gómora, cada indivíduo deveria cuidar para que seus feitos não fossem esquecidos ou se perdessem entre os diversos eventos ocorridos, sendo incumbência de um escritor a certeza da exatidão do relato. Para o cronista, “[...] *no son los hombres de la acción los que hacen la historia, los llamados a escribirla, sino los hombres de letras*”.⁷¹ Exatamente por isso, justifica a elaboração de sua crônica e a atitude de Cortés em contratá-lo para narrar a história da conquista. Como os acontecimentos se vão com o tempo, para esse cronista o que permanece são “*sus hombres y fama en las historias*”, contados por sujeitos como ele, que se orientam pelos fatos para construir os temas importantes de cada época.⁷² Por pensar assim, López de Gómora ilustra a postura do erudito que reúne informações, apoia-se em leituras e escreve sua versão, desconsiderando a presença nos episódios como fator determinante para a escrita, até mesmo porque nunca esteve nas Índias.⁷³ Com este sentido, para a montagem da *Historia general* esse cronista passou a conviver por longos anos ao lado de Cortés, escutando os fatos passados e consultando livros clássicos e religiosos para

⁶⁹ Para Mariano Fernández “poner por escrito los hechos de un conquistador permitía hacerlo ingresar en el libro de oro de la historia, pero también ofrecía la posibilidad de ganar títulos y renombre ya en el presente”. FAZIO FERNÁNDEZ, Mariano. El honor español en las crónicas americanas de los siglos XVI y XVII. In: REGALADO DE HURTADO, Liliana; SOMEDA, Hidefuji. *Construyendo historias: aportes para la historia hispanoamericana a partir de las crónicas*. Lima: PUCP, 2005. p. 137.

⁷⁰ LÓPEZ DE GÓMORA, Francisco. op. cit., p. 135.

⁷¹ IGLESIA, Ramon. op.cit., p. 134.

⁷² LÓPEZ DE GÓMORA, Francisco. op. cit., p. 3.

⁷³ Simón Valcárcel Martínez argumenta que “los humanistas ligan firmemente la retórica con la historiografía hasta el extremo de que quien no profesara los *studia humanitatis* no estaba legitimado para ser historiador. La historiografía humanista, basada principalmente en las enseñanzas retóricas de Cicerón (De Oratore) y en la correspondiente exégesis de Petrarca, trata de retomar la senda de los historiadores grecolatinos”. VALCÁRCCEL MARTÍNEZ, Simón. op. cit., p. 383.

embasar suas ideias. Motivo que o levou a ser questionado por muitos cronistas que consideravam o “visto” como fundamental para legitimar as informações escritas em uma crônica, como Hernández Oviedo, Bartolomé de las Casas e Bernal Diaz, que levou suas críticas adiante até expor sua própria leitura dos fatos: “[...] como testigos de vista no estaremos hablando las contrariedades y falsas relaciones (como decimos) de los que escribieron de oídas, pues sabemos que es cosa sagrada [...]”.⁷⁴

A erudição e a forma estilística do texto eram características muito mais válidas para escritores humanistas formados nas letras italianas, como o próprio López de Gómora. Para esses escritores, a escritura da história exigia o domínio de uma linguagem culta e elaborada como forma de narrar os acontecimentos. Na *Historia general de la conquista de Mexico* a narrativa tratou o assunto como um tema amplo e distante dos detalhes encontrados em um relato de viagem, e a língua utilizada foi o latim e o castelhano, para alcançar maior número de leitores.⁷⁵ Traços que não estavam postos na crônica de Bernal Diaz, por exemplo, pela condição de soldado e pela falta das normas de escrita, que ele próprio reconheceu ao dizer “*mi obra es tan grosera*”.⁷⁶ Assim, a particularidade do texto de López de Gómora não é vista somente pelo caráter panegírico e encomiástico que individualizou os feitos em Cortés, mas também pela forma de narrar e elaborar um texto histórico, o que aponta a diversidade das crônicas e autores de Índias.

Seguindo os passos dos cronistas mencionados, o mexica Hernando Alvarado Tezozomoc também construiu sua crônica com objetivos pessoais e sem nenhum encargo oficial que conduzisse a sua *pluma*. Elaborada em 1598, período em que a conquista já havia se consolidado e o processo de colonização dava contornos à Nueva España, a *Crónica Mexicana* expunha as pretensões de Tezozomoc em divulgar a história de seus antepassados por meio de uma narrativa sobre a etnia asteca, seus momentos de glória e a administração de Montezuma:

*Aquí comienza la Corónica mexicana. Trata de la deçendencia y linaxe, benida a esta Nueva España los indios mexicanos que abitan en este Nuevo Mundo, el tiempo que llegaron en la ciudad de Mexico Tenuchtitlan, asiento y conquista que en ella hizieron y oy abitan, rresiden el ella, llamado Tenuchtitlam.*⁷⁷

⁷⁴ DIAZ DEL CASTILLO, Bernal. op. cit., p. 105.

⁷⁵ IGLESIA, Ramon. op. cit., p. 123-126.

⁷⁶ DIAZ DEL CASTILLO, Bernal. op. cit., p. 102.

⁷⁷ ALVARADO TEZOZOMOC, Hernando. *Crónica mexicana*. Madrid: Dastin, 2001. p. 53.

Preocupado com a conservação do passado asteca e com a preservação da memória daqueles que governaram por tanto tempo a região mexicana antes da chegada dos espanhóis, Tezozomoc demonstrou em sua crônica seus interesses políticos ao assegurar a história de seu povo. Em outras palavras, este cronista pretendia afirmar os acontecimentos passados e a fama de sua linhagem para que não se perdessem com a inserção espanhola e suas novas maneiras de registro histórico.⁷⁸ Como representante da nobreza asteca, já que descendia do último governante indígena, Tezozomoc manteve contato mais próximo com as fontes nativas e a oralidade relatada a partir da vivência com esse grupo, o que lhe deu um conhecimento mais amplo dos episódios descritos⁷⁹. No entanto, foi a educação recebida no colégio ministrado por Sahagún que colocou esse nativo em contato com o alfabeto latino e o modelo cronístico europeu, adotado intencionalmente para alcançar seus interesses com a escrita. A utilização das ideias e do modo de narrar espanhol era uma prática comum entre os autores indígenas para conseguir objetivos específicos, além de significar o contato cultural entre esses dois grupos.⁸⁰ Nesta linha é possível destacar Diego Muñoz Camargo, outro nativo que produziu durante os anos iniciais da colonização a já mencionada *Historia de Tlaxcala*, também conhecida por *Descripción de la ciudad y provincia de Tlaxcala*. Embora nascida de um pedido oficial do governante dessa província ao cronista,⁸¹ com a finalidade de apresentar a história dos aliados indígenas na metrópole hispânica, a obra de Muñoz Camargo é também um esforço pessoal seu para valorizar os feitos de seu grupo e destacar a participação dos tlaxcaltecas no processo da conquista:

*Y así fue, como fidelísimos y leales, le ayudaron a ganar y conquistar toda la máquina de este Nuevo Mundo con gran amor y voluntad. En todas las cosas que se ofrecieron, siempre nos halló muy de su parte y a su lado con determinación de seguirle hasta morir o vencer contra sus propios naturales, aunándose a los nuestros españoles, gentes extrañas de su natural nación.*⁸²

Segundo o entendimento do cronista, pela condição de “companheiros” de Cortés durante a caminhada a Tenochtitlan, seu povo intencionava ser incluído na estrutura administrativa que se erguia na região mexicana com a finalização da conquista. A vitória dos espanhóis era o

⁷⁸ Segundo Enrique Florescano, a versão de Tezozomoc “é uma propaganda da grandeza imperial mexica”. FLORESCANO, Enrique. op. cit., 1999, p. 373.

⁷⁹ LEÓN PORTILLA, Miguel. op. cit., 1992, p. 91.

⁸⁰ INOUE OKUBO, Yukitaba. op. cit., p. 73.

⁸¹ Martin Lienhard afirma que “[...] el texto que Muñoz Camargo redactó para cumplir con el encargo oficial de realizar la ‘relación geográfica’ (decreto real de 1577) de la provincia de Tlaxcala, lejos de presentar simplemente las respuestas al catálogo oficial de preguntas, se convierte en alegato firmado a favor de la ‘dulce patria’”. LIENHARD, Martin. op. cit., p. 56.

⁸² MUÑOZ CAMARGO, Diego. op. cit., p. 229.

fim dos longos anos subjugados a Montezuma e o término da cobrança intensiva de impostos. Se a contribuição dos tlaxcaltecas fosse realmente reconhecida, como prometeu Cortés, segundo as palavras do cronista, tais indígenas teriam assegurado seu lugar na *Nueva España*: “[...] *Hernán Cortés, afirmativamente, prometió a los tlaxcaltecas que si Dios Nuestro Señor le daba victoria, tenían parte de todo lo que conquistase [...]*”.⁸³ Muñoz Camargo construiu, então, sua crônica com o objetivo de preservar a memória dos antigos e conseguir benefícios para seu grupo por intermédio das autoridades reais, fato que o levou a argumentar favoravelmente sobre os nobres locais e a interpretar os acontecimentos de acordo com os interesses tlaxcaltecas. Com isso, teceu elogios à conquista espanhola como feito heróico e inusitado,⁸⁴ resultante da capacidade dos espanhóis, da ajuda divina e da presença marcante de aliados nativos. Ao interpretar a conquista como uma importante realização, fruto da iniciativa espanhola e do auxílio tlaxcalteca, Muñoz Camargo intentava conseguir a fama pelo valor atribuído a esse acontecimento.

Essa discussão sobre alguns dos cronistas que narraram a conquista espanhola no México explica a diversidade de obras produzidas sobre o mesmo tema. Ainda que diferentes por seus formatos e modelos distribuídos em cartas, relações e histórias, e separadas pela variedade de autores investidos em seus propósitos pessoais com a escrita, as Crônicas de Índias se encontraram pela necessidade comum de narrar as “cosas de América”.⁸⁵ Adiante, serão abordados as leituras, as ideias e os conceitos que sustentaram os cronistas de Índias nas primeiras visões que tiveram sobre a América, posteriormente registradas pelas suas narrativas.

1.3 As leituras dos cronistas de Índias: mitos, novelas e histórias

“Numa Espanha que adormecia lendo romances de cavalaria, muitos espíritos deixavam-se embalar por esses sonhos que se faziam passar por certezas.” (Carmen Bernand e Serge Gruzinski).

Durante a produção escrita sobre a conquista espanhola, os diversos cronistas engajados na narrativa dos fatos apoiaram-se nas ideias e crenças que estruturavam o pensamento do homem quinhentista. As lendas fantásticas herdadas do medievo, os mitos

⁸³ MUÑOZ CAMARGO, Diego. op. cit., p. 229.

⁸⁴ FAZIO FERNÁNDEZ, Mariano. op. cit., p. 151.

⁸⁵ “Las Indias en relación a cada uno de ellos (como misionero, conquistador, funcionario, etc) es la circunstancia determinante que desencadena la actividad textual.” VALCÁRCEL MARTÍNEZ, Simón. op. cit., p. 365.

antigos reinventados e cultivados pelos séculos passados, a explosão da literatura cavaleiresca e as certezas religiosas povoavam a vida do espanhol que embarcava para a América. Se a possibilidade de estar em um novo mundo ampliou as esperanças de encontrar o paraíso, as cidades perdidas, o ouro abundante e as criaturas exóticas presentes na atmosfera mental do século XVI - que confundia realidade e imaginação – a intenção é saber até que ponto a interpretação dos acontecimentos americanos foi impulsionada pelas imagens pré-fabricadas sobre essa outra parte do mundo. Em que medida essas visões foram reproduzidas e afirmadas pela *pluma* dos cronistas?

A leitura das diversas produções escritas durante o contexto da descoberta e conquista da América permite a afirmação de que a Espanha nesse período pensava baseando-se na fábula.⁸⁶ Embora os humanistas anunciassem uma nova visão sobre o homem, confiante em si mesmo e levado pela curiosidade e o interesse de conhecer mais, realizar individualmente grandes feitos envolvidos em uma busca por fama própria, os anos quinhentos ainda mantinham um forte diálogo com as crenças antigas e a visão lendária medieval, que tornava o homem refém dos desígnios divinos e das forças sobrenaturais.⁸⁷ A crença na existência de monstros, homens disformes, mulheres guerreiras e gigantes que habitavam as partes desconhecidas do mundo, assim como o receio pela vinda do Anticristo e o fim dos tempos atormentavam uma sociedade que estava em contato permanente com o medo.⁸⁸ Dependiam da palavra divina como consolo para as tensões sofridas por esses temores e se agarravam à figura de Deus como refúgio porque confiavam na existência do criador poderoso que sempre escutava e atendia às preces dos homens. Foi em Deus que os participantes da conquista do México se apoiaram para vencer os inimigos infiéis, foi em nome de Deus que os espanhóis lutaram para salvar os indígenas da influência demoníaca e foi por meio de Deus que Cortés sentiu-se instrumento divino na terra: “[...] *Dios nuestro señor fue servido de hacerme medio por donde viniese en su conocimiento y debajo del imperial yugo de vuestra alteza [...]*”.⁸⁹ Os longos séculos de luta contra os mouros em solo ibérico e o fim triunfal do cristianismo na reconquista deram aos espanhóis a certeza de que a providência divina regia o mundo em defesa da verdadeira fé. Pensando assim, a conquista espanhola representou um novo combate às falsas religiões americanas, com a intervenção de Deus. As diversas Crônicas de Índias

⁸⁶ ARCINIEGAS, German. *América en Europa*. Buenos Aires: editorial sudamericana, 1975. p. 31.

⁸⁷ Irving Leonard afirma que “aunque fuertemente imbuidos por las tradiciones éticas y colectivas de la Edad Media, eran hombres de acción que encarnaban el espíritu individualista del Renacimiento; vivían, pues, en la tensión resultante de sus supersticiones medievales y de su espíritu moderno de curiosidad.” LEONARD, Irving, op. cit., p. 253.

⁸⁸ DELUMEAU, Jean. *História do medo no Ocidente*. (1300-1800). São Paulo: Companhia das letras, 1989. p. 12.

⁸⁹ CORTÉS, Hernán. Cuarta Carta de Relación. op. cit., p. 350.

expressaram esse olhar religioso sobre os acontecimentos ao afirmar a presença de santos enviados para o auxílio nas batalhas:

*No pocas gracias dieron nuestros españoles cuando se vieron libres de las flechas y muchedumbre de indios, con quien habían peleado, a nuestro Señor, que milagrosamente los quiso librar; y todos dijeron que vieron por tres veces al del caballo rucio picado pelear en su favor contra los indios [...] y que era Santiago, nuestro patrón.*⁹⁰

De fato, acreditaram que Santiago, o mata-mouros, havia estado entre os soldados da empresa de Cortés, como também São Pedro, em um dos conflitos com os indígenas. O convencimento de que os índios americanos encontravam-se sob influência das forças satânicas motivou os espanhóis na luta contra esse mal.⁹¹ Se a vitória se manifestava do lado europeu, provavelmente era a vontade divina sendo cumprida: “*Y digo que nuestros hechos que no los hacíamos nosotros, sino que venían todos encaminados por Dios [...]*”.⁹² Era uma visão decorrente da concepção providencialista do mundo, encarnada pelo espanhol do século XVI que procurava em todos os sentidos o reflexo divino.⁹³

Esse intenso contato com a religiosidade cristã que definia o homem dessa época, atrelado a um ambiente de crenças compactuadas por uma coletividade, contribuiu para a convicção da existência do paraíso terrestre, lugar em que a Europa, então mergulhada em vícios e pecados, poderia se redimir e começar de novo.⁹⁴ O aparecimento da América foi visto, nessa perspectiva, como espaço sagrado em que Deus acolheria seus fiéis e os livraria dos erros cometidos no velho continente. Porta-vozes dessa ideia, diversos religiosos envolvidos com a causa da evangelização comprometeram-se a criar no Novo Mundo o reino de Deus na terra, salvo das impurezas e corrupções da sociedade europeia. Com a prática religiosa, frades franciscanos e dominicanos intencionavam restaurar as antigas formas da cristandade para introduzi-las nas novas regiões descobertas.⁹⁵ Nesse momento, as ideias de Thomas More elaboradas sobre a ilha fictícia de Utopia atuaram de forma significativa na

⁹⁰ LÓPEZ DE GÓMORA, Francisco. op. cit., p. 38.

⁹¹ Segundo Jean Delumeau, “A Igreja considerava a ruptura com a idolatria necessária, já que se tratava de um combate entre Deus e Satã, entre os quais era preciso escolher. Ora, nessa luta feroz Deus intervinha por meio de milagres em favor dos cristãos”. DELUMEAU, Jean. op. cit., 1989, p. 264.

⁹² DIAZ DEL CASTILLO, Bernal. op. cit., p. 277.

⁹³ De acordo com Lucien Febvre, no século XVI “[...] o cristianismo era o próprio ar que se respirava no que chamamos a Europa e que era a cristandade. Era uma atmosfera em que o homem vivia sua vida, toda a sua vida – e não apenas sua vida intelectual, mas também sua vida privada de atos múltiplos, sua vida pública de ocupações diversas, sua vida profissional, qualquer que fosse seu âmbito. Tudo, de certo modo automática, fatal e independentemente de toda vontade expressa de ser crente, de ser católico, de aceitar ou de praticar sua religião...”. FEBVRE, Lucien. *O problema da incredulidade no século XVI. A religião de Rabelais*. São Paulo: Companhia das letras, 2009. p. 292.

⁹⁴ HOLANDA, Sérgio Buarque de. *Visão do Paraíso*. São Paulo: Brasiliense, 1994. p. 210.

⁹⁵ AÍNSA, Fernando. La utopía empírica del cristianismo social (1513-1577). In: PIZARRO, Ana. op. cit., p. 99.

construção dessa visão sonhadora por parte dos religiosos, como sugere certa passagem de seu livro:

Nestas orações, cada um reconhece Deus como o criador, o rei e o autor de todas as coisas boas, agradecendo-lhe pelos muitos benefícios recebidos e, em particular, pelo facto de, através do fervor de Deus, terem nascido numa comunidade que é a mais feliz, e nesta religião, que eles esperam que seja a mais verdadeira.⁹⁶

Vislumbrada como local ideal em que as pessoas viviam sob regras estabelecidas em comunidade –, de forma igualitária e harmônica, sem qualquer semelhança com os maus costumes praticados pelos europeus –, a Utopia era o modelo inspirador para aqueles que pretendiam constituir uma nova sociedade no continente encontrado. Na obra de frei Bernardino de Sahagún é perceptível esse empenho do franciscano em colonizar os povos americanos segundo os moldes cristãos. A simplicidade das gentes nativas desapegadas do ouro e do fascínio material e a natureza pura observada permitiram a associação da América com a Idade do Ouro descrita nas escrituras antigas. Essas primeiras impressões do espaço americano tiveram como referência um conjunto de argumentos bíblicos e míticos, assim como os relatos de Colombo e de outros viajantes que chegaram inicialmente e localizaram grande parte desses dogmas na região das Índias.

De mãos dadas com as explicações religiosas, as concepções lendárias do pensamento medieval igualmente influenciaram os homens dessa época na interpretação do Novo Mundo. Pertencentes aos esquemas mentais do período quinhentista, diversas crenças foram reafirmadas pelas narrativas de viagens que transmitiram para o papel essas imagens de sonhos e fantasias coletivas. O *livro das maravilhas* de Marco Polo, *As Viagens* do inglês John Mandeville e os *Diários* de Colombo foram os principais documentos em que se apoiaram os conquistadores e cronistas espanhóis.⁹⁷ A farta descrição de ouro nas terras asiáticas, o encontro com cidades grandiosas administradas por poderosos reis, o contato com seres de fisionomia grotesca e a aparição de gigantes fascinaram os leitores desses textos, crédulos na existência do impossível. Na verdade, os mitos elencados por esses relatos ganharam nova força ao serem deslocados para o Novo Mundo, percebido como espaço onde certamente estariam o Paraíso, os exércitos das amazonas e os valiosos metais preciosos.⁹⁸ Essa visão foi determinante durante a descoberta e conquista da América, já que esteve

⁹⁶ MORE, Thomas. *Utopia*. Porto: Rés-Editora, 2002. p. 127

⁹⁷ GIUCCI, Guillermo. *Viajantes do maravilhoso*. O Novo Mundo. São Paulo: Companhia das Letras, 1992, p. 87.

⁹⁸ MAGASICH-AIROLA, Jorge; DE BEER, Jean-Marc. *América Mágica*. Quando a Europa da Renascença pensou estar conquistando o Paraíso. São Paulo: Paz e Terra, 2000. p. 31.

embutida nos olhares que soldados e cronistas lançaram para o continente encontrado. Como a América foi uma construção imaginativa do pensamento europeu antes mesmo de ser uma realidade verificável, cada fato ocorrido era relacionado ao ambiente de crenças espanhol.⁹⁹ É desse modo que o ouro descrito pelas narrativas de viagens como metal abundante situado nas regiões longínquas foi buscado pela empresa cortesina. A crônica de Bernal Diaz del Castillo demonstra que as dificuldades de acesso e as barreiras encontradas em razão da natureza exótica assemelhavam-se aos lugares mencionados pelos primeiros relatos. A cada passo dado por Cortés, a esperança de encontrar ouro e as grandes riquezas esteve em sua companhia, como retrata a *Historia* de Francisco López de Gómora:

*Seis españoles de caballo, que iban adelante [...] como descubridores, tomaron atrás muy maravillados, ya que el escuadrón entraba por la puerta de la ciudad, y dijeron a Cortés que habían visto un patio de una gran casa chapado todo de plata. Él les mandó volver, y que no hiciesen muestra ni milagros por ello [...]. Pasando por una muy gran plaza, vieron a mano derecha un gran cercado de cal y canto, con sus almenas, y muy blanqueado de yeso de espejuelo y muy bien bruñido; que con el sol relucía mucho y parecía plata; y esto era lo que aquellos españoles pensaron que era plata [...]. Creo que con la imaginación que llevaban y buenos deseos, todo se les antojaba plata y oro lo que relucía.*¹⁰⁰

O desejo por achar os tesouros perdidos e as minas de ouro era algo tão ambicionado que qualquer informação ou vestígio relacionado ao metal dourado tornava-se valiosa e acendia a expectativa espanhola. Justamente por isso, o contato com os indígenas era uma alternativa para o conhecimento das regiões onde possivelmente estaria o ouro. Uma vez instruídos pelos nativos, os espanhóis poderiam chegar aos locais imaginados e recolher para a coroa hispânica todas as maravilhas descobertas nas Índias. Durante esse processo, a comunicação com os habitantes americanos foi contínua, embora muito escassa e repleta de distorções que causaram enormes enganos para o grupo espanhol.¹⁰¹ O uso inicial de intérpretes que não compreendiam o castelhano, ou mesmo a ausência deles, resultou na convicção de que “o reino fabulosamente rico” de fato existia e estava situado em um espaço distante. A enorme confusão exemplifica os problemas enfrentados pela falha nos entendimentos iniciais que iludia os espanhóis com dados errôneos, além de cooperar para a manutenção desses mitos.¹⁰² A possibilidade de uma comunicação mais segura só

⁹⁹ O’GORMAN, Edmundo. *A invenção da América*. São Paulo: Editora Unesp. 1992.

¹⁰⁰ LÓPEZ DE GÓMORA, Francisco. op. cit., p. 57.

¹⁰¹ De acordo com Irving, “Los conquistadores no necesitaban mucho para encontrar una confirmación de estas ficciones en los datos que, ante preguntas que entendían mal, proporcionaban los indios en una lengua que los blancos interpretaban peor”. LEONARD, Irving. op. cit., p. 52.

¹⁰² ARCINIEGAS, Germán. op. cit., p. 47.

ocorreu depois que Cortés encontrou em Jerónimo de Aguilar e na mexica Malinche a dupla de intérpretes para o prosseguimento da conquista. Ainda assim, as conversas entre espanhóis e indígenas enfrentaram as barreiras linguísticas e culturais existentes, assunto discutido na segunda parte deste trabalho.

Da mesma forma que os espanhóis acreditaram no ouro em razão do desentendimento na ação comunicativa com os índios e da autoridade que os mitos exerciam dentro daquele contexto, a lenda das amazonas também foi cultivada durante a conquista. As mulheres guerreiras – relatadas na antiguidade pelo historiador Heródoto, retomadas pelos textos medievais e citadas pelo livro de Marco Polo – foram localizadas na região americana.¹⁰³ Nas *Cartas de Relación* Cortés afirma ter ouvido falar dessas selvagens damas que habitavam a floresta equatorial, fato confirmado pelo cronista López de Gómora ao descrever com detalhes os presentes e as notícias trazidas por Juan de Grijalva, membro da expedição conquistadora: “*Trujo también nuevas que había amazonas en ciertas islas, y muchos lo creyeron, espantados de las cosas que traía rescatadas por vilísimo precio [...]*”.¹⁰⁴ Após uma conversa desordenada com os nativos, os espanhóis relacionaram a presença de mulheres americanas ao mito das amazonas e passaram a reproduzir tal crença. Em uma passagem da *Historia verdadera de la conquista de Nueva España* o cronista Bernal Díaz faz o mesmo exercício ao revelar o achado de um enorme osso, imediatamente constatado como pertencente aos gigantes americanos:

[...] y trajeron otros pedazos de huesos como el primero, mas estaban ya comidos y deshechos de la tierra; y todos nos espantamos de ver aquellos zancarrones, y tuvimos por cierto haber habido gigantes en esta tierra [...].¹⁰⁵

A verificação de um osso anormal aliada ao diálogo confuso com os indígenas era a prova que faltava para a afirmação de mais um mito antigo, o dos povos gigantes que habitavam algum lugar do planeta.¹⁰⁶ Mergulhados nesse ambiente mágico, onde todos os mitos pareciam estar ao alcance das mãos,¹⁰⁷ os cronistas transmitiram por meio da escrita o universo fantástico vivido na América, que caminhou junto com a credulidade desses homens.

¹⁰³ Para Irving, “Aunque [...] la leyenda databa de mucho tiempo atrás, su fuerte revitalización en el siglo XVI y la universal creencia en su veracidad entre los conquistadores españoles que andaban por el Nuevo Mundo, cimentó la seguridad de que las guerreras se habían avistado o podían avistarse en cualquier momento”. LEONARD, Irving. op. cit., p. 46.

¹⁰⁴ LÓPEZ DE GÓMORA, Francisco. op. cit., p. 15.

¹⁰⁵ DÍAZ DEL CASTILLO, Bernal. op. cit., p. 214.

¹⁰⁶ “Para los españoles, todos los informes que respondían a sus deseos y a sus preconcebidas nociones eran dignas de creerse [...]”. LEONARD, Irving. op. cit., p. 52.

¹⁰⁷ MAGASICH-AIROLA, Jorge; DE BEER, Jean-Marc. op. cit., p. 31.

A inserção das novelas de cavalaria no esquema mental espanhol representou outra referência teórica que sustentou o conjunto de lendas antigas atualizadas com o surgimento da América. A partir desses romances populares, o leque de crenças foi reavivado ao entrar em contato com um público interessado nas aventuras protagonizadas por heróicos cavaleiros. O cenário encantado em que se passavam as histórias, os duelos travados com monstros e gigantes e o ambiente fabuloso que marcou a prosa de novela acenderam a imaginação dos espanhóis a ponto de conduzir silenciosamente suas atitudes, pensamentos e visões no contato com a América.¹⁰⁸ A postura dos personagens desses romances, engajados na defesa da honra pessoal e na realização de feitos grandiosos, foi um modelo copiado por diversos participantes durante a conquista do México e reproduzido pela narrativa crônica. A ação de Cortés no espaço americano seguiu esses preceitos e a escrita da versão particular dos acontecimentos destacou sua atuação individual da mesma forma que a literatura popular mencionava seus cavaleiros.¹⁰⁹ É por isso que nas *Cartas de Relación* Cortés se colocou como figura principal da conquista por conseguir superar os perigos e dificuldades surgidos e garantir para a coroa hispânica todas as glórias e riquezas desse importante evento histórico:

*[...] porque, como sea caso de honra, que por alcanzarla yo tantos trabajos he padecido y mi persona a tantos peligros he puesto [...], suplico a vuestra majestad sacra, en pago de mis servicios, me haga otra merced sino ésta, porque nunca plega a Dios que sin ella yo viva.*¹¹⁰

A caracterização de sua imagem nas *Cartas* dirigidas ao rei Carlos V foi construída de forma persuasiva a fim de fixar sua representação de herói da conquista, já que pretendia reivindicar recompensas pelos favores prestados ao monarca espanhol.¹¹¹ Como muitos indivíduos dessa época, Cortés agregou a seus escritos os valores da cavalaria herdados do passado medieval e transferidos para o século XVI por meio dos romances, que sobreviveram no momento renascentista ditando os modos de comportamento do homem. Não por acaso, a valorização da honra, da fama e a prontidão para servir ao rei era um preceito encontrado no grupo de espanhóis que conquistaram o México, muito embora se manifestassem, ao mesmo tempo, a audácia, a curiosidade e o individualismo próprios do momento quinhentista.¹¹²

¹⁰⁸ LEONARD, Irving. op. cit., p. 9.

¹⁰⁹ IGLESIA, Ramón. op. cit., p. 187.

¹¹⁰ CORTÉS, Hernán. Quinta Carta de Relación. op. cit., p. 440.

¹¹¹ PUPO-WALKER, Enrique. op. cit., p. 51.

¹¹² Luís Felipe Barreto argumenta que o homem renascentista ainda se encontrava envolvido ao medievo em vários aspectos sociais e valores morais, dando-nos a percepção de que “Renascimento e Idade Média são telas culturais apenas em parcial confrontação, não em total e conseguida superação/diferenciação”. BARRETO, Luís Felipe. *Descobrimientos e Renascimento: formas de pensar nos séculos XV e XVI*. Lisboa: Imprensa Nacional Casa da Moeda – temas portugueses, 1983. p. 40.

Sob a mesma temática segue a crônica do soldado espanhol Bernal Diaz del Castillo, que também se amparou nos contos de cavalaria difundidos coletivamente nos círculos sociais espanhóis. Aliás, nenhum outro cronista até agora analisado incorporou o ideal de cavaleiro medieval no momento da conquista espanhola como Bernal Diaz o fez. Tal como os personagens fictícios, os modos de agir desse soldado foram guiados pelo esforço em preservar sua honra e ser reconhecido pelas boas ações, que possivelmente trariam a fama individual e as recompensas financeiras que tanto almejava.¹¹³ Na ocasião da conquista, esses valores afloraram pela vontade do grupo espanhol em continuar com a campanha americana: “*Es preciso llegar a Mexico y, en todo caso, según Cortés, valia más morir por buenos, como dicen los cantares, que vivir deshonorados*”.¹¹⁴ A fala de Cortés citada por Bernal Diaz é alusiva ao romance de cavalaria *Roldán en Roncesvalles* e expressa de forma clara os propósitos que na América envolviam o zelo pela honra. Nesse sentido, os inúmeros reclames de Bernal Diaz em sua crônica não foram em vão, já que a época vivenciada considerava a honra um valor indispensável para os grandes homens: “*siempre tuve celo de buen soldado, que era obligado a tener, así por servir a Dios y a nuestro rey e señor y procurar de ganar honra, como los nobles varones deben [...] en vida y ir de bien en mejor*”.¹¹⁵ A afirmação de que sempre procurou ser um bom soldado, leal a Deus e ao rei, é uma tentativa do cronista de legitimar seus feitos e receber por isso a esperada honra, assim como os cavaleiros dos contos que conhecia.

O crédito que as novelas populares tiveram no pensamento dos espanhóis durante a leitura da realidade americana foi sentido, sobretudo, nos relatos de Índias, produzidos por grande parte desses participantes. No caso de Bernal Diaz, sua crônica foi construída seguindo os recursos utilizados pelos autores das novelas, com elenco das aventuras de um cavaleiro e dos lugares exóticos por que havia passado, da luta contra os inimigos, e com toda a criação fantástica que advogava favoravelmente uma proximidade com o leitor.¹¹⁶ A necessidade de narrar o espaço desconhecido e ao mesmo tempo fabuloso levou esse cronista e outros autores a transferir para o texto as formas expressivas anteriormente conhecidas da prosa de novelas.

¹¹³ O valor da honra referido pelos livros de cavalaria e pretendido pelos espanhóis nesse contexto teve raízes na forte relação com a glória adquirida desde a luta religiosa contra os mouros, bem explicada por Irving Leonard: “La glória, segundo de los impulsos básicos del conquistador, se asocia intimamente con el orgullo y la vanidad que caracterizaron a la raza española durante el período de su preeminencia en Europa [...]. Los lentos, pero firmes éxitos logrados por generaciones sucesivas contra un enemigo tradicional de raza y credo diferentes, engendraron la glorificación del guerrero de un modo más pronunciado que en otras partes de Europa [...]”. LEONARD, Irving. op. cit., p. 18.

¹¹⁴ DIAZ DEL CASTILLO, Bernal. op. cit., p. 199.

¹¹⁵ Ibid., p. 57.

¹¹⁶ PUPO-WALKER, Enrique. op. cit., p. 33.

Como Bernal Diaz adotou as atitudes dos cavaleiros, todos os seus feitos no processo da conquista e no manejo de sua *pluma* foram determinados por tal referência. É nesse sentido que a América foi vista pelo olhar maravilhoso dos romances literários e percebida tal como os lugares descritos pelos contos de cavalaria:

*[...] y desde que vimos tantas ciudades y villas pobladas en el agua, y en tierra firme otras grandes poblaciones, y aquella calzada tan derecha por nivel como iba a México, nos quedamos admirados, y decíamos que parecía a las cosas y encantamiento que cuentan en el libro de Amadís [...].*¹¹⁷

A menção ao livro *Amadís de Gaula* foi o meio que o cronista utilizou para ser entendido pelo público leitor. Já que este era o romance de cavalaria mais popular da Espanha do XVI e certamente conhecido por grande parte da população, seria mais fácil estabelecer uma relação entre as cidades americanas descritas por Bernal Diaz e as cidades encantadas presentes nas novelas. Antes mesmo de o cronista efetuar essa associação para auxiliar a compreensão daquilo que narrava, ele próprio baseou-se nos contos de cavalaria como componente indicativo durante os primeiros anos na América. Em outras palavras, foram as imagens tiradas desse tipo de literatura que contribuíram para a percepção da natureza, das cidades e do cenário no Novo Mundo. Como sugere a citação acima, o espaço mexicano de Tenochtitlan foi assimilado pelo grupo espanhol segundo a visão já formada das cidades fantásticas citadas no livro de Amadís. O contato com a realidade americana, de certa forma, foi suavizado por essa noção agregada das informações contidas nos romances populares que, assim como os mitos antigos, as lendas medievais e as explicações religiosas –, também presentes nessas novelas –, atormentaram os esquemas mentais dos viajantes espanhóis nesse momento. Na verdade, formavam um conjunto de referências interligadas que davam sentido à época em questão, daí servirem de apoio argumentativo na relação com a América.

O elemento lendário e mítico foi incorporado pelo espanhol por meio de uma tradição secular alimentada ao longo dos anos por uma coletividade presa a essas explicações, assim como os dogmas religiosos afirmaram-se na credulidade dos homens quinhentistas. Juntas, essas ferramentas mentais refletiram no século XVI o universo de ideias pertencentes a esse tempo.¹¹⁸ O gênero das novelas de cavalaria, no entanto, adentrou o pensamento desses homens num período mais recente, a partir do contato com os livros que abordaram episódios

¹¹⁷ DIAZ DEL CASTILLO, Bernal. op. cit., p. 239.

¹¹⁸ De acordo Lucien Febvre, “cada civilização com suas ferramentas mentais; mais ainda, cada época de uma mesma civilização, cada progresso, seja das técnicas, seja das ciências, que a caracteriza [...]. Elas valem para a civilização que soube forjá-las; vale para a época que as utiliza; não valem pela eternidade, nem para a humanidade: nem sequer pelo decurso restrito de uma evolução interna de civilização...”. FEBVRE, Lucien. op. cit., p. 143.

vivenciados por heróicos personagens. A grande maioria dos participantes da conquista tomou conhecimento dessas histórias pela propagação desses contos nos meios sociais espanhóis, feita de “boca em boca” ou pela própria leitura das novelas, cada vez mais popularizadas com o surgimento da imprensa. Como a maior parte dos integrantes da empresa cortesina pouco sabia das letras ou nem mesmo dominava a *pluma*,¹¹⁹ o que confirma a ausência de instrução escolar desses indivíduos, é mais provável que a literatura cavaleiresca tenha sido assimilada por meio da oralidade. A falta de instrução da população era, nessa época, uma característica da Espanha, que engatinhava para uma difusão maior da cultura com o aumento das publicações escritas e das universidades. No entanto, durante o período quinhentista foi a mistura do oral e do escrito que manteve informada a grande massa iletrada espanhola e promoveu o acesso aos livros impressos mediante a leitura em voz alta realizada em casas, praças públicas e festas da igreja.¹²⁰

O exercício da oralidade permitia a apropriação das novelas de cavalaria e de seu conteúdo abordado pelo público ouvinte, que, posteriormente, reproduzia os modos, os comportamentos, as condutas e as visões de mundo dos heróis dos romances.¹²¹ Pensando assim, os livros desempenharam um papel importante nesse contexto porque transmitiam modelos culturais que, de uma forma ou outra, alcançavam as camadas sociais.¹²² Como já foi dito, é por essa razão que boa parte dos membros da conquista encarou a América como uma grande aventura cavaleiresca, em que monstros, criaturas exóticas e lugares encantados alimentavam suas expectativas. Lançados em um cenário semelhante ao das novelas, os cavaleiros andantes seriam os próprios conquistadores espanhóis, determinados a enfrentar diversos perigos em nome da honra pessoal. Portanto, o encontro com as imagens dos contos populares pela circulação de livros impressos nas principais cidades hispânicas contribuiu para a ampla assimilação dessas histórias, determinante nas mentes de indivíduos carentes de instrução.

¹¹⁹ Matthew Restall afirma que o nível educacional dos participantes da conquista variava entre os totalmente analfabetos e os pouquíssimos homens que tinham uma considerável erudição: “Embora a disponibilidade e a atenção dada às narrativas dos conquistadores sem dúvida dê a impressão de que estes eram habilidosos com a pena (quando não bastante letrados), os plenamente alfabetizados constituíam uma minoria tanto nas campanhas de conquista quanto na própria Espanha”. O exemplo clássico, segundo Restall, é de Francisco Pizarro, que nunca soube ler e nem escrever por toda sua vida. RESTALL, Matthew. op. cit., p. 81.

¹²⁰ VIÑAO FRAGO, Antonio. Alfabetización y primeras letras (siglos XVI-XVII). In: CASTILLA, Antonio. (Comp.) *Escribir y leer en el siglo de Cervantes*. Barcelona: Gedisa, 1999. p. 42.

¹²¹ Para Irving Leonard, “Al igual las cintas cinematográficas de hoy día, esta literatura ejerció una profunda influencia en la conducta, la moral y el pensamiento de la sociedad de su tiempo, y propició la aceptación de valores artificiales y de falsas actitudes con respecto a la realidad”. LEONARD, Irving. op. cit., p. 26.

¹²² CHARTIER, Roger. *Leituras e leitores na França do Antigo Regime*. São Paulo: UNESP, 2004. p. 91.

A grande difusão desses romances populares foi possível pelo aparecimento da imprensa espanhola no século anterior. Graças ao aumento das publicações dos livros, a leitura foi ampliada e deixou de ser privilégio de uma camada restrita da população. O pergaminho, que abrigava a escrita dos autores antes da impressão de livros, era caro e difícil de ser encontrado pela forma em que era elaborado. A ausência de prensas e de um maquinário especializado deixava sua produção aos cuidados de monges escritores e ilustradores que transcreviam para o couro os conteúdos destinados ao público receptor.¹²³ A fim de ser repassada para outros leitores, essa escrita dependia da habilidade de copistas para ter multiplicadas as suas informações, um ofício assalariado e nem sempre exercido por qualquer um, daí os altos preços do pergaminho e a dificuldade de ser acessível a todos.¹²⁴ Além disso, sua produção era quase sempre feita em latim, idioma usado por indivíduos formados nas universidades e certamente desconhecido pela maioria iletrada, o que reforça o caráter limitado do pergaminho, destinado apenas a membros aristocratas.

Todavia, a introdução da imprensa na vida social espanhola e a publicação do livro de cavalaria *Tirant lo Blanch* em castelhano alteraram significativamente esse cenário, ainda que o pergaminho sobrevivesse por anos nessa sociedade.¹²⁵ Pela primeira vez, um livro popular foi impresso em língua vernácula, possibilitando o acesso e a leitura por todos. Aliado a esse fator, a reprodução da gramática de Antonio de Nebrija auxiliou os leitores e contribuiu para a difusão do gênero cavaleiresco na Espanha, que rapidamente conquistou o gosto popular.¹²⁶ A partir disso, a imprensa trouxe para alcance do público novos títulos e antigos livros somente conhecidos por um seletivo grupo provido de condições financeiras para adquirir tais “bens”. Nesse processo foi publicado *Amadís de Gaula* em 1508, novela popular de maior sucesso na época¹²⁷ e que esteve presente nos relatos de Índias como ilustrou a citação de Bernal Diaz. O romance *Sergas de Esplandián* e as diversas crônicas confeccionadas depois

¹²³ LEONARD, Irving. op. cit., p. 39.

¹²⁴ CHARTIER, Roger. *Inscrever e apagar*. São Paulo: UNESP, 2007. p. 31.

¹²⁵ Para Chartier, a invenção da imprensa não “abolio o papel da cópia manuscrita como suporte de publicação e transmissão de textos”. Ibid., p. 18.

¹²⁶ LEONARD, Irving. op. cit., p. 39.

¹²⁷ Na obra *Dom Quixote* de Miguel de Cervantes há uma passagem em que a sobrinha do protagonista se reúne com o padre-cura e o barbeiro para queimar os romances de cavalaria responsáveis pelos devaneios do tio. Durante a seleção dos livros, *Amadís de Gaula* foi “salvo da fogueira” pelo sucesso alcançado nesse período, como demonstra a seguinte passagem: “O que o mestre Nicolau primeiro lhe pôs nas mãos foram os quatro de *Amadís de Gaula*. E disse o cura: Parece coisa de mistérios esta porque, segundo tenho ouvido dizer, este livro foi o primeiro de cavalarias que em Espanha se imprimiu, e dele procederam todos os mais; por isso entendo que, por dogmatizador de tão má seita, sem remissão o devemos condenar ao fogo. Não senhor, disse o cura, também eu tenho ouvido dizer que é o melhor de quantos livros neste gênero se têm composto; e por isso, por ser único em sua arte, se lhe deve perdoar. Verdade é, disse o cura, por essa razão deixemo-lo viver por enquanto.” CERVANTES, Miguel. *Dom Quixote*. São Paulo: Nova cultural, 2002. p. 50.

do regresso dos viajantes espanhóis da América completavam a variedade de títulos impressos no século XVI.

Como foi dito anteriormente, da mesma forma que esses livros circulavam pelas ruas espanholas, também viajaram para o novo continente, levados pelos próprios conquistadores e pelos comerciantes sevillanos residentes no México. Ao que parece, a família Cromberger, que administrava a imprensa mexicana com a permissão real, imprimiu algumas novelas de cavalaria e importou outras de Sevilha, segundo o comércio internacional estabelecido nesse momento.¹²⁸ Por isso, as aventuras de *Amadís de Gaula*, *Tirant lo Blanch*, *Don Florisel de Niquea*, *Esplandirán*, *Primaleón* devem ter desembarcado na *Nueva España* junto com outros títulos.¹²⁹ Como a educação dos nativos estava entre os propósitos principais nesse contexto, a maioria dos livros impressos na América tinha conteúdos religiosos e profanos para auxiliar a evangelização dos nativos, incluindo-se dicionários, gramáticas e histórias sagradas.¹³⁰

Pelo grau de fantasias contidas nesses livros, os contos de cavalaria sofriam cada vez mais protestos e críticas de alguns setores da população, preocupados com a influência dessas obras na conduta moral dos leitores. Ao descreverem as cenas protagonizadas pelos cavaleiros, as novelas populares eram acusadas de “histórias mentirosas” por confundir verdade e invenção.¹³¹ Nesse sentido, as queixas de humanistas e religiosos contra esses livros trataram de proibi-los na Espanha quinhentista e em suas possessões americanas, muito embora o contrabando tornasse possível a entrada de alguns títulos.¹³² O incômodo causado pelas ideias transmitidas na narrativa de cavalaria provocou a censura desses romances em uma sociedade zelosa com a verdade. A época em questão, que considerava o “visto e o vivido”¹³³ ferramentas fundamentais para alcançar os fatos passados, é o próximo ponto discutido por este trabalho.

1.4 Entre a presença e a ausência: o compromisso com a verdade

“[...] aquele que escreve de orelha [...] é como os papagaios e os estorninhos que falam sem saber o que estão dizendo e ciscam quando estão com fome – e, por vezes, a sua imaginação se excede”. (Gonzalo Hernández de Oviedo).

¹²⁸ LEONARD, Irving. op. cit., p. 88.

¹²⁹ Ibid., p. 101.

¹³⁰ De acordo com Irving Leonard a imprensa mexicana publicava os seguintes livros: teológicos, manuais usados pelo clero, de medicina, direito, filosofia, história, geografia, ciências naturais, de antiguidade, de cavalaria e gramáticas. Ibid., p. 173- 75.

¹³¹ Ibid., p. 69.

¹³² Ibid., p.75.

¹³³ SERNA, Mercedes. op. cit., p. 57.

“Todo en el sueño europeo de posesión se basa en el testimonio, entendido como una forma de visión significativa y representativa. Ver es garantizar la verdad de lo que de otro modo sería considerado increíble”. (Stephen Greenblatt).

“A mim assim me parece, pois, podendo deixar correr à larga a pena no encarecer os merecimentos de tão bom fidalgo, parece que de propósito os remete ao escuro; coisa malfeita e piormente pensada, por deverem ser os historiadores muito pontuais, verdadeiros, e nada apaixonados, sem que nem interesse, nem temor, nem ódio, nem afeição, os desviem do caminho direito da verdade, que é filha legítima de quem historia, êmula do tempo, depósito dos feitos, testemunha do passado, exemplo e conselho do presente, e ensino do futuro”. (Miguel de Cervantes).

Na composição das Crônicas de Índias, a preocupação com a fidelidade dos acontecimentos narrados atuou de forma preponderante para todos os cronistas envolvidos na transmissão das notícias americanas. A história concebida como mestra da vida, em que o homem se amparava para conduzir moralmente seus atos e comportamentos, exigia o compromisso com a verdade dos fatos passados. A fim de que o leitor imitasse as façanhas dos espanhóis, a crônica listava as boas ações e ocultava as más, ciente da função pedagógica que exercia a história nessa época. Na discussão a seguir, o confronto entre “cronistas de vista” e “cronistas de oída” conduzirá a problemática acerca da verdade em que a experiência pessoal de alguns testemunhos estava em desacordo com o conhecimento livresco de outros autores.

Para os cronistas de Índias, a história nesse contexto era entendida pelo seu caráter utilitário de guiar os homens na repetição dos êxitos do passado e na prevenção de antigos erros no futuro. Definido segundo o preceito ciceroniano de *magistra vitae*, o saber histórico funcionava como uma escola na qual o leitor extraía lições para sua vida, a partir da gama de exemplos apresentados pelos eventos narrados.¹³⁴ Na qualidade de “testemunha dos tempos, luz da verdade, vida da memória e mensageira da velhice”,¹³⁵ a história oferecia um ensino moral para os homens do presente por meio de seu diálogo constante com o passado. Das atitudes virtuosas dos personagens antigos podiam-se extrair o bom comportamento e a postura correta ditada pela época, sem o receio de incorrer em desregramentos e insucessos. Pensando assim, os cronistas de Índias recorreram por diversas vezes aos feitos passados, de modo a se instruir para suas escolhas. A atitude de Cortés de retomar o feito romano para

¹³⁴ KOSELLECK, Reinhart. *Futuro passado: contribuição à semântica dos tempos históricos*. Rio de Janeiro: Contraponto, 2006. p. 42-43.

¹³⁵ CÍCERO apud KOSELLECK. *Ibid.*, p. 43.

fundamentar sua decisão de permanecer nas Índias e continuar com a conquista, fato antes explicado por este trabalho, é um episódio ilustrativo desse comportamento, como conta Bernal Díaz:

[...] y estando que estábamos todos los capitanes y soldados juntos hablando con Cortés en cosas de guerra, dijo [...]: que ya habíamos entendido la jornada a que íbamos, y mediante nuestro señor Jesucristo habíamos de vencer todas la batallas [...], porque en cualquier parte que fuésemos desbaratados no podíamos alzar cabeza, por ser muy pocos, y que no teníamos ayuda sino el de Dios [...] salvo nuestro buen pelear y corazones fuertes; sobre ello dijo otras muchas comparaciones de hechos heroicos de los romanos. Y todos a una le respondimos que haríamos lo que ordenase; que echada estaba la suerte de la buena o mala ventura, como dijo Julio César sobre el Rubicón, pues eran todos nuestros servicios para servir a Dios y su Majestad.¹³⁶

Tal como Júlio César, Cortés insistiu em seu projeto e entregou a sorte de seus companheiros às mãos da fortuna. Diante dos numerosos indígenas que lutavam a favor de Montezuma, a alternativa seria desistir da conquista ou permanecer no México mesmo ciente da desigualdade de recursos e soldados. Amparado pelo exemplo romano, o conquistador confiou no magistério da história e elegeu a segunda opção, alcançando o território e as riquezas mexicas em poucos anos de luta. Uma prova de que os fatos ocorridos no passado iluminavam as ações dos homens do presente na conduta de suas decisões.

Nas *Cartas de Relación* é possível perceber esse conceito de história como mestra da vida, utilizado por Cortés. Além dos exemplos extraídos de acontecimentos passados, seus feitos individuais foram mencionados com a intenção de divulgar valores morais. Por trás de suas façanhas no México escritas por seu próprio punho, a virtude, o esforço e a ousadia eram modelos de conduta ressaltados e destinados a atingir o público receptor. Por enunciar comportamentos, modos de ser, de pensar e de agir na descrição dos fatos históricos, as Crônicas de Índias cumpriram um papel moralizante no contexto em que foram produzidas.¹³⁷ Bernal Diaz del Castillo mostrou-se um orador dos costumes corretos presentes nas ações dos conquistadores na América, elencando a coragem, a fé e a busca pela honra durante as disputas americanas. Frei Bernardino de Sahagún destacou a postura religiosa dos espanhóis diante do encontro com as crenças indígenas, reforçando a ideia de que todo cristão deve combater as influências diabólicas na terra, em nome do único Deus.

¹³⁶ DIAZ DEL CASTILLO, Bernal. op. cit., p. 183.

¹³⁷ De acordo com Simón Valcárcel Martínez, na Espanha não existia uma grande preocupação com o estilo da escrita, porque “[...] lo importante era el carácter de moraleja que se debía extraer como lección de la historia. En efecto, la historia funcionaba (o a eso aspiraba) como *exemplum* para los lectores”. VALCÁRCEL MARTÍNEZ, Simón. op. cit., p. 431.

De modo geral, todos os cronistas de Índias consideraram a crônica um espaço dedicado a afirmar os fatos importantes para serem lembrados pela eternidade e utilizados como exemplo para as gerações futuras.¹³⁸ Nesse processo, os cronistas tinham a responsabilidade de enfatizar alguns eventos e ocultar outros, mediante um exercício seletivo de construir a história da conquista à luz da atuação espanhola. Como a história instruíra os homens por seus exemplos, as falhas e os erros praticados pelos espanhóis não eram mencionados nos relatos. Para os cronistas, as páginas da história só abrigavam a narrativa dos acontecimentos principais e dos atores destacados, deixando em branco os detalhes e os fatos de pouca expressividade.¹³⁹ Esse caráter seletivo das Crônicas de Índias na escolha do que deveria ser escrito esteve relacionado diretamente com a questão da verdade, que variava entre um cronista e outro. O confronto aparecia quando diferentes versões escritas sobre um mesmo assunto não estavam em acordo sobre determinado fato, como a discordância de Bernal Diaz del Castillo à versão dada por Francisco López de Gómora:

*También dice que derrotamos y abrasamos muchas ciudades y templos, que son sus cues, donde tienen sus ídolos, y en aquello le parece a Gómora que place mucho a los oyentes que leen su historia, y no quiso ver ni entender cuando lo escribía que los verdaderos conquistadores y curiosos lectores que saben lo que pasó, claramente le dirán que en su historia en todo que escribe se engañó, y si en las demás historias que escribe va del arte de la Nueva España, también va todo errado.*¹⁴⁰

A referida passagem é uma das diversas advertências que Bernal Diaz fez sobre a narrativa “mal informada” de López de Gómora. Por trás das críticas, a intenção do cronista foi corrigir a *Historia de la conquista de México* e registrar sua própria visão sobre esse evento, que considerava mais verdadeira pelo seu testemunho pessoal na América.

A ausência de escritos anteriores aos dos cronistas de Índias sobre as novas terras não permitia a comparação argumentativa entre as obras históricas no que diz respeito à região americana.¹⁴¹ Como não havia outras fontes de informação sobre o ambiente, a natureza e as gentes do Novo Mundo, os relatos da conquista tornaram-se a versão legítima dos fatos, ao mesmo tempo em que os cronistas os primeiros narradores da América. Na condição de “testemunhos de vista”, julgavam-se detentores da verdade dos feitos contados, já que haviam

¹³⁸ SERNA, Mercedes. op. cit., p. 61.

¹³⁹ Para Mercedes Serna, os cronistas de Índias reproduziram os critérios do saber histórico medieval. Influenciada pelas ideias de Cícero, a escrita da história deveria abordar somente os grandes eventos como assunto principal, dignos de recordo e nota. Os cronistas mais modernos, como Francisco López de Gómora, conseguiram inserir alguns traços humanistas em seus relatos, muito embora o compromisso com a verdade e os episódios de destaque da história fossem preservados. Ibid., p. 60.

¹⁴⁰ DIAZ DEL CASTILLO, Bernal. op. cit., p. 103.

¹⁴¹ VALCÁRCEL MARTÍNEZ, Simón. op. cit., p. 473.

presenciado de perto o desenrolar dos acontecimentos.¹⁴² A experiência pessoal nas Índias era requisito necessário para confirmar a veracidade do relato e a fidelidade do cronista. Nesse sentido, o protesto de Bernal Diaz pela caracterização de sua crônica como “verdadera y muy clara historia” seguiu os critérios da época de que a “vista” era fundamental para validar o relato: “[...] digo y afirmo que en este libro se contiene va muy verdadero, que como testigo de vista me hallé en todas las batallas y reencuentros de guerra [...]”.¹⁴³ A preocupação em reproduzir fielmente tudo o que assistira na América nutre sua crônica de detalhes e pormenores, artifício utilizado para compensar a falta de instrução e a carência das normas escritas exigidas na época. Essa atitude era amparada por muitos cronistas da conquista, que admitiam a falta de eloquência em um texto historiográfico, mas não permitiam de nenhum modo a ausência da verdade, como afirma Cieza de León apoiado no pensamento ciceroniano.¹⁴⁴ Assim, se a crônica de Bernal Diaz não valia por sua erudição, fato reconhecido por ele mesmo em certa passagem da obra, o registro fiel dos fatos superava sua “escrita grosseira”.

A consideração de que a “vista” era necessária para se alcançar a verdade dos acontecimentos ocorridos tornava indispensável a presença do cronista na América para o exercício da escrita. No caso de Bernal Diaz, a própria participação na conquista era sua fonte de afirmação dos episódios narrados, confirmados pelo indiscutível testemunho da visão. Os recursos expressivos “testigo de vista”, “todo salió verdad como yo dije”, “yo vi” utilizados em diversos momentos da crônica intencionavam convencer o leitor de que estava escrevendo somente a verdade. Recorrendo à vista, o autor tinha a seu favor um valioso instrumento de persuasão e legitimidade para sustentar sua argumentação.¹⁴⁵ Na tentativa de traduzir aos ausentes todo o que havia na América, os cronistas só podiam apoiar-se em suas visões para declarar a verdade daquilo que contava, já que “ver” tinha muito mais valor do que “escutar”. Exatamente nesse ponto, a crônica de Bernal Diaz esteve em desacordo com a *Historia* de Francisco López de Gómora:

[...] después que bien mirado todo lo que he dicho que escribe el Gómora, que por ser tan lejos de lo que pasó es en perjuicio de tantos, torno a proseguir en mi relación e historia; porque dicen sabios varones que la buena política y agraciado

¹⁴² "Mas o que os leitores da Renascença (e instituições como as companhias mercantis) geralmente exigiam da literatura de viagem era uma descrição exata do outro, uma visão clara da verdade nua. Para isso há mister não de uma roupagem, mas de uma testemunha confiável, de um criado digno de fé. Pois que o criado, pensava-se, não se interporia entre o objeto da percepção e a representação desse objeto; ela era apenas o agente do relato, não da interpretação." GREENBLATT, Stephen. op. cit., p. 189.

¹⁴³ DIAZ DEL CASTILLO, Bernal. op. cit., p. 55.

¹⁴⁴ CIEZA DE LEÓN apud VALCÁRCEL MARTÍNEZ. op. cit., p. 452.

¹⁴⁵ HARTOG, François. op. cit., 1999, p. 276.

*componer es decir verdad en lo que escribieren, y la mera verdad existe en mi rudeza [...].*¹⁴⁶

Por assistir os acontecimentos de longe porque nunca tinha estado nas Índias, fato já mencionando anteriormente, López de Gómora toma conhecimento da conquista pela oralidade e não, pelo testemunho próprio. A preocupação deste cronista volta-se para os critérios estilísticos do texto, pois sua formação humanista dava relevância à escrita bem elaborada e atrativa em sua forma e em seu conteúdo como recursos convincentes da narrativa.¹⁴⁷ Sendo assim, seu relato transmitiu os feitos da conquista de modo distinto aos dos “cronistas de vista” como Bernal Diaz. O significado disso para a época foi que suas palavras não foram fundamentadas na experiência pessoal e na fidelidade de sua memória, porque esteve ausente na América. À sua crônica foram atrelados os adjetivos negativos ditados por Bernal Diaz, como “enganosa” e “faltosa con la verdad”, até ser silenciada pela proibição real, no século XVI.

A valorização de Hernán Cortés em sua *Historia* como único herói do sucesso espanhol no México foi o ponto chave para as críticas de Bernal Diaz. Considerando-se participante ativo na conquista e tão responsável pela vitória como Cortés, este último cronista discordou do modo como López de Gómora construiu seu relato. Se ele não estivera nas Índias nem vira o ocorrido, como poderia afirmar que o êxito espanhol deveu-se unicamente aos feitos cortesinos? Na *Historia verdadera de la conquista de Nueva España*, Bernal Díaz dá a entender, como o próprio título sugere, a veracidade e a unicidade de sua obra, pois se há uma versão verdadeira subentende-se que as demais não sejam. Quando anuncia seu relato como verídico e fiel, porque é o resultado de tudo aquilo que tinha visto, diretamente considera a obra de López de Gómora como incrível e mentirosa, assegurando ainda mais sua própria crônica.¹⁴⁸ A *Historia verdadera* representa as críticas dirigidas à tendência erudita livresca utilizada por muitos escritores que não concordavam que “o visto e o vivido” eram ferramentas necessárias para a produção cronística. Essa mesma oposição aparece no cronista Gonzalo Hernández de Oviedo quando debate a crônica *Decadas de Orbe Novo* de Pedro Mártir, justamente pela ausência do autor durante os acontecimentos.¹⁴⁹ Para a grande maioria dos cronistas de Índias a verdade histórica não se mostrava clara a partir de

¹⁴⁶ DIAZ DEL CASTILLO, Bernal. op.cit., p. 104.

¹⁴⁷ VALCÁRCEL MARTÍNEZ, Simón. op. cit., p. 441.

¹⁴⁸ Segundo François Hartog, “[...] designar a narrativa do outro como ficção é, ao mesmo tempo, da parte do narrador, validar sua própria narrativa como séria: ele quer nos fazer crer que viu, mas eu sei muito bem que não viu nada, pois eu, sim, vi realmente; é pois, em mim que vocês devem crer”. HARTOG, François. op. cit., 1999, p. 304.

¹⁴⁹ IGLESIA, Ramon. op. cit., p. 246.

leituras e narrativas orais apropriadas dos testemunhos. O saber histórico, comparado a um espelho que deveria refletir exatamente o que ocorrera, era opaco para quem não assistira de perto os acontecimentos.¹⁵⁰ Neste sentido, a história contada de “ouvido” não era confiável para ser acreditada e tomada como exemplo no futuro assim como o era a história contada de “vista”.

O zelo pela transparência da escrita alcançou todos os tipos de cronistas dedicados à narrativa da conquista. Letrados ou não, ausentes ou presentes na América e até mesmo os cronistas nativos estiveram comprometidos com a verdade dos fatos.¹⁵¹ Na *Historia de Tlaxcala*, Diego Muñoz Camargo enfatiza que estava contando um episódio verdadeiro ao expressar-se assim: “*y no fue fábula, ni la es, porque en efecto pasaba así*”.¹⁵² Cada qual teve sua forma particular de registrar os acontecimentos e afirmar a sua verdade, que variava entre um e outro pelo modo com que tomaram conhecimento dos eventos. Bernal Diaz defende a sua versão porque se considerou testemunho ocular na América, ao contrário de López de Gómora que entendeu a história como ofício de quem domina as normas de escrita, muito embora preservasse a verdade dos fatos. Frei Bernardino de Sahagún opta pela utilização de fontes indígenas para alcançar ao máximo a veracidade sobre os costumes, crenças, ritos e organização do grupo mexica. A partir da consulta dos códices mexicas e dos relatos orais dos nativos, Sahagún obteve a verdade sobre os povos americanos. Sua atitude inovou os critérios de coleta de informações da época, já que lançou mão de testemunhos orais e pictogramas indígenas como fontes históricas válidas para o conhecimento do passado.¹⁵³ Finalmente, o conquistador Hernán Cortés assegurou a verdade em suas *Cartas* ao afirmar ser “testigo de vista” assim como fez Bernal Diaz: “[...] *porque sabré, como testigo de vista, decir a vuestra celsitud lo que a vuestro real servicio conviene, que acá mandé proveer y no podrá ser engañado por falsas relaciones*”.¹⁵⁴ No entanto, não foi tão insistente e enfático como o soldado, porque o caráter oficial das cartas anunciava credibilidade para o texto. A função obrigatória de informar o andamento da conquista por meio de cartas e relações certificava que o autor estava em acordo com a verdade, visto que todo o conteúdo escrito destinava-se ao rei.

Mesmo todo o cuidado em escrever os acontecimentos não bastava para que a crônica lograsse seus méritos de história verdadeira, pois a narrativa da conquista poderia ser

¹⁵⁰ KOSELLECK, Reinhart. op. cit., p. 164.

¹⁵¹ VALCÁRCEL MARTÍNEZ, Simón. op. cit., p. 468.

¹⁵² MUÑOZ CAMARGO, Diego. op. cit., p. 158.

¹⁵³ VALCÁRCEL MARTÍNEZ, Simón. op. cit., p. 458.

¹⁵⁴ CORTÉS, Hernán. Quinta Carta de Relación. op. cit., p. 445.

confundida com as novelas de cavalaria produzidas na época. Como o conteúdo descrito era novo e próximo aos lugares encontrados nos “romances fabulosos”, tornava-se fácil a mistura dos capítulos da conquista contados e as aventuras tiradas dos livros de cavaleiros.¹⁵⁵ Desta forma, era preciso que o cronista assegurasse a versão fiel e o compromisso de narrar os fatos exatamente como ocorreram, confirmados e provados pela experiência vivida na América. A “vista” afirmava a autenticidade do relato e tornava-o a tradução da história da conquista.

O amparo no testemunho direto como garantia da verdade dos acontecimentos escritos tornava a crônica um texto confiável e fidedigno aos olhos do leitor. Da mesma forma, tornava o cronista o produtor de uma memória que futuramente seria retomada para ilustrar os bons exemplos representados pelos indivíduos virtuosos que se destacaram na conquista. Vale lembrar que na produção cronística de Índias o tom pessoal do cronista teve um peso considerável no momento da escrita, de maneira que a defesa particular de seus interesses interferiu na descrição dos personagens. É desse modo que o fazer cronístico construiu a memória dos eventos e definiu as cenas e os protagonistas da conquista, colocando-os em lugar destacado durante a escrita. As próximas questões discutidas por este trabalho tocam justamente nessa relação estreita entre a produção cronística e a construção da memória. O interesse é saber quem eram os personagens lembrados pelas crônicas que, ao mesmo tempo, foram inseridos nos capítulos da história.

¹⁵⁵ VALCÁRCEL MARTÍNEZ, Simón. op. cit., p. 470.

SEGUNDA PARTE

A CONSTRUÇÃO DA MEMÓRIA ATRAVÉS DA ESCRITA CRONÍSTICA DE ÍNDIAS: UMA ANÁLISE SOBRE MALINCHE

Nas primeiras linhas de sua *Historia de la conquista de México*, o cronista Francisco López de Gómora destacou Hernán Cortés como a principal figura da vitória espanhola no México:

Permanezca pues el nombre y memoria de quien conquistó tanta tierra, convirtió tantas personas, derribó tantos dioses, excusó tanto sacrificio y comida de hombres. No encubra el olvido la prisión de Moteczuma, rey poderosísimo; la toma de México, ciudad fortísima, ni su reedificación, que fue grandísima. Esto basta por memorial de la conquista: no parezca loar mi propia obra si todo lo trato, pues quien la considerare, sentirá más de lo que yo pueda encarecer en una carta. Solamente digo que vuestra señoría, cuya vida y estado nuestro Señor prospere, se puede preciar tanto de los hechos de su padre como de los bienes, pues tan cristiana y honradamente los ganó.¹

A referência ao conquistador extremenho revela a tendência das Crônicas de Índias em valorizar unicamente personagens masculinos na descrição da conquista. Essa prática respondia aos critérios da época de mencionar apenas os atores principais e os fatos mais importantes na construção de um relato. O entendimento da história como espaço destinado ao abrigo das grandes ações centralizou as lideranças espanholas e indígenas nos relatos da conquista e marginalizou a presença de outros personagens importantes nesse contexto.² Apesar da relevante contribuição - pois a conquista se realizou com a ação coletiva de diferentes sujeitos -, intérpretes e auxiliares nativos, soldados espanhóis, escravos e mulheres foram integrados ao grupo dos participantes anônimos. A exceção a essa assertiva foi a intérprete Malinche, descrita pelos cronistas de Índias de maneira constante e favorável durante toda a aventura no México. Uma atitude claramente isolada nesse contexto, já que o fazer cronístico não se ocupava das mulheres, nem dos indígenas e muito menos dos intérpretes como assunto principal.

¹ LÓPEZ DE GÓMORA, Francisco. *Historia de la conquista de México*. Venezuela: Ayacucho, 1979, p. 4.

² De acordo com o historiador Ramon Iglesia, o cronista Francisco López de Gómora expressa uma atitude típica do homem renascentista de sua época ao valorizar os grandes feitos a partir de um entendimento individualista e heróico da história. IGLESIA, Ramon. *Cronistas e historiadores de la conquista de Mexico*. México: Biblioteca de la ciudad de México, s/d, p. 116.

Por sua função na conquista, Malinche dificilmente apareceria nos relatos com o mesmo peso e valor que Cortés e os outros poucos participantes que foram citados. No entanto, a leitura das Crônicas de Índias até agora utilizadas por essa pesquisa nos revela a presença marcante de Malinche em diversos momentos decisivos, entreposta junto a Cortés e as lideranças nativas principais, transmitindo uma língua à outra e intermediando o processo de conversão dos índios. Levando em conta o lugar secundário do intérprete, da mulher e do indígena na conquista, o interesse é saber por que Malinche foi mencionada pelos cronistas e, por isso, lembrada pela história.

A concepção histórica quinhentista definida a partir de sua função pedagógica de “mestra da vida” determinava a escrita somente dos fatos que valiam a pena ser lembrados pelo conteúdo moral que possuísem. Dessa forma, os atores dos feitos notáveis eram vistos como modelos de virtudes para servir como exemplo ao ensino e formação das gerações futuras. Mercedes Serna aponta para a existência de uma responsabilidade moral do cronista que constrói seu relato fundamentado na ideia do magistério da história.³ Por isso, a crônica deveria exaltar os grandes homens da conquista e silenciar a presença daqueles indivíduos que não representavam a postura moral valorizada pela época, a partir do entendimento do passado como uma lição para o presente. É nesse sentido que Cortés foi visto como o ideário de homem virtuoso pela coragem e audácia expressadas na conquista espanhola do México, razão de seu destaque nas Crônicas de Índias e a inserção de seu nome na memória desse evento.

Malinche não se encaixava dentro desse modelo masculino de virtude, mas mesmo assim foi lembrada pelos cronistas e diretamente mencionada ao lado do conquistador, desde o início de sua função como intérprete. Se Cortés é posto no centro do relato porque é considerado a personalidade ilustrativa dos padrões morais defendidos nesse momento –, o que faz dele o protagonista da conquista –, por que Malinche aparece nas crônicas dividindo a cena com ele? A pergunta central a ser respondida ao longo do trabalho é: por que se falou de Malinche nas Crônicas de Índias se esta personagem não representava o modelo de virtude da época? Questão que se relaciona com a própria função da escrita cronística como construtora de uma memória, responsável por determinar a lembrança dos fatos e dos personagens destacados nesse momento. Para isso, serão discutidos o lugar do intérprete na conquista, uma figura quase sempre ocultada pelos relatos, o lugar das mulheres, que serviam como objeto de

³ SERNA, Mercedes. *Crônicas de Índias*. Antología. Madrid: Cátedra, 2005, p. 61.

troca e, finalmente, o lugar dos escravos nesse contexto, indivíduos meramente ilustrativos nesse momento.

2.1 Memória: a escrita como conservação dos grandes feitos e principais personagens da história

“Poco a poco, estudiando las infinitas posibilidades del olvido, se dio cuenta de que podía llegar un día en que se reconocieran las cosas por sus inscripciones, pero no se recordaba la utilidad. Entonces fue más explícito. El letrero que colgó en la cerviz de la vaca era una muestra ejemplar de la forma en que los habitantes de Macondo estaban dispuestos a luchar contra el olvido: Esta es la vaca, hay que ordeñarla todas las mañanas para que produzca leche [...]. Así continuaran viviendo en una realidad escurridiza, momentáneamente capturada por las palabras, pero que había de fugarse sin remedio cuando olvidaran los valores de la letra escrita.” (Gabriel García Márquez).

“Alguns dos membros daquela expedição seriam bem lembrados pela História, entre eles seu líder, Cortés, Dona Marina ou La Malinche, sua intérprete e mãe de seu filhinho, Martín, e Bernal Díaz, que séculos após sua morte se celebrizaria como cronista da conquista.” (Matthew Restall).

A escrita das Crônicas de Índias teve como finalidade direta preservar os acontecimentos do esquecimento e salvaguardá-los na memória da conquista. A fim de que fossem revisitados no futuro, por meio dos exemplos oferecidos pela narrativa do cronista, os fatos mais destacados eram registrados através da escrita. Nesse exercício, havia a preocupação em conservar a memória dos principais atores dos eventos e inseri-los nas “páginas de ouro da história”, o que tornava a crônica um lugar ocupado por personagens masculinos. No entanto, o aparecimento de Malinche nos relatos de Índias alterou essa lógica, já que os poucos indivíduos relacionados pelos cronistas passaram a compartilhar as cenas da conquista com ela. Tal como Cortés, Malinche foi inserida na memória desse evento por meio da *pluma* dos cronistas.

O contexto quinhentista espanhol foi marcado pelo cuidado em abrigar os acontecimentos e os personagens importantes da história para que fossem para sempre lembrados. Esse compromisso com a memória esteve embutido na necessidade da luta contra o esquecimento ocasionado pela ação do tempo, que condenava o passado à sepultura conforme a sucessão dos eventos. Para que “a lembrança dos mortos e a glória dos vivos”

sobrevivessem na memória das gerações futuras, a conservação dos fatos deveria ser assegurada.⁴ Nesse processo, a escrita funcionou como mecanismo fundamental na transcrição dos acontecimentos e na garantia de sua preservação. Assumindo a função de registro, a escrita “conjurava contra a fatalidade da perda” de algum evento que não se poderia apagar com os anos, daí a conclusão de que se escrevia para não se esquecer.⁵ Ao cumprir esse papel, a escrita serviu como “lugar de memória” em que o homem recorria como instrumento de atualização do passado.⁶ O ato de escrita fixava a lembrança dos ausentes e possibilitava sua retomada posterior para o conhecimento de tudo o que tinha ocorrido. Como o homem não é eterno para estar vivo e poder contar aos outros os eventos da sua época, escrever era um meio de continuidade que dava ao futuro a possibilidade de conhecer o passado.⁷ Em outras palavras, escrever estava associado à noção de perpetuidade, de modo que a memória estava segura no momento em que era registrada no papel.

A partir desse entendimento, a escrita foi um importante suporte na conservação dos eventos ocorridos durante a conquista espanhola do México. As crônicas informavam aos ausentes sobre o desmembramento da conquista e conservava no papel a versão dos fatos, prática segura que mantinha a memória viva, daí o caráter memorialista dos cronistas de Índias. Foi por meio de cartas, relatos e crônicas que o rei espanhol tomou conhecimento dos acontecimentos americanos e dos notáveis feitos desempenhados pela ação dos espanhóis.⁸ Um exercício que permitiu a divulgação dos valores da honra, da coragem e da audácia expressos na ação dos conquistadores. Além disso, era na página da crônica que os testemunhos da conquista expressavam a voz pessoal sobre os eventos e seus personagens, versão posteriormente escutada pelos curiosos leitores e ouvintes espanhóis famintos de notícias que chegavam das Índias. Esse processo envolvia a construção dos fatos a partir do olhar particular do cronista e ditava o que deveria ser lembrado e valorizado na história da conquista.

Para que a memória dos acontecimentos não se perdesse com o tempo durante os anos na América, diversas práticas de escrita foram utilizadas pelos cronistas, como os *librillos de memória*, uma alternativa aos indivíduos que se encontravam longe da pena, da tinta e do

⁴ CHARTIER, Roger. *Inscriver e apagar*. São Paulo: UNESP, 2007, p. 9.

⁵ *Ibid.*, loc.cit.

⁶ Segundo Paul Ricoeur, os lugares de memória “[...] permanecem como inscrições, monumentos, potencialmente como documentos, enquanto as lembranças transmitidas unicamente pela voz voam, como voam as palavras”. RICOEUR, Paul. *A memória, a história e o esquecimento*. Campinas: UNICAMP, 2007, p. 58.

⁷ CASTILLO, Antonio. *Escribir y leer en el siglo de Cervantes*. Barcelona: Gedisa, 1999, p. 23.

⁸ Para os viajantes “[...] era o notável que merece ser relatado, até o que merece sê-lo mais que tudo. O notável é também o memorável [...]”. HARTOG, François. *Memória de Ulisses*. Narrativas sobre a fronteira da Grécia antiga. Belo Horizonte: UFGM, 2004, p. 160.

papel.⁹ Tratavam-se de pequenas cadernetas com breves anotações que armazenavam informações para posteriormente serem lidas e retomadas durante a composição de um texto. Ao que parece, muitos espanhóis serviram-se desses *librillos* durante a estada nas Índias para registrarem em determinado momento suas impressões e visões sobre o desenrolar dos fatos. O soldado espanhol Bernal Díaz del Castillo provavelmente valeu-se de uma dessas cadernetas para mencionar brevemente os passos dados na conquista, reunidos depois na *Historia verdadera de la conquista de Nueva España*. Para muitos cronistas, fixar no papel os eventos era a única maneira de garantir a fidelidade ao passado, uma vez que as lembranças faladas sofriam distorções pelo tempo e as escritas conservavam-se verdadeiras.¹⁰

Esse cuidado com a memória dos eventos estava diretamente relacionado com a função que a história exercia nessa época, segundo o conceito de *magistra vitae*, já discutido neste trabalho. A crença na virtude educativa da história, que através de exemplos orientava e difundia regras sociais, modos de agir e comportar, colocou a memória em lugar destacado, porque era a partir dela que se constituíam as lembranças de um fato e o esquecimento de outros. O pensamento do padre Bartolomé de Las Casas, expresso na crônica *Historia de las Indias*, vem ao encontro desse caráter pedagógico da história apoiado na constituição da memória. Segundo ele, a escrita deveria manifestar o conhecimento das obras virtuosas para que aos “[...] que viverem, si el mundo durare, se animen a las imitar, pues [...] cosa hermosa es de lo que los pasados erraron aprender cómo debemos ordenar la vida, según muchos la suya ordenaron”.¹¹ Esse papel seletivo conduzia o homem a memorizar os atos ilustres, propícios à imitação, como também a olvidar os negativos para que não fossem praticados novamente.¹² Mesmo na representação do passado dos grupos nativos, ocorrida por intermédio de mitos e linguagens de símbolos manifestados na arquitetura, pintura e outras artes,¹³ o propósito era acumular conhecimentos, registrar o passado, apontar os indivíduos principais e transmitir valores ao público, como mostra Bernardino de Sahagún:

Todas la naciones, por bárbaras y de baxo metal que hayan sido, han puesto los ojos en los sábios y poderosos para persuadir, y en los hombres eminentes en las virtudes morales, y en los diestros y valientes en los

⁹ CHARTIER, Roger. op. cit., 2007, p. 80.

¹⁰ Segundo Maurice Halbwachs, “[...] o único meio de preservar essas lembranças é fixá-las por escrito em uma narrativa, pois os escritos permanecem, enquanto as palavras e o pensamento morrem”. HALBWACHS, Maurice. *A memória coletiva*. São Paulo: Centauro, 2006, p. 101.

¹¹ LAS CASAS, Bartolomé de. *Historia de las Indias*. Venezuela: Ayacucho, 1986, p. 18, v. 108.

¹² De acordo com Paulo Ricoeur, “É mais precisamente a função seletiva da narrativa que oferece à manipulação a oportunidade e os meios de uma estratégia engenhosa que consiste, de saída, numa estratégia do esquecimento tanto quanto da rememoração”. RICOEUR, Paul. op. cit., p. 98.

¹³ FLORESCANO, Enrique. *Memória mexicana*. México: Fondo de cultura económica, 1999, p. 250, 254.

*exercicios bélicos, y más en los de su generación que en los de las otras. Esto mismo se usaba en esta nación indiana, y más principalmente entre los mexicanos, entre los cuales los sabios retóricos, virtuosos y esforzados, eran tenidos en mucho.*¹⁴

Sendo assim, a narrativa dos capítulos da conquista espanhola elaborada pelos cronistas dava conta somente dos eventos importantes, como as vitórias, o “achamento” do ouro e as demais descobertas que lançavam novas questões sobre a outra parte do mundo. Ainda, reservavam muitas páginas para mencionar os passos dados pelos principais atores dessa história, destacando a coragem e a honra inseridas em suas ações:

*[...]que adelante se verán, para que salga luz y se vean las conquistas de la Nueva España claramente como se han de ver, y su majestad sea servido conocer los grandes y notables servicios que le hicimos los verdaderos conquistadores, pues tan pocos soldados como vinimos a estas tierras con el venturoso y buen capitán Hernando Cortés nos pusimos a tan grandes peligros y le ganamos esta tierra, que es una buena parte de las del Nuevo Mundo, puesto que su majestad, como cristianísimo rey y señor nuestro, nos lo ha mandado muchas veces gratificar [...].*¹⁵

Era um traço de época a assertiva de que os feitos notáveis deveriam ser registrados pela história a fim de que não se perdesse o nome de quem os realizou.¹⁶ Na crônica citada, essa visão está presente quando Bernal Díaz elenca os “grandes servicios” protagonizados pelos poucos espanhóis que se destacaram na conquista, por ele considerados os “verdaderos conquistadores”. Também aponta que os atores dessa história devem ser lembrados pela postura exercida, as funções realizadas e os encargos cumpridos, como o “venturoso y buen capitán” Hernando Cortés. A escrita, nesse caso, é um instrumento necessário para dar a conhecer, expor e divulgar os grandes feitos realizados durante a caminhada espanhola na América, possibilitando que “*se vean las conquistas de la Nueva España claramente como se han de ver*”.

De maneira próxima, o cronista Francisco López de Gómora reproduziu esse caráter renascentista de relembrar os destacados homens ao conceder grande importância à memória e registro dos feitos espanhóis. Para ele, a história reserva lugares somente para os ilustres personagens que nela atuam, daí o caráter biográfico de sua *Historia de la conquista de México*, destinada a contar a conquista espanhola segundo os passos de Cortés. A noção de que a história não se encarrega de mencionar todos os indivíduos envolvidos em um

¹⁴ SAHAGÚN, Bernardino de. *Historia general de las cosas de Nueva España*. Madrid: Alianza, 1988, p. 305, v. 1.

¹⁵ DIAZ DEL CASTILLO, Bernal. *Historia verdadera de la conquista de Nueva España*. Madrid: Castalia, 1999, p. 104.

¹⁶ IGLESIA, Ramón. o. cit., p. 116.

determinado evento e que opera na seleção de personagens foi um entendimento compartilhado pelos cronistas da época da conquista. Justamente por isso, cada um procurou seu espaço e sua inserção na história a partir de seus atos e realizações contados na crônica. Dessa forma, a autodefesa de Bernal Díaz em sua *Historia verdadera*, já abordada anteriormente, foi o mesmo mecanismo utilizado por López de Gómora na valorização de Cortés. Ambos pretenderam assegurar a memória daqueles indivíduos por eles considerados importantes na história da conquista e, por isso, merecedores de honra, fama e *mercedes*. Francisco López de Gómora destaca individualmente Hernán Cortés como figura histórica no México e Bernal Díaz del Castillo movimenta-se na defesa coletiva da camada de soldados a que pertencia, muito embora o nome de Cortés passeie continuamente pelas páginas de sua crônica, como ilustra certa passagem:

*[...] hágole saber que otro más venturoso en el mundo no ha habido que Cortés: y tiene tales capitanes y soldados, que se podían nombrar tan en ventura, cada uno en lo que tuvo entre manos, como Octaviano, y en el vencer como Julio César, y en el trabajar y ser en las batallas más que Aníbal.*¹⁷

A repetida descrição de Cortés nas Crônicas de Índias aqui trabalhadas e o próprio esforço de Bernal Diaz para ser um dos nomes destacados da conquista revela a preocupação com a construção da memória dos eventos americanos. A problemática de quem deveria ser lembrado e colher os louros da vitória estava embutida no fazer cronístico de Índias. A exaltação e a valorização dos feitos de Cortés foi uma atitude quase unânime entre as crônicas do período, assim como a inserção de vários outros participantes espanhóis e líderes indígenas que se destacaram, mas ocuparam um lugar secundário em relação ao conquistador extremenho. Tal prática esclarece o cultivo das Crônicas de Índias de descrever apenas personagens masculinos como atores principais dos acontecimentos.¹⁸

É nesse sentido que a intérprete de Cortés emerge nesse trabalho como contraponto a essa tendência natural dos cronistas. Num campo atuado majoritariamente por homens, Malinche é referida por diversas vezes em sua função como intérprete, intermediadora e negociadora na conquista. Nas principais cenas ela aparece como peça fundamental ligando um grupo a outro através da fala e da tradução cultural, que tanto dificultavam o

¹⁷ DIAZ DEL CASTILLO, Bernal. op. cit., p. 353.

¹⁸ Segundo Michelle Perrot, essa ordem de escrita masculina ocorre porque as mulheres “[...] aparecem menos no espaço público, objeto maior da observação e da narrativa, fala-se pouco delas e ainda menos caso quem faça o relato seja um homem que se acomoda com uma costumeira ausência, serve-se de um masculino universal, de estereótipos globalizantes ou da suposta unicidade de um gênero: a mulher.” PERROT, Michelle. *As mulheres ou os silêncios da história*. São Paulo: EDUSC, 2005, p. 11.

entendimento; em outras é citada individualmente como produtora do diálogo estabelecido entre espanhóis e indígenas. Na *Historia general de las cosas de Nueva España*, obra produzida pelo frei Bernardino de Sahagún, Malinche é mencionada como importante contribuidora na conversão dos nativos, por auxiliar na tradução da palavra divina proclamada pelos religiosos. Na *Historia verdadera de la conquista de Nueva España*, Bernal Diaz del Castillo dedica um capítulo inteiro de sua crônica a narrar o passado de Malinche até o encontro com Cortés por meio do senhor de Tabasco. Em outras passagens, evoca Malinche como senhora exemplar e fundamental para o prosseguimento da conquista. A mesma atitude é encontrada na *Historia de Tlaxcala*, quando Diego Muñoz Camargo escreve um capítulo todo para explicar quem era a intérprete de Cortés: “*Que trata de quién era Marina y de su matrimonio com Jerónimo de Aguilar.*” Mesmo o propagandista de Cortés, o cronista Francisco López de Gómora, reconhece a participação de Malinche na conquista e a coloca em várias partes exercendo seu papel como intérprete e *lengua*¹⁹ dos espanhóis. Na *Crónica Mexicana*, Alvarado Tezozomoc descreve a reação de Montezuma ao constatar a presença da indígena que os espanhóis traziam consigo como auxiliar e intérprete. O próprio Cortés cita Malinche duas vezes em suas *Cartas de Relación* dedicadas ao rei espanhol com a intenção de informá-lo sobre as andanças na América. Por mais que Cortés pretendesse ocultar a participação dos auxiliares nativos para valorizar sua ação individual na conquista e levar todo o mérito, Malinche aparece na *Segunda Carta de Relación* como “[...] *la lengua que yo tengo, que es una india de esta tierra que hube en Potonchán [...]*”²⁰ e na *Quinta Carta de Relación* “[...] *y para creyese ser verdad, que se informase de aquella lengua que con él hablaba, que es Marina, la que yo siempre conmigo he traído, porque allí me habían dado con otras veinte mujeres [...]*”.²¹

Todos esses exemplos demonstram que Malinche esteve presente nas Crônicas de Índias e assumiu o papel de protagonista na conquista através da escrita indireta dos cronistas.²² Se o compromisso das crônicas era fazer relação dos personagens principais que se destacaram pela conduta moral transmitida em suas ações, no entendimento de que a história é um espelho ao leitor, a referência à Malinche ocorreu porque sua função na conquista foi tão importante que mereceu destaque. Dito de outro modo, Malinche apareceu

¹⁹ Segundo o *Diccionario de la lengua castellana*, citado por Margo Glantz, uma *lengua* é “el intérprete que declara una lengua con otra, interviniendo entre dos de diferentes lenguajes”. GLANTZ, Margo. *La Malinche, sus padres y sus hijos*. México: Taurus, 2001, p. 95.

²⁰ CORTÉS, Hernán. Segunda Carta de Relación. In: *Cartas de Relación*. Madrid: Dastin, 2003, p. 109.

²¹ CORTÉS, Hernán. Quinta Carta de Relación. op. cit., p. 388.

²² Segundo Margo Glantz, “[...] Doña Marina, vuelvo a decir, ocupa el lugar principal en el discurso junto a Hernán Cortés, por lo menos hala la conquista de Tenochtitlán. GLANTZ, Margo. *Doña Marina y el capitán Malinche*. In: GLANTZ, Margo. op. cit., 2001, p. 130.

nos relatos de Índias porque estava na consciência dos cronistas da conquista, lugar ocupado somente pelos indivíduos centrais da história.²³

Visto que a função seletiva da narrativa oferecia maneiras tanto para lembrar quanto para esquecer, o tom particular da argumentação dava à crônica a possibilidade de moldar os personagens e a história contada segundo as pretensões e anseios do cronista. A memória elaborada se movimentava, portanto, na escolha do que deveria entrar ou não na história, de maneira que os “cacos do passado” eram filtrados pelos diversos cronistas envolvidos no assunto da conquista.²⁴ Nesse entendimento, Malinche passa a ser lembrada nos relatos a partir dessa seleção de personagens realizada pela *pluma* dos cronistas. Resta agora investigar o que levou esses narradores a inseri-la nas Crônicas de Índias e reservar tanto espaço a uma indígena, intérprete e ex-escrava. De saída, será discutido o lugar que esses personagens ocuparam nesse contexto, com a intenção de demonstrar quem eram os participantes anônimos da conquista.

2.2 Os esquecidos da conquista: o intérprete, a mulher e o escravo nas Crônicas de Índias

“Mandó Cortés sacar los caballos para que se recreasen, que venían fatigados y había muy buenos pastos, y, toda la gente y él en tierra, envió cierta cuadrilla dellos a buscar gente o algunas personas de quien pudiesen tomar lengua”. (Bartolomé de Las Casas).

“Alguien podría creer que éste no era tiempo de mujeres, que la guerra era un espacio destinado exclusivamente a los hombres. Pero las mujeres también estuvieron allí, de uno y otro lado; muchas indígenas y muy pocas españolas”. (Pilar Gonzalbo Aizpuru).

“[...] y me dieron ciertos collarejos de oro de poco peso y valor y siete u ocho esclavas [...]”. (Hernán Cortés).

²³ Para Claudia Leitner, “estar en el centro es estar en la consciencia europea. Algunos mexicanos lo están; los campesinos y la mexicanas, no”. LEITNER, Claudia. El complejo de la Malinche. In: GLANTZ, Margo. op. cit., 2001, p. 281.

²⁴ Para Márcio Seligman- Silva “o registro da memória é sem dúvida o mais seletivo e opera no *double bind* entre lembrança e esquecimento, no tecer e destecer [...]”. SELIGMAN-SILVA, Márcio. História, memória e literatura. O testemunho na era das catástrofes. In: BRESCIANI, Maria Stella; NAXARA, Márcia Regina. *Memória e (res) sentimento: indagações sobre uma questão sensível*. Campinas: UNICAMP, 2004, p. 62.

Nas diversas passagens das crônicas que compõem a história da conquista espanhola do México é possível perceber o silêncio conferido aos intérpretes, às mulheres e aos escravos. Considerados indivíduos figurativos entre os atores principais, pela condição ocupada, esses personagens tiveram suas ações ocultadas pelas letras das crônicas e pela memória desse evento. Quando mencionados, a referência se fazia com sentido coletivo e abrangente, o que indicava que para os cronistas esses participantes estavam de fato em segundo plano na conquista. Na discussão a seguir, será mostrado como as crônicas descartaram a presença dos intérpretes durante a comunicação realizada entre indígenas e espanhóis, o lugar secundário das mulheres nesses relatos e, finalmente, a restrita menção aos escravos nativos.

No processo da conquista espanhola do México, a comunicação com o mundo indígena foi um dos importantes pontos explorados pelos conquistadores na tentativa de obter informações sobre a terra e os povos que ali habitavam. Inicialmente, o interesse da empresa cortesina caminhava mais ou menos na linha de uma investigação acerca da região mexicana para compreender o que era essa nova realidade que se apresentava aos seus olhos.²⁵ A ineficácia das armas para alcançar tal entendimento e a negociação com os nativos levaram os espanhóis a utilizar o diálogo como mecanismo indispensável na conquista. Por essa razão, Cortés procurou desenvolver formas de comunicar-se com os índios americanos através de relações de amizade e trocas de presentes que resultaram em importantes alianças para os espanhóis. Na ausência inicial de intérpretes, a comunicação com os indígenas enfrentou problemas de compreensão causados pela barreira idiomática que impedia a realização de um diálogo verbal.²⁶ A gesticulação, a mímica e os sinais foram as linguagens utilizadas durante os primeiros momentos na conquista, pois o uso da palavra mostrava-se desnecessário num contexto em que os diversos idiomas eram estranhos uns aos outros:

Traían en las narices unos pedacitos de oro; preguntóles el Almirante por señas donde había de aquello; respondían, no con la boca, sino con las manos, porque las manos servían aquí de lengua, según lo que se podía entender [...].²⁷

Os habitantes da América nada tinham a ver com os povos anteriormente vistos pelos espanhóis, como mouros e judeus, de modo que as diferenças culturais e linguísticas pesaram significativamente para o desenvolvimento da relação espanhol-indígena. Nem Cortés nem os

²⁵ Segundo Todorov, nos primeiros passos no México o objetivo de Cortés não é tomar, mas compreender e conhecer os signos indígenas, de forma que “sua expedição começa em busca de informação e não de ouro”. TODOROV, Tzvetan. *A conquista da América*. A questão do outro. São Paulo: Martins Fontes, 2003, p. 143.

²⁶ GIFRE, Emma Martinell. *La comunicación entre españoles e índios: palabras y gestos*. Madrid: Mapfre, 1992, p. 127.

²⁷ LAS CASAS, Bartolomé de. op. cit., v. 108, p. 211.

demais companheiros puderam entender o modo de falar dos índios, os jogos de palavras, a visão de mundo e as concepções de poder.²⁸ Por outro lado, era bastante complicado para os nativos assimilar os valores espanhóis, a busca exacerbada pelo ouro e a mensagem religiosa imposta a qualquer custo. Mesmo com a participação posterior de intermediários indígenas como mediadores nas conversas, a comunicação estabelecida foi marcada por muitos erros e distorções para ambas as partes. As palavras circulavam no vazio pela falta de uma língua comum e de uma proximidade cultural capaz de promover o entendimento. Na *Historia de la conquista de México* o cronista Francisco López de Gómora revela que Cortés em certa altura recebeu quatro ou cinco mulheres que “*no entendía ni las entendían; pero por los ademanes y cosas que hacían conocieron cómo la una de ellas era señora de las otras [...]*”.²⁹ A fala do cronista demonstra que somente por meio de um gesto intencional realizado por uma das mulheres o conquistador pôde perceber quem era a senhora principal daquele grupo.

A comunicação sem palavras limitava a continuidade de um diálogo mais profundo e esclarecedor para os espanhóis. Dificilmente, Cortés conseguiria descobrir os “secretos de las tierras” que tanto pretendia nas *Cartas de Relación* sem o auxílio de intérpretes indígenas e espanhóis para traduzir as mensagens e tornar possível a conversação. Por isso, a procura por nativos capazes de estabelecer uma ponte comunicativa com os outros povos foi uma preocupação constante.³⁰ Ao ser informado de que havia seis homens barbados vivendo na ilha de Acuzamil, ordenou o resgate desses possíveis espanhóis perdidos por confiar na futura ajuda que esses indivíduos poderiam lhe proporcionar. E Cortés não estava errado, pois um dos homens era Jerónimo de Aguilar que, a partir dali, se tornou seu principal intérprete por falar o idioma maia: “*Luego a otro día que Aguilar fue venido, tornó Cortés a hablar a los acuzamilanos para informarse mejor de las cosas de la isla, pues serían bien entendidas con tan fiel intérprete [...]*”.³¹ A presença de Aguilar e de outros mensageiros facilitou o acesso às informações sobre as províncias visitadas, seus habitantes, as divergências e inimizades presentes e a localização do ouro. Era com o apoio de intérpretes e, sobretudo, com a parceria entre Aguilar e Malinche, firmada posteriormente, que os espanhóis puderam conhecer pouco

²⁸ BERNAND, Carmen; GRUZINSKI, Serge. *História do Novo Mundo*. São Paulo: Edusp, 200, p. 326.

²⁹ LÓPEZ DE GÓMORA, Francisco. op. cit., p. 22.

³⁰ De acordo com Stephen Greenblatt, o principal meio utilizado pelos espanhóis na aquisição de intérpretes foi o raptos, isto é, a apreensão de nativos para servirem de elo comunicativo entre espanhóis e indígenas. GREENBLATT, Stephen. *Possessões maravilhosas*. O deslumbramento do Novo Mundo. São Paulo: EDUSP, 1996, p. 146.

³¹ *Ibid.*, p. 27.

a pouco as contradições internas dos povos americanos e selar alianças fundamentais para a derrubada dos astecas:³²

*El señor mandó a los suyos que se desviasen o se fuesen, y luego comenzaron a hablar de negocios por intérprete: y estuvieron muy gran rato en demandas y respuestas, porque Cortés deseaba mucho informarse muy bien de las cosas de aquella tierra y de aquel gran rey Moteczuma [...].*³³

A participação dos intérpretes e auxiliares nativos garantiu, portanto, a comunicação entre espanhóis e indígenas e tornou viável, em muitas ocasiões, o entendimento e o acordo em lugar da guerra e da violência.³⁴ De outro modo, contribuiu para a conversão dos índios americanos ao traduzir a mensagem religiosa proclamada pelos espanhóis aos caciques, na tentativa de convencê-los de que o verdadeiro Deus era o cristão: “[...] y acabada la misa vinieron allí aquellos religiosos que llevaba, y por ellos les fue hecho un sermón con la lengua, de manera que muy bien lo pudo entender, acerca de las cosas de nuestra fe [...]”.³⁵ Exatamente por essas funções é que o uso de índios para cumprir o papel de intérpretes foi uma prática comum durante os vários capítulos da conquista espanhola. Tal como as armas, a comida e os soldados, os intérpretes eram necessários para o prosseguimento e a sobrevivência na América. Visto a inferioridade numérica dos espanhóis e a escuridão em que se encontravam devido ao desconhecimento da região, a aquisição de nativos sempre foi um fator valioso.³⁶

Apesar desse relevante exercício de tornar possível o uso da fala entre espanhóis e indígenas, o intérprete não teve reconhecimento nas Crônicas de Índias. Em algumas passagens desses relatos a ideia transmitida é a de que Cortés podia compreender perfeitamente os povos americanos e estes aos espanhóis sem a ação de filtros ou quaisquer intermediários. Parece exemplificar tal ideia a leitura para os indígenas de um documento oficial em castelhano, intitulado *Requerimiento*, para afirmar os motivos da guerra e o nome de Deus e do rei como entidades superiores por que lutavam.³⁷ Se a leitura era feita no idioma

³² Para Tzvetan Todorov, foi “[...] graças a esse sistema de informação, perfeitamente funcional, que Cortés consegue perceber rapidamente, e em detalhes, a existência de divergências internas entre os índios - fato que, como vimos, tem papel decisivo para a vitória final. TODOROV, Tzvetan. op. cit., p. 148.

³³ LÓPEZ DE GÓMORA, Francisco. op. cit., p. 58.

³⁴ FRIEDERICI, Georg. *El carácter del descubrimiento y de la conquista de América*. México: Fondo de cultura económica, 1987, p. 132.

³⁵ CORTÉS, Hernán. Quinta Carta de Relación, op. cit., p. 387.

³⁶ Segundo Matthew Restall, “quase com a mesma determinação com que procuravam o ouro, os espanhóis lançaram-se também à caça de populações nativas. Um aspecto desse processo era a necessidade de adquirir aliados nativos”. RESTALL, Matthew. *Sete mitos da conquista espanhola*. Rio de Janeiro: Civilização brasileira, 2006, p. 57.

³⁷ O *Requerimiento* é assim definido nas palavras do estudioso Stephen Greenblatt: “Extravagante mistura ritual, cinismo, ficção legal e idealismo perverso, o *Requerimiento* contém em seu cerne a convicção de que não

espanhol é porque para Cortés e seu grupo os nativos compreendiam a língua, os motivos e as mensagens inseridas naquele texto. O historiador inglês Matthew Restall denominou de “mito da comunicação” esse argumento utilizado pelos próprios conquistadores para justificar que os indígenas compreendiam os espanhóis e por isso foram convertidos e subjugados.³⁸ Esse argumento também pode ser completado pela resistência dos espanhóis em compreender e até mesmo aceitar a alteridade cultural dos grupos americanos. Quando os indígenas do México não eram vistos como incultos, o olhar espanhol os caracterizava como sujeitos providos da cultura europeia, portanto, abertos ao entendimento da língua, das leis e das ordens espanholas.³⁹ Por não enxergarem os nativos na sua própria condição cultural completamente distinta da sua, os espanhóis acreditavam que em alguns momentos os índios estavam plenamente cientes do idioma castelhano e dos significados do *Requerimiento*. Essa atitude afirma a recusa dos conquistadores em admitir a dificuldade e a irregularidade dos diálogos com os índios e explica o encobrimento do intérprete nas conversas, já que a crença na supremacia espanhola era a grande causa do triunfo na conquista⁴⁰. Na *Segunda Carta de Relación* Cortés expressa essa impressão quando reproduz sua fala com os indígenas ocultando a presença do intermediário:

A aquellos mensajeros de Mutezuma que conmigo estaban hablé acerca de aquella traición que en aquella ciudad se me quería hacer y cómo los señores de ella afirmaban que por consejo de Mutezuma se había hecho y que no me parecía que era hecho de tan gran señor enviarme sus mensajeros y personas tan honradas como me había enviado a decirme que era mi amigo [...].⁴¹

Ao dizer que falou com os mensageiros de Montezuma, o conquistador omite a participação do tradutor que certamente esteve ao seu lado naquele momento. Tal postura pode ser esclarecida pelo fato de Cortés direcionar suas *Cartas* ao rei a fim de vangloriar-se de seus feitos na América e afirmar sua individualidade na conquista. Como as cinco cartas intencionavam mais legitimar sua empresa do que informar ao trono espanhol sobre os acontecimentos nas Índias, destacar sua ação e esconder o auxílio que teve foi uma atitude assumida por Cortés em grande parte de sua escrita. Da mesma forma, quando mencionavam os intérpretes os cronistas os descreviam de maneira diminuída e quase apagada na narrativa

existe nenhum obstáculo sério de ordem linguística entre índios e europeus”. GREENBLATT, Stephen. op. cit., p. 137.

³⁸ RESTALL, Matthew. op. cit., p. 155.

³⁹ GREENBLATT, Stephen. op. cit., p. 135.

⁴⁰ “[...] o mito da superioridade da capacidade europeia de comunicação revela-se ao mesmo tempo profundamente arraigado e ainda pujante. RESTALL, Matthew. op. cit., p. 232.

⁴¹ CORTÉS, Hernán. Segunda Carta de Relación. op. cit., p. 111-112.

das cenas, ao mesmo tempo que repetidas vezes citavam o nome de Cortés e das façanhas espanholas. Essa tendência das crônicas de ignorar ou subtrair a presença dos intérpretes faz parte do “[...] corolário dos mitos do homem branco e do mito da conclusão, segundo os quais os espanhóis levaram a conquista a cabo rapidamente e por conta própria”.⁴² Acreditava-se que a superioridade dos espanhóis foi responsável pela vitória no México e, por isso, a conquista realizou-se unicamente pela ação dos “bravos soldados” saídos dos portos de Sevilla para aventurar-se nas Índias. No entanto, se esqueceram de que sem a participação dos intérpretes na comunicação e na união de alianças contra Montezuma a conquista possivelmente teria tido outro desfecho.

Procurando salvaguardar a memória unicamente dos conquistadores espanhóis e de uns poucos líderes indígenas, as Crônicas de Índias condenaram o intérprete às páginas em branco dos relatos. A origem americana já era um fator desfavorável para serem lembrados, porque esse tipo de escrita cultivou os espanhóis como figuras centrais.⁴³ A função de transmitir mensagens entre os grupos era algo comum e rotineiro,⁴⁴ fato que não fazia do intérprete um indivíduo valorizado na conquista, o que dificultava ainda mais que fossem recordados. É a partir dessas questões até agora levantadas que a pergunta principal deste trabalho volta a nos perturbar. Como entender as numerosas referências a Malinche nas Crônicas de Índias se o lugar do intérprete era secundário nesse contexto? A que se deve a memória à *lengua* de Cortés nos relatos e o silêncio aos demais intérpretes nativos? À exceção do espanhol Jerônimo de Aguilar, que foi bastante mencionado pelos cronistas, Malinche é a única intérprete da conquista espanhola do México a estar entre os personagens principais e tornar-se uma das figuras mais frequentadas das crônicas.⁴⁵ Muito mais que isso, nenhuma outra intérprete mulher e indígena teve representado seu passado, sua história de vida e sua atuação no México como Malinche. Uma particularidade que se inicia justo no seu papel como intérprete, pois, em regra geral, esses participantes eram do sexo masculino. As mulheres tinham outro encargo na conquista e dificilmente atuavam como mensageiras, tradutoras e auxiliares durante a comunicação.

⁴² RESTALL, Mathew. op. cit., p. 158.

⁴³ “Por um lado, sendo indígenas, os intérpretes não eram dignos de confiança. Sendo nativos, os intérpretes estavam também fadados a ficar em segundo plano nos relatos hispânicos da conquista, isso quando chegavam a ser citados. Ibid., p. 158.

⁴⁴ Segundo Emma Gifre, a figura do intérprete era comum entre os europeus quando chegaram ao Novo Mundo e ainda mais ente os nativos americanos. A incursão em regiões cujo idioma era totalmente desconhecido obrigava os espanhóis a terem sempre por perto algum indivíduo que lhes servissem de *lengua*. Igualmente, o mosaico linguístico existente na América fez do intérprete um ofício necessário entre os grupos indígenas. GIFRE, Emma Martinell. op. cit., p.153.

⁴⁵ GLANTZ, Margo. La Malinche, sus padres y sus hijos. op. cit., 2001, p. 12.

Na *Historia general de las cosas de Nueva España* o cronista Bernardino de Sahagún explica que o lugar das mulheres no México antigo estava definido desde seu nascimento: “*Y el ombligo de la niña enterrábanle cabe el hogar, en señal de que la mujer no ha de salir de casa y que todo su trabajar ha de ser cerca del hogar, haciendo comer, etcétera*”.⁴⁶ O vínculo das meninas com o lar era um indicativo de que as mulheres se encarregariam das atividades domésticas, à geração e ao cuidado de seus filhos. Nesse caso, era como se as mulheres pertencessem restritamente ao âmbito familiar na organização social indígena. Este, um traço cultural também compartilhado pelos espanhóis vindos da Europa, pois a distinção entre homens e mulheres existia e estava previsto no próprio caráter masculino da conquista.⁴⁷ A característica militar da empresa espanhola possibilitou a atuação majoritária dos homens e a participação secundária das mulheres, deslocadas nos relatos de Índias para segundo e terceiro planos frente à centralidade dos fatos na ação dos conquistadores.⁴⁸ No universo mental dos espanhóis, a mulher estava naturalmente submetida ao homem, assim como um escravo deveria estar abaixo de seu senhor, pensamento encontrado nos cronistas da conquista que escreveram a história desse evento.⁴⁹

A menção ao feminino por esse tipo de escrita ocorria sempre à sombra dos feitos masculinos, quando era necessário narrar as constantes doações de mulheres por parte dos índios e os serviços por elas desempenhados nesse contexto. Dessa forma, as mulheres aparecem descritas nos relatos como peças de trocas e objetos de presentes que os indígenas ofereciam aos seus “amigos”:

*El señor de Cempoallan [...] hizo llamar ocho doncellas muy bien vestidas a su manera y que parecían moriscas, una de las cuales traía mejores ropas de algodón y más labradas, y algunas piezas y joyas de oro encima; y dijo que todas aquellas mujeres eran ricas y nobles, y que la del oro era señora de vasallos y sobrina suya; la cual dio a Cortés, con las demás, para que la tomase por su mujer, y las diese a los caballeros de su compañía que mandase, en prenda de amor y amistad perpetua y verdadera.*⁵⁰

⁴⁶ SAHAGÚN, Bernardino de. op. cit., p. 414, v. 1.

⁴⁷ De acordo com Mary Del Priore, “o corporativismo da sociedade hispânica, no interior do qual os indivíduos ocupavam rígidas posições, sublinhava a submissão dos papéis femininos”. DEL PRIORE, Mary. *Imagens da terra fêmea: a América e suas mulheres*. In: VAINFAS, Ronaldo (Org.). *América em tempo de conquista*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1992, p. 154.

⁴⁸ GOMEZ, Thomas. *L'invention de L'Amérique*. Mythes et réalités de la Conquête. França: Champs Flammarion, 1992, p. 223.

⁴⁹ Nos escritos do religioso espanhol Guines de Sepúlveda é possível encontrar a defesa da superioridade dos homens em relação às mulheres, assim como dos espanhóis em relação aos índios e dos homens em comparação aos escravos. TODOROV, Tzvetan. op. cit., p. 223.

⁵⁰ LÓPEZ DE GÓMORA, Francisco. op. cit., p. 59.

A doação de mulheres era uma prática comum entre os nativos mexicanos para estabelecer alianças e amizades contra seus inimigos, estreitar laços com a geração de possíveis filhos e selar a paz, reconhecendo a derrota em alguma batalha por meio do envio de oferendas aos vencedores.⁵¹ Tratava-se de uma forma comunicativa carregada de significados e representações utilizada pelos indígenas como ponto de contato com os espanhóis. Como as barreiras idiomáticas se erguiam a cada tentativa de diálogo e entendimento, trocar objetos, fornecer comida e ajudantes nativos, enviar presentes e regalar mulheres funcionavam como meios transmissores que aproximavam fisicamente esses povos.⁵² Ainda que Cortés e os líderes indígenas não compreendessem as palavras trocadas, essa manifestação informativa certamente era interpretada por ambos os grupos “falantes”. Em meio às plumas, pepitas de ouro, vestimentas e outros acessórios, o botim de guerra incluía as mulheres por entender que eram necessárias aos homens que se encontravam em constante guerra e distantes de suas esposas.⁵³ Nesse sentido, havia diferenças entre as mulheres pertencentes à linhagem nobre, entregues por seus próprios pais para afirmar a amizade e produzir herdeiros, e as demais, que seriam escravas dos espanhóis com a função de cuidar dos soldados feridos, cozinhar, costurar e servir como companheiras amorosas.⁵⁴ Foi nessa condição que Malinche chegou até Cortés por intermédio de um botim oferecido pelo senhor de Tabasco aos espanhóis. Junto a outras dezenove mulheres, Malinche fatalmente seria mais uma escrava a serviço dos conquistadores não fosse sua habilidade com as palavras e a sapiência das principais línguas faladas no México, o que tanta falta fazia a Cortés. O cronista Francisco López de Gómora revela os deveres das mulheres nesses grupos nativos e esclarece a função por elas exercida, uma vez doadas:

*[...] la primera es el vicio de la carne, en que mucho se deleitan; la segunda es por tener muchos hijos; la tercera por reputación y servicio; la cuarta es por granjería; y esta postrera usan más que otros los hombres de guerra [...]; hácenlas trabajar como esclavas, hilando, tejiendo mantas para vender, con que se mantengan y jueguen.*⁵⁵

⁵¹ GONZÁLEZ HERNÁNDEZ, Cristina. *Doña Marina (La Malinche) y la formación de la identidad mexicana*. Madrid: Encuentro, 2002, p. 204.

⁵² Carmen Bernand e Serge Gruzinski explicam que a comunicação entre indígenas e espanhóis no contexto da conquista “[...] não se limita a uma gestualidade do respeito e da distinção, nem a sacralizações enigmáticas; ela se traduz, de forma mais realista, na recepção de presentes que os índios trazem, plumas, ouros, tecidos de algodão e, principalmente, dons em espécie: alimentos preparados, milhos, perus, frutas e peixes que os invasores, muitas vezes famintos, recebem com muito prazer”. BERNAD, Carmen; GRUZINSKI, Serge. *op. cit.*, p. 328.

⁵³ Para Margo Glantz, as mulheres que pertenciam ao botim de guerra serviam literalmente “[...] para resolver necesidades domesticas y cotidianas, esto es, la comida y el sexo”. GLANTZ, Margo. *Doña Marina y el capitán Malinche*. In: GLANTZ, Margo. *op. cit.*, 2001, p. 115.

⁵⁴ GONZÁLEZ HERNÁNDEZ, Cristina. *op. cit.*, p. 207.

⁵⁵ *Ibid.*, p. 337.

Ao contrário das espanholas, as mulheres indígenas eram numerosas nesse ambiente ocupado pela maioria de espanhóis carentes de suas esposas e noivas, que tinham deixado a sua espera no porto de Sevilha. A ausência de suas companheiras e a presença de formosas índias fáceis de ser tomadas foi um incentivo a mais para a ocorrência da relação amorosa entre conquistadores e nativas.⁵⁶ Um assunto que rendeu inúmeras preocupações à Igreja católica, zelosa da instituição matrimonial e monogâmica dos espanhóis, inúmeras vezes desfeita pelo amancebamento destes com as índias da América. A poligamia era um costume culturalmente praticado pelos indígenas mexicanos e cada vez mais assimilado pelos conquistadores no convívio com esses povos. Ainda mais pelos espanhóis, acostumados com a *barraganía*, herança do medievo que combinava o casamento religioso com a ocorrência de relacionamentos extraconjugais.⁵⁷ Esse hábito casou perfeitamente com a cultura nativa de ter muitas esposas, fato que impulsionou os conquistadores a manterem *barraganas* na América, mães de seus filhos posteriormente reconhecidos pelo papa e pelo rei, após a união matrimonial. A certeza dessa ligação afetiva entre seus soldados e as indígenas levou Cortés a ordenar o batismo e a conversão imediata das mulheres recebidas, para só depois distribuí-las entre seus companheiros. Era uma garantia de que o provável relacionamento fosse realizado entre dois cristãos:

*[...] y el mismo fraile con nuestra lengua Aguilar predicó a las veinte indias que nos presentaron muchas buenas cosas de nuestra santa fe, y que no creyesen en los ídolos de que antes creían, que eran malos y no eran dioses, ni más les sacrificasen, que los traían engañados, e adorasen a nuestro Jesucristo; e luego se bautizaron [...].*⁵⁸

Entre as vinte mulheres a que o cronista Bernal Díaz faz referência estava a indígena Malinche, designada daí em diante como intérprete e *lengua* oficial de Cortés. Seguindo o costume religioso, após ser batizada Malinche passou a ser chamada de Marina pelos conquistadores espanhóis. O filho que futuramente teve com Cortés também recebeu o ritual de batismo e o nome cristão do avô, Martín Cortés. O exemplo dessa união entre o

⁵⁶ Margo Glantz defende que nesse contexto as mulheres “[...] son buenas para hacer generación, como decía el cacique tlaxcalteca y más tarde Moctezuma, o simplemente para satisfacer el deseo primario de la sexualidad, en un mundo privado de mujeres reales, es decir, europeas.” GLANTZ, Margo. Doña Marina y el capitán Malinche. In: GLANTZ, Margo. op. cit., 2001, p. 117.

⁵⁷ Segundo Cristina González, “La institución de la barraganía existía, en efecto, en la España de siglo XVI como supervivencia medieval por medio de la cual se combinaba el matrimonio monógamo con la poliginia. La barragana venía a ser una especie de concubina o de manceba reconocida y oficial, cuyo status únicamente difería del de la cónyuge en que el vínculo no había sido sacralizado. GONZÁLEZ HERNÁNDEZ, Cristina. op. cit., p. 208.

⁵⁸ DIAZ DEL CASTILLO, Bernal. op. cit., p. 144.

conquistador e a índia Malinche revela outro papel fundamental desempenhado pelas mulheres na conquista espanhola do México: a mistura racial e a consequente formação de uma sociedade miscigenada com sangue indígena e europeu, retrato fiel do que viria a ser a população americana após o contato com o branco. Muito mais do que representar moeda de troca e objeto de presente dos indígenas aos forasteiros espanhóis, e muito mais do que servir a seus novos senhores como concubina e auxiliar, as índias regaladas tornaram-se um elemento fundamental para a constituição da sociedade colonial nascente a partir da procriação de filhos americanos.⁵⁹ Esse legado pouco é mencionado pelos cronistas de Índias por não ser um dado importante frente aos valorosos feitos de conquistar o México, derrubar o governo de Montezuma e instalar a fé católica numa região povoada de infiéis e pecadores.

O papel exercido pelas mulheres, quase inexpressivo no contexto abordado, dependeu da voz masculina dos cronistas para sobreviver ao tempo e à passagem dos séculos.⁶⁰ Indiretamente, Malinche foi ouvida pela escrita de muitos relatos que, por sorte, deixaram espaço para essa personagem chave no processo comunicativo da conquista espanhola, da mesma forma com que preencheram quase todas as páginas para descrever as “*grandes y señaladas victorias dignas de perpetua memória*” dos conquistadores espanhóis.⁶¹ A autoria masculina dos textos da conquista parece ter refletido na própria escritura dos acontecimentos, porque as crônicas tomaram um caráter completamente varonil, tanto na descrição informativa quanto na seleção dos eventos ocorridos. Se as poucas mulheres citadas por essas Crônicas de Índias conseguiram representar o lugar das personagens femininas na conquista, sobretudo as indígenas, certamente tiveram um papel destacado nesse espaço ocupado por homens. É relevante notar que Malinche e outras mulheres tiveram suas histórias mediadas e escritas na época pelo interesse e atenção despertados a partir de sua própria atuação.⁶²

Somente o papel como intérprete e a inserção de Malinche nos diálogos principais foram capazes de revertê-la para figura central nas crônicas ao lado de Cortés e desviá-la de seu destino certo como escrava. Na condição de cativa dos espanhóis, Malinche desempenharia as tarefas domésticas e sua participação na conquista seria incluída na massa coletiva das mulheres consideradas anônimas. Se os indígenas dificilmente eram referidos pelos autores, menos expressão tiveram as mulheres na narrativa cronística, interessada no universo

⁵⁹ GOMEZ, Thomas. op. cit., p. 224.

⁶⁰ Michelle Perrot afirma que “[...] no que se refere ao passado, um oceano de silêncio, ligado à partilha desigual dos traços, da memória e, ainda mais, da História, este relato que, por muito tempo, “esqueceu” as mulheres, como se, por serem destinadas à obscuridade da reprodução, inenarrável, elas estivessem fora do tempo, ou ao menos fora do acontecimento”. PERROT, Michelle. op. cit., 2005, p. 9.

⁶¹ CORTÉS, Hernán. Tercera Carta de Relación. op. cit., p. 193.

⁶² PEREZ CANTÓ, Pliar. Las españolas en la vida colonial. In: MORANT, Isabel (Dir). *Historia de las mujeres en España y América Latina*. El mundo moderno. Madrid: Cátedra, 2006, v. II, p. 542.

masculino dos conquistadores. Sendo escravas, o silêncio era ainda maior entre os autores por considerá-las irrelevantes no contexto mexicano, já que a proposta moral da narrativa histórica deveria dar conta unicamente dos feitos virtuosos e figuras destacadas para servirem de exemplos posteriormente.

A representação social inferiorizada das escravas começava pela própria indumentária *huipil*, espécie de vestido usado unicamente por elas como símbolo de sua posição no grupo.⁶³ Essa marca se refletia na descrição cronística dessas personagens mencionadas e lembradas pelo adjetivo “escrava”, como se o termo caracterizasse definitivamente a condição ocupada por essas mulheres. No México, por vários motivos uma pessoa perdia sua liberdade e se tornava escrava de outra por tempo indeterminado ou por um curto período de sua vida, dependendo do delito cometido. Por essa flexibilidade que permitia o câmbio da condição cativa, a escravidão indígena se distinguia bastante da europeia em termos significativos. Essa diferença foi percebida pelo cronista Francisco López de Gómora, que atenta para esse modelo oposto:

Quiero contar la manera que los mexicanos tienen en hacer esclavos, porque es muy diferente de la nuestra. Los cautivos de guerra no servían de esclavos, sino de sacrificados, y no hacían más que comer para ser comidos. Los padres podían vender por esclavos a sus hijos, y cada hombre y mujer a sí mismo. Cuando alguno se vendía, había de pasar la venta delante a lo menos de cuatro testigos. El que hurtaba maíz, ropa o gallinas era hecho esclavo, no teniendo de qué pagar, y entregado a la persona a quien primero hurtó.⁶⁴

É a partir desses preceitos que muitos índios passavam a ser escravos na organização social mexicana. Igualmente, era por essas vias que as mulheres eram vendidas, compradas, doadas e trocadas como escravas pelos seus novos senhores no movimentado mercado. Peças de grande valor, as escravas engrossavam o conjunto de mulheres que acompanhavam as damas da nobreza indígena⁶⁵, trabalhavam nas casas, serviam aos homens nas atividades domésticas e muitas vezes eram colocadas para trabalhar como vendedoras de algum produto. A possibilidade de voltar a ser livres com a compra de sua “*manumisión*” e a retomada da convivência social anteriormente perdida demonstram que a escravidão entre os indígenas era

⁶³ GONZALBO AIZPURU, Pilar. De huipil o terciopelo. In: GLANTZ, Margo. op. cit., 2001, p. 144.

⁶⁴ LÓPEZ DE GÓMORA, Francisco. op. cit., p. 344.

⁶⁵ O cronista Diego Muñoz Camargo conta que depois de Malinche tornar-se a principal intérprete de Cortés e ter reconhecida a sua origem nobre se viu cercada de acompanhantes indígenas para atender e servir suas necessidades: “*Cuando tenían una mujer principal, la acompañaban muchas mujeres para que las sirviesen; de manera que para el servicio de Marina se quedaron en servicio del capitán Cortés las trescientas esclavas, como dicho es*”. MUÑOZ CAMARGO, Diego. *Historia de Tlaxcala*. Madrid: Dastin, 2001, p. 195.

uma situação condicional que poderia ser alterada.⁶⁶ As escravas que trabalhavam muitas vezes conseguiam juntar o valor fixado por sua liberdade e deixavam de ser cativas. Outras poderiam deixar de sê-lo a partir da libertação dada pelo próprio dono, fato ocorrido com Malinche depois da promessa de Cortés caso a indígena lhe servisse como tradutora nos diálogos. A questão é que a inversão da condição de escrava era possível, embora não tão fácil como possa parecer. Uma vez escrava, sua transição de mão a mão nesse cenário dificultava-lhe a fixação definitiva junto a determinado povo e contribuía para a consideração de que eram, de fato, peças e objetos rotativos:

*[...] le tujeron pan, gallipavos, frutas y cosas así de bastimento [...] y hasta veinte mujeres de sus esclavas para que les cociesen pan y guisasen de comer al ejército; con las cuales pensaban hacerle gran servicio, como los veían sin mujeres, y porque cada día es menester moler y cocer el pan de maíz, en que se ocupan mucho tiempo las mujeres.*⁶⁷

O serviço prestado aos homens na esfera doméstica e afetiva alimentava essa prática de manter um grande número de escravas prontas para ser entregues aos aliados. Aproveitando-se desse costume, os espanhóis agregaram várias escravas e passaram a adquirir novas por meio do aprisionamento em guerras. Muitas mulheres que estiveram entre os soldados de Cortés caíram em cativeiro e se tornaram escravas, após a queda da resistência nativa montada contra os conquistadores. Ao chegar ao grupo espanhol, uma quinta parte delas destinava-se à coroa e o restante era repartido entre os espanhóis, depois de Cortés escolher a dedo as melhores indígenas para si próprio: “[...] después que sacaban el real quinto, era otro quinto para Cortés y otras partes para los capitanes; y en la noche antes cuando las tenían juntas nos desaparecieron las mejores índias”.⁶⁸

O tratamento dado às escravas foi o mesmo praticado no Velho Mundo com os africanos e outros povos cativos, segundo o entendimento de que tais indivíduos deveriam ser custodiados pela condição inferior. No caso das escravas indígenas, a imagem que se tem do seu papel quase nulo na conquista será absorvida pelos cronistas e transportada para os relatos. Isso quer dizer que as poucas referências feitas pelo restrito número de crônicas que abordaram esse assunto mencionam unicamente essas escravas quando relatam os produtos que completavam o botim de guerra. Em alguns casos, como no do cronista López de Gómora, são explicados os motivos da escravidão indígena e a situação vivida por essas pessoas. No entanto, não há muitas informações relevantes sobre elas durante a escrita dos

⁶⁶ GONZALBO AIZPURU, Pilar. op. cit., p. 154.

⁶⁷ LÓPEZ DE GÓMORA, Francisco. op. cit., p. 39.

⁶⁸ DÍAZ DEL CASTILLO, Bernal. op. cit., p. 317.

acontecimentos da conquista, até porque o centro das narrativas eram os conquistadores. Assim como grande parte dos intérpretes, das mulheres e de outros participantes desse evento, os nomes, as origens e a etnia dessas escravas perderam-se no tempo pela indiferença dos relatos.⁶⁹ Esse ponto é fundamental para sustentar o questionamento sobre a inserção de Malinche nas Crônicas de Índias e na memória da conquista espanhola do México.

Até agora a intenção foi apresentar os personagens esquecidos na história da conquista e reafirmar que a memória dedicava-se unicamente a um restrito grupo de indivíduos destacados pela ação na América. Essa assertiva pode ser sentida na própria leitura das Crônicas de Índias que, pelo compromisso com o ideal de moral e virtudes da época, revelam Cortés e seus poucos companheiros como os principais realizadores da vitória espanhola. Distante desse modelo cultural pertencente à Espanha quinhentista que individualizava os homens segundo seus feitos, Malinche aparece descrita junto a Cortés a partir do momento em que se tornou sua *lengua* oficial. Na discussão que prossegue, será mostrado através das crônicas o passado nobre de Malinche e sua condição social como escrava, o encontro com Cortés e a posição central como sua intérprete. O objetivo é explicar gradativamente como essa indígena conseguiu alterar seu destino e tornar-se uma das participantes principais da conquista, referida e lembrada por muitos cronistas de Índias.

2.3 De nobre a escrava, de escrava a intérprete: o passado de Malinche lembrado pela pluma dos cronistas

[...] se puso por nombre doña Marina aquella india y señora que allí nos dieron y verdaderamente era gran cacica e hija de grandes caciques y señora de vasallos, y bien se le parecía en su persona; lo cual diré adelante cómo y de qué manera fue allí traída; e de las otras mujeres no me acuerdo bien de todos sus nombres, e no hace caso nombrar algunas, mas éstas fueran las primeras cristianas que hubo en la Nueva España.⁷⁰

Com essas palavras, o cronista Bernal Díaz del Castillo menciona a indígena Malinche em seu relato a partir da descrição do botim de guerra fornecido pelos caciques de Tabasco aos espanhóis. Dentre as vinte mulheres que na condição de escravas foram entregues a Cortés, o cronista fez referência apenas a Malinche, enfatizando a importância dela nesse contexto ao deixar claro que o nome das demais “*no era caso nombrar*”. O pensamento do cronista

⁶⁹ Para Stephen Greenblatt, “[...] não são apenas as vozes dos nativos americanos que foram distorcidas ou não foram registradas: restaram, se tanto, ainda menos traços das classes europeias mais baixas, dos soldados e marujos comuns, dos servidores e artesãos, que padeceram os maiores sofrimentos e perigos das viagens”. GREENBLATT, Stephen. op. cit., p. 187.

⁷⁰ DÍAZ DEL CASTILLO, Bernal. op. cit., p. 144.

reafirma o anonimato das diversas mulheres e escravas na narrativa cronística de Índias e a evidência de que somente os personagens destacados como Malinche seriam lembrados pela história da conquista. Sendo assim, nas páginas que seguem será mostrado seu passado nobre, a posterior condição de escrava e a participação como intérprete e auxiliar, segundo a escrita cronística da conquista.

A diversidade de crônicas que abordaram a vida de Malinche e o componente de informação oral existente criaram diferentes versões sobre a localidade de seu nascimento e o modo como foi entregue aos índios de Tabasco. De acordo com o cronista Diego Muñoz Camargo, “*hay variedades de su nacimiento y de que tierra era*” nos muitos relatos elaborados pelos autores que estiveram na conquista, motivo que o levou a tratar somente de “*algunos pasos y acontecimientos mediante ella, porque los que han escrito de las conquistas de esta tierra habrán tratado largamente de ello [...]*”.⁷¹ No capítulo que dedicou inteiramente à descrição de Malinche, Bernal Díaz afirma que ela era natural de Painalla e foi entregue ainda criança aos índios de Xicalango por sua própria mãe depois que se casou novamente, por se encontrar viúva.⁷² Após o nascimento do primeiro filho, o casal decidiu então desfazer-se de Malinche para que o novo herdeiro não tivesse com quem dividir o *cacicado* e os vassalos. Durante a noite, Malinche foi dada aos índios e depois considerada morta no lugar da filha de uma escrava que de fato havia falecido, justificativa encontrada por sua família para explicar seu desaparecimento. A interpretação de Bernal Díaz sobre esse fato se respaldou no reencontro posterior de Malinche com sua mãe e o meio irmão em Guazacualco, quando já estava no grupo espanhol. O cronista conta que “[...] *la madre de doña Marina y su hermano de madre Lázaro [...] tuvieron miedo della, que creyeron que los enviaba a llamar para matarlos [...]*”, mas Malinche os consolou dizendo que “[...] *cuando la transpusieron con los de Xicalango que no supieron lo que se hacían, y se lo perdonaba [...]*”.⁷³

A versão do cronista Diego Muñoz é menos trágica ao sugerir que Malinche foi roubada de seus pais “[...] *siendo de mucha gracia y parecer, y entregada a unos mercaderes que trataban en toda la costa del norte, la cual fue llevada de lance en lance hasta Tabasco y Potonchan y Acosamilco*”.⁷⁴ O mesmo cronista ainda revela a hipótese de que Malinche era filha de um mercador e que, por ser *hermosa*, foi levada pelo pai para essas regiões com a intenção de fazê-la mulher de algum cacique. A primeira explicação de Diego Muñoz, no

⁷¹ MUÑOZ CAMARGO, Diego. op. cit., p. 185.

⁷² DÍAZ DEL CASTILLO, Bernal. op. cit., p. 148.

⁷³ Ibid., p. 149.

⁷⁴ MUÑOZ CAMARGO, Diego. op. cit., p. 185.

entanto, aparece na crônica de Francisco López de Gómora quando transcreve a resposta de Malinche ao questionamento de Cortés:

*Marina, que así se llamaba después de cristiana, dijo que era de Xalisco, de un lugar dicho Viluta, hija de ricos padres, y parientes del señor de aquella tierra; y que siendo muchacha la habían hurtado ciertos mercaderes en tiempos de guerra, y traído a vender a la feria de Xicalango, que es un gran pueblo sobre Cozacualco, no muy aparte de Tabasco, y de allí era venida a poder del señor de Potonchán.*⁷⁵

Apesar dessas diferentes histórias sobre seu passado, o fato é que Malinche estava entre os índios de Tabasco na ocasião em que foi doada a Cortés com outras dezenove mulheres que integravam um conjunto de presentes oferecidos ao conquistador. Sendo escrava, estava sujeita a passar de mão em mão conforme a vontade de seus donos, por meio de trocas, vendas e doações, o que tornava possível sua estada nesses diversos lugares citados pelas crônicas.⁷⁶

Com essa detalhada descrição, os cronistas percorrem a mudança social vivenciada por Malinche para demonstrar sua passagem de nobre à escrava e de senhora de vassallos a cativa, pertencente a algum senhor. Tratou-se de um recurso proposital para demonstrar como Malinche chegou até Cortés em 1519 e se tornou intérprete, alterando mais uma vez o curso de sua vida. A convivência com diferentes grupos indígenas permitiu a Malinche o aprendizado de vários idiomas locais dentre os milhares falados na região mexicana, como o maia, essencial para o primeiro contato com os espanhóis que entendiam essa língua por meio do trabalho de intérprete de Jerónimo de Aguilar.⁷⁷ A maneira como os espanhóis perceberam o conhecimento e a habilidade de Malinche com os idiomas nativos é ocultada pelos cronistas em questão, que simplesmente relataram a satisfação de Cortés “[...] porque una de aquellas veinte mujeres que le dieron en Potonchán, hablaba con los de aquel gobernador y los entendía muy bien, como a hombres de su propia lengua [...]”.⁷⁸ A procura por um intérprete indígena que soubesse a *lengua mexicana* era um grande anseio do conquistador desde que pisou em terras americanas, pois o auxílio de Aguilar era ineficaz para o diálogo com os mexicas. Cortés necessitava com urgência achar um intérprete de confiança que falasse o náhuatl para viabilizar a comunicação com os demais povos encontrados, selar alianças e

⁷⁵ LÓPEZ DE GÓMORA, Francisco. op. cit., p. 46.

⁷⁶ BROTHERSTON, Gordon. La Malintzin de los códices. In: GLANTZ, Margo. op. cit., p. 20.

⁷⁷ “Posiblemente hablaba no sólo náhuatl y maya, lo cual es una simplificación, y a la postre castellano, como comúnmente se asume, sino variedades de estas lenguas; incluidas las modalidades francas de las mismas, así como desde luego algunas formas locales del maya chontal y de las variedades nahuas de Veracruz. FLORES FARFÁN, José Antonio. La Malinche, porta voz de dos mundos. *Revista Estudios de cultura Náhuatl*. México: Universidad Nacional Autónoma de México, número 37, 2006, p. 130.

⁷⁸ LÓPEZ DE GÓMORA, Francisco. op. cit., loc. cit.

negociações para a derrubada de Montezuma. Justamente por isso, o aparecimento de Malinche foi fundamental para o estabelecimento de uma ponte comunicativa com esses indígenas.⁷⁹

Tendo em vista que o conhecimento do idioma náhuatl⁸⁰ era um grande aliado para os espanhóis naquele momento, já que precisavam compreender e ser compreendidos pelos mexicas, a aquisição de Malinche como intérprete viabilizou os planos de Cortés logo que Aguilar mostrou-se limitado por saber unicamente o maia:

Todo esto se había hecho sin lengua, porque Jerónimo de Aguilar no entendía a estos indios, que eran de otro muy diverso lenguaje que no el que sabía; de lo cual Cortés estaba con cuidado por faltarle faraute para entenderse con aquel gobernador y saber de las cosas de aquella tierra [...].⁸¹

De outro modo, o entendimento do discurso elaborado e a evocação das palavras apropriadas à idade, ao gênero e à posição social do interlocutor, próprios da cultura mexica, eram necessários durante o diálogo com os líderes nativos.⁸² Por sua origem nobre, Malinche dominava esse estilo linguístico e conhecia muito bem as circunstâncias em que deveria empregá-lo. Nas negociações com os senhores de Tlaxcala esse atributo foi essencial para a realização de um acordo bastante proveitoso para Cortés, já que depois de várias conversas o conquistador adquiriu o apoio desses índios contra Montezuma.⁸³ A ajuda de Tlaxcala pesou significativamente para a derrubada do poder asteca, pelo numeroso exército montado e liderado por Cortés e pelo conhecimento local e de povos que se aliaram aos espanhóis, unidos pelo mesmo propósito.

De acordo com grande parte dos relatos da conquista, a inimizade entre os povos indígenas de México e os astecas vinha de longa data, desde que estes tomaram o poder e passaram a agir com o uso da força para sustentar-se frente à rebeldia das demais cidades.⁸⁴

⁷⁹ “No sólo lejanos sino incompatibles entre sí eran los dos universos lingüísticos entre los que Malintzin debía establecer un entendimiento. Por ello su intervención es admirable”. ECHEVERRÍA, Bolívar. Malintzin, la lengua. In: GLANTZ, Margo. op. cit., p. 177.

⁸⁰ Sobre a língua náhuatl o cronista Diego Muñoz Camargo diz: “Presupuesto que toda sea una lengua y una cosa que se entienda, ésta es la que corre en esta Nueva España y la mayor parte del Nuevo Mundo [...]”. MUÑOZ CAMARGO, Diego. op. cit., p. 83.

⁸¹ LÓPEZ DE GÓMORA, Francisco. op. cit., p. 46.

⁸² Segundo Matthew Restall, “na cultura asteca (como, em efeito, na maioria das culturas mesoamericanas), a linguagem do discurso cortês apresentava um elevado nível de desenvolvimento. RESTALL, Matthew. op. cit., p. 174.

⁸³ Segundo Francisco López de Gómora, “Hablan en Tlaxcallan tres lenguas, náhuatl, que es la cortesana, y la mayor de todo tierra de México; la otra es de otomí [...]”. LÓPEZ DE GÓMORA, Francisco. op. cit., p. 95.

⁸⁴ Enrique Florescano complementa essa ideia afirmando que no México antigo “[...] había guerras frecuentes, etnias sometidas por estados en expansión, poderes imperiales y, desde luego, rivalidades y odios”. FLORESCANO, Enrique. *Espejo mexicano*. México: Fondo de cultura económica, 2002, p. 59.

Os senhores de Tenochtitlan e Culúa usurparam estas regiões e iniciaram a cobrança alta de impostos, o controle das rotas comerciais e dos mercados, o aprisionamento de mulheres para servirem como escravas e de homens para alimentar os rituais de sacrifício dedicados aos deuses. Por esses fatores, Cortés não encontrou muitos obstáculos para convencer os tlaxcaltecas a passarem para seu lado, muito embora o primeiro contato destes com os espanhóis tenha sido marcado por conflitos e guerras.⁸⁵ Com a intervenção de Malinche, a comunicação foi possível e os espanhóis puderam se entender com esses indígenas ao perceberem suas contrariedades e o ódio existente contra Montezuma:

*Dijo asimismo como Tlaxcallán, Huexocinco y otras provincias por allí, con más la serranía de los totonaques, eran de opinión contraria a mexicanos, y tenían ya alguna noticia de lo que había pasado en Tabasco; que si Cortés quería, que trataría con ellos una liga de todos que no bastase Moctezuma contra ella.*⁸⁶

O resultado desse acordo foi a associação de diversos grupos nativos com os espanhóis e a gradativa queda do governo asteca. Nesse momento, Malinche atuou como o principal meio de acesso a esses indígenas com a tradução e informação mantidas durante o intermédio dos diálogos.

Detentora da palavra, era ela quem falava diretamente com os senhores locais e posteriormente traduzia para Aguilar as mensagens transmitidas, que depois chegariam até Cortés.⁸⁷ Por essa posição, Malinche poderia naturalmente desviar, distorcer ou mesmo ocultar algum dado no momento da comunicação se tivesse más intenções ou ressentimentos contra os espanhóis. Se fosse assim, Cortés nada poderia fazer a não ser confiar nela ou descartá-la e permanecer sem *lengua*, o que não foi o caso, porque Malinche exerceu seu papel de intérprete com bastante clareza e seguridade.⁸⁸ É justamente por agir assim que ela ganhou dos muitos participantes da conquista o respeito e a admiração, revelados na própria escrita cronística em que Malinche aparece como figura central junto a Cortés. Os vários indígenas que os espanhóis tomaram como intérprete durante o início da conquista pouco ou quase nada ajudaram no processo de comunicação. Os dois nativos mencionados pelos

⁸⁵ De acordo com Todorov, “o México de então não é um estado homogêneo, e sim um conglomerado de populações subjugadas pelos astecas, que ocupam o topo da pirâmide. Desse modo, longe de encarnar o mal absoluto, Cortés frequentemente aparecerá como um mal menor, como um libertador, mantidas as proporções, que permite acabar com uma tirania particularmente detestável, porque muito mais próxima. TODOROV, Tzvetan. op. cit., p. 81.

⁸⁶ Ibid., p. 59.

⁸⁷ BAUDOT, Georges. Política y discurso en la conquista de México: Malintzin y el dialogo con Hernán Cortés. *Anuario de estudios americanos*. Sevilla: Escuela de estudios hispano-americanos de Sevilla, 1988, XLV, p. 72.

⁸⁸ Segundo Stephen Greenblatt, “Cortés não sabia quase nada da complexa cultura que invadira truculentamente, e tudo o que esperasse saber para além da evidência visual opaca e enigmática tinha de ser veiculado por Dona Marina”. GREENBLATT, Stephen. op. cit., p. 186.

cronistas com os nomes cristãos de Melchorejo e Julianillo mostraram-se resistentes em auxiliar Cortés na troca de informações com os outros povos porque ainda estavam presos a seu grupo e sua terra: “[...] porque los índios Melchorejo y Julianillo, que llevamos de la punta de Cotoche, tuvimos temor que, apartados de nosotros, se huirían a su tierra, y por esta causa no los enviamos a llamar con ellos [...]”.⁸⁹ A falta de confiança dos espanhóis nesses nativos, expressada pelos cronistas, dificultou os planos de Cortés de aproximar-se dos indígenas que ia encontrando pelo caminho para se inteirar da exótica região. Muito mais que isso, os dois índios citados mal sabiam os dialetos falados no local em que foram capturados para servir de guias e intérpretes, o que impedia o entendimento claro e direto entre os interlocutores. Bernal Díaz menciona que em algumas situações Cortés necessitou comunicar-se por sinais, porque “[...] Julianillo, el de la punta de Cotoche, no entendía aquella lengua [...]”.⁹⁰ Com Melchorejo parece não ter sido diferente, porque López de Gómora o descreve como “[...] pescador, rudo, o más de veras simple, y parecía que no sabía hablar ni responder”.⁹¹ Mesmo com as falhas da tradução e esse desconhecimento idiomático, ambos os nativos cooperaram de uma maneira ou de outra para mostrar as rotas terrestres e indicar, ainda que por mímica, a localidade do ouro. O maior problema enfrentado por Cortés, no entanto, foi a ausência de credibilidade nas informações fornecidas por tais intérpretes e a delação dos planos do conquistador aos demais indígenas:

*Se descubre que Melchorejo, el intérprete de Cotoche, ha huido. Él parece ser el instigador del ataque indio a un grupo de un centenar de españoles que había enviado a Cortés tierra adentro; otro grupo acude en su ayuda y ambos destacamentos vuelven juntos al campamento.*⁹²

A grande maioria dos nativos adquiridos para servir de *lenguas* não era fiel às palavras ditas por Cortés e, muito menos, às proclamadas pelos senhores locais. Receosos da presença estranha dos espanhóis, propositalmente enganavam e desviavam as informações recebidas com a intenção de se livrarem o mais rápido possível dos “homens vindos do mar”.⁹³ Essa ineficácia de grande parte dos intérpretes quanto a servir aos interesses colonialistas de Cortés foi superada assim que Malinche encarnou o papel de tradutora das mensagens. Ao cumprir com eficiência a função de intérprete e contribuir para o estabelecimento da comunicação

⁸⁹ DÍAZ DEL CASTILLO, Bernal. op. cit., p. 83.

⁹⁰ Ibid., p. 92.

⁹¹ LÓPEZ DE GÓMORA, Francisco. op. cit., p. 23.

⁹² Ibid., p. 136.

⁹³ Segundo Margo Glantz, os nativos tomados por meio de guerras ou raptos para servirem de *lenguas* “[...] suelen ser deficientes, proceden de mala fe, no sólo eso, los indígenas vueltos lenguas a fuerza, traicionaban”. GLANTZ, Margo. La Malinche: la lengua en la mano. In: GLANTZ, Margo. op. cit., 2001, p. 95.

entre espanhóis e indígenas, Malinche quebrou a resistência nativa até então mantida por muitos outros indivíduos que exerceram anteriormente esse ofício. Tanto Melchior quanto Julianillo foram avessos ao controle imposto por Cortés e, por isso mesmo, evitaram o contato do mundo indígena com o mundo espanhol durante a ação de tradução.⁹⁴ A atitude de desviar mensagens, burlar informações, confundir e induzir ao erro foram estratégias utilizadas pelos indígenas para impedir qualquer relação com os espanhóis.⁹⁵ Malinche entra em cena como “*excelente y buena lengua*” –, segundo o cronista Bernal Díaz del Castillo, justamente por reunir ambos os grupos no momento em que traduz corretamente as palavras e possibilita a comunicação.⁹⁶ Essa postura foi reconhecida pelos cronistas de Índias, daí sua inserção e lembrança nos relatos da conquista e a descrição tão completa de cada passo dado como intérprete de Cortés.

A posição assumida do lado espanhol pode ter relações com a própria condição de escrava de Malinche, que provavelmente agiu assim em obediência ao que o conquistador lhe ordenava, isto é, tornar compreensível a fala indígena pela tradução para o idioma castelhano. Sem muitas perspectivas para se livrar de seu infausto destino,⁹⁷ Malinche também poderia estar interessada na promessa de liberdade oferecida por Cortés logo que foi descoberta sua habilidade linguística, como revela López de Gómora: “[...] Cortés la tomó aparte con Aguilar, y le prometió más que libertad si le trataba verdad entre él y aquellos de su tierra, pues los entendía, y él la quería tener por su faraute y secretaria [...]”.⁹⁸ Essa razão é coerente se pensarmos que após convertida em intérprete oficial dos espanhóis Malinche tornou-se respeitada entre os indígenas e os membros de Cortés, usufruiu de um numeroso grupo de escravas que lhe serviam durante todo o tempo, abandonou o *huipil* e passou a vestir-se como senhora nobre, além de outras mudanças que a deixaram cada vez mais

⁹⁴ KARTTUNEN, Frances. *Between worlds*. Interpreters, guides, and survivors. New Jersey: Rutgers University Press, 1994, p. 11-12.

⁹⁵ A resistência exprimida pelos intérpretes nativos durante o processo de comunicação e transmissão de mensagens pode ser entendida à luz do termo “táticas” pensado pelo historiador Michel de Certeau. Segundo ele, “[...] mesmo subjugados, ou até consentindo, muitas vezes esses indígenas usavam as leis, as práticas ou as representações que lhes eram impostas pela força ou pela sedução, para outros fins que não os dos conquistadores. Faziam com elas outras coisas: subvertiam-nas a partir de dentro – não rejeitando-as ou transformando-as (isto acontecia também), mas por cem maneiras de empregá-las a serviço de regras, costumes ou convicções estranhas à colonização da qual não podiam fugir. Eles metaforizavam a ordem dominante: faziam-na funcionar em outro registro. DE CERTEAU, Michel. *A invenção do cotidiano*. Artes de fazer. Petrópolis: Vozes, 2003, p. 95.

⁹⁶ DÍAZ DEL CASTILLO, Bernal. op. cit., p. 149.

⁹⁷ De acordo os cronistas de Índias, os astecas interpretavam o destino de cada criança em função do dia de seu nascimento. Com base nos signos do calendário, a criança receberia o nome e conheceria sua sorte de acordo com a data em que tinha vindo ao mundo. No caso de Malinche, os cronistas atribuem seu triste destino ao signo em que nasceu, *malinalli*, considerado infortunado e negativo por esse povo. GONZÁLEZ HERNÁNDEZ, Cristina. op. cit., p. 184.

⁹⁸ LÓPEZ DE GÓMORA, Francisco. op. cit., p. 46.

distante de sua situação de cativa: “*Llamada Malintzin para ser instrumento de tanto bien, Hernando Cortés la recibió y trató como cosa que tanto le importaba, la servió y regaló tanto cuanto humanamente se le pudo hacer [...]*”.⁹⁹ De qualquer forma, todos esses motivos são especulações ou hipóteses criadas com a intenção de explicar porque Malinche aceitou passivamente ajudar os espanhóis durante a conquista. A incerteza quanto a essas causas e a obscuridade que envolve seu passado contribuíram para que sua figura se tornasse uma das mais revisitadas ao longo da história, alvo de estudos e reinterpretações, sobretudo no século XIX, quando foi convertida, pelo discurso nacionalista mexicano, em traidora da pátria.¹⁰⁰

O exercício de interpretar assumido por Malinche encurtou as distâncias culturais que separavam indígenas e espanhóis e possibilitou um contato mais próximo pela mediação comunicativa operada por ela. Sendo assim, sua história de vida foi um assunto presente no universo cronístico de Índias pela importante participação durante a conquista ilustrada nos diversos relatos que narraram a ação das principais figuras desse evento. A seguir, serão explicados os momentos iniciais dos diálogos protagonizados por Malinche a partir da cadeia linguística formada por ela e Aguilar, bem como sua transformação em *faraute*, secretária e *lengua* individual de Cortés.

2.4 O círculo comunicativo da conquista: Malinche e Jerónimo de Aguilar

“Mas Aguilar só fala a língua dos maias, que não é a dos astecas. A segunda personagem essencial dessa conquista da informação é uma mulher, que os índios chamam de Malintzin, e os espanhóis de doña Marina [...]”. (Tzvetan Todorov)

“Y como fuese Aguilar tan hábil, tomó la lengua de aquella tierra tan bien y en tan breve tiempo, que los propios indios se admiraban al ver cómo la hablaba”. (Diego Muñoz Camargo)

A aquisição de Malinche como intérprete e sua união com Aguilar garantiram aos espanhóis o estabelecimento de uma eficaz ponte comunicativa para o prosseguimento da conquista. Com a dupla de *lenguas*, as conversas realizadas ficavam um pouco mais livres de

⁹⁹ MUÑOZ CAMARGO, Diego. op. cit., p. 188.

¹⁰⁰ A historiadora Cristina González Hernández explica que “la formación de la “leyenda negra” de la Malinche es, pues, un largo proceso directamente relacionado con el establecimiento de la idea de nación, que, haciendo de la conquista su punto central, convierte Malintzin en la principal protagonista, o por mejor decir, en la principal culpable de la destrucción del mundo prehispánico”. GONZÁLEZ HERNÁNDEZ, Cristina. op. cit., p. 42.

distorções pelo contato direto com os interlocutores. O aprendizado posterior do castelhano deu a Malinche a posição de principal intérprete de Cortés, o que pôs fim, portanto, a esse sistema no momento em que descartou a participação de Aguilar.¹⁰¹ As palavras trocadas inicialmente pela mediação de ambos e o momento em que Malinche assumiu a função de *faraute* são os pontos abordados a partir de agora.

Logo que se tornou intérprete dos espanhóis, Malinche foi atrelada a Jerónimo de Aguilar para auxiliar no exercício de tradução e transmissão das mensagens.¹⁰² Com o conhecimento do náhuatl, Malinche conversava diretamente com os indígenas, reproduzia as conversas em maia para Aguilar que, por sua vez, declarava em castelhano para Cortés. A atuação desses três personagens viabilizou a passagem direta de um idioma para o outro até tornar possível o entendimento mútuo dos grupos falantes. Tanto Malinche foi peça fundamental para o acesso ao náhuatl como Aguilar foi indispensável para o recebimento e o transporte das informações até o conquistador: “*Y como la Malintzin no sabía más la lengua que la mexicana y la de Vilotla y Cozumel, hablaba con Aguilar y el Aguilar la declaraba en lengua castellana [...] hasta que Malintzin vino hablar la nuestra*”.¹⁰³ O contato de Malinche com o náhuatl se deu por ocasião de seu nascimento ou pelo aprendizado nos anos em que viveu como escrava entre os índios de Tabasco. Jerónimo de Aguilar aprendeu o maia depois de ficar oito anos como cativo em Yucatán em decorrência de um naufrágio, como ele mesmo contou:

*Señor, yo me llamo Jerónimo de Aguillar, y soy natural de Ecija, y perdíme de esta manera: que estando en la guerra del Darién, y en las pasiones y desventuras de Diego de Nicuesa y Vasco Núñez Balboa, acompañé a Valdivia, que vino en una pequeña carabela a Santo Domingo [...], y ya que llegamos a Jamaica se perdió la carabela en los bajos que se llaman de las Víboras, y con dificultad entramos en el batel hasta veinte hombres, sin vela, sin agua, sin pan [...] y así anduvimos trece o catorce días [...] a una provincia que dicen Maya.*¹⁰⁴

Após ser resgatado pelo grupo de Cortés, Aguilar tornou-se o tradutor dos espanhóis por falar o castelhano e o maia, fator importante, já que a dificuldade encontrada pelos demais intérpretes era justamente transpor para o esquema linguístico do espanhol o sentido correto das palavras indígenas. A quantidade de nativos envolvidos no processo comunicativo também prejudicava o entendimento, porque na transmissão das mensagens de um indivíduo a outro as frases se perdiam na longa cadeia idiomática percorrida, alterando o significado

¹⁰¹ KARTTUNEN, Frances. op. cit., 1994, p. 9.

¹⁰² Para Georges Baudot, “la pareja que había de realizar la conquista y producir su discurso político quedaba constituida definitivamente”. BAUDOT, Georges. op. cit., 1988, p. 77.

¹⁰³ MUÑOZ CAMARGO, Diego. op. cit., p. 188.

¹⁰⁴ LÓPEZ DE GÓMORA, Francisco. op. cit., p. 26.

original da informação. Com o auxílio de Aguilar, os diálogos ficaram restritos a Cortés e aos senhores indígenas e as conversas, mais fluidas a partir de sua mediação. Por representar os mesmos interesses e propósitos dos conquistadores, pois estava no Novo Mundo a serviço dos reis católicos,¹⁰⁵ Aguilar revelou-se o intérprete fiel e confiável que Cortés necessitava para realizar seus planos colonialistas no México: “[...] *que sin duda él fue la lengua y medio para hablar, entender y tener cierta noticia de la tierra por do entró y fue Fernando Cortés*”.¹⁰⁶ O conhecimento exclusivamente do maia, no entanto, não foi suficiente para deixar Aguilar em situação privilegiada ao lado do conquistador. Assim que Malinche apareceu, a comunicação foi dividida entre ambos e logo que ela aprendeu o castelhano substituiu-o naturalmente em seu ofício de intermediário de Cortés.¹⁰⁷

Até o momento em que Malinche se tornou a principal *lengua* dos espanhóis, o círculo comunicativo formado com Aguilar operou por muito tempo na conquista. Graças aos recursos linguísticos da dupla, Cortés pôde aproximar-se dos caciques indígenas, estabelecer um diálogo conciliatório e perceber, como já discutido anteriormente, os opositores de Montezuma. Em uma dessas conversas, foi descoberta a inimizade e o ódio dos índios de Cempoal pelos astecas:

*Y estando en esto, viéndole Cortés, preguntó a doña Marina e Jerónimo de Aguilar, nuestras lenguas, de qué estaban alborotados los caciques desde vinieron aquellos indios, e quien eran. E doña Marina, que muy bien lo entendió, se lo contó lo que pasaba; [...] dijeron que los recaudadores del gran Montezuma, e que vienen a ver por qué causa nos recibían en el pueblo sin licencia de su señor [...] y Cortés le consoló e que no hubiesen miedo, que él estaba allí con todos nosotros y que los castigarían.*¹⁰⁸

De acordo com Bernal Díaz, a chegada dos mensageiros de Montezuma questionando a visita dos espanhóis sem permissão foi motivo de grande receio entre esses indígenas. Cientes de que haviam desobedecido às regras por não comunicar a presença dos espanhóis naquele povoado, os índios de Cempoal mostraram-se aflitos com a certeza da punição. Percebendo o que se passava através da interpretação de Aguilar e Malinche, Cortés tratou de tirar proveito daquela situação para adquirir mais aliados na conquista. Superando-se em habilidade,

¹⁰⁵ De acordo com Bernard Grunberg, “esta ética de serviço de Dios y del servicio de su majestad se vuelve a encontrar a lo largo de la conquista, que se coloca así bajo el signo de la cruzada religiosa y del establecimiento de la soberanía española en México. GRUNBERG, Bernard. Las relaciones entre Cortés y sus hombres y el problema de la unidad en la conquista de México (febrero 1519 – agosto 1521). In: *Revista de Indias*. Coleção 43, número 171, 1983, p. 305.

¹⁰⁶ LÓPEZ DE GÓMORA, Francisco. op. cit., loc. cit.

¹⁰⁷ “Malinche ya habla castellano, al decir de Tezozómoc, desde el inicio del avance de Cortés hacia la capital *mexicah* [...]”. GLANTZ, Margo. La Malinche: la lengua en la mano. op. cit., p. 110.

¹⁰⁸ DÍAZ DEL CASTILLO, Bernal. op. cit., p. 167.

acalmou os indígenas com auxílio das *lenguas*, garantindo proteção diante da repressão asteca; em seguida, determinou o aprisionamento dos mensageiros e declarou a todos os caciques “[...] *que no le diesen más tributo ni obediencia a Montezuma, e que así lo publicasen en todos los pueblos aliados y amigos*”.¹⁰⁹ A lição demonstrada com a prisão dos mensageiros tinha como finalidade desafiar o poder vigente e tornar pública tal afronta, já que o interesse era conquistar o apoio de um grande número de índios. Uma atitude exitosa, porque Cortés firmou “[...] *liga y amistad con más de treinta pueblos de las sierras, que se decían los totonaques, que entonces se rebelaron contra Montezuma y dieron la obediencia a Su Majestad [...]*”.¹¹⁰

Sem a participação ativa da dupla de intérpretes, sobretudo de Malinche, que mediou a conversa entre Cortés e os astecas, possivelmente os espanhóis passariam em branco por essa situação. A relevância do círculo comunicativo montado garantiu a conquista da informação, base fundamental em que Cortés se apoiou para a descoberta dos “*segredos de las tierras*”.¹¹¹ O próprio cronista Bernal Díaz del Castillo reconhece o benefício proporcionado pela união de Malinche e Aguilar, ao considerá-la “[...] *gran principio para nuestra conquista; y así se nos hacían las cosas, loado sea Diós, muy prósperamente*”.¹¹² O evento de Cempoal e outros que o prosseguiram, como o de Tlaxcala, marcaram a atuação essencial do intérprete como peça importante para a chegada de Cortés a Tenochtitlan, capital do governo asteca e abrigo de todo o tesouro buscado pelos espanhóis. Foi num episódio posterior, no entanto, encenado na república de Cholula, que os intérpretes exerceram fundamental participação ao revelarem uma secreta conspiração liderada pelos nativos contra a expedição espanhola. Na verdade, foi um capítulo da conquista conferido a Malinche como protagonista, que descobriu a trama, denunciou a Aguilar e, juntos, informaram antecipadamente a Cortés:

[...] una india vieja, mujer de un cacique, como sabía el concierto y trama que tenían ordenado, vino secretamente a doña Marina, nuestra lengua, y como la vio moza y de buen parecer y rica, le dijo y aconsejó que se fuese con ella a su casa si quería escapar la vida, porque ciertamente aquella noche u otro día nos habían de matar a todos, porque ya estaba así concertado por el gran Montezuma [...].¹¹³

Segundo o cronista Francisco López de Gómora, Malinche dissimulou-se para a senhora indígena agradecendo o aviso e afirmando que fugiria para não ser punida junto com os

¹⁰⁹ DÍAZ DEL CASTILLO, Bernal. op. cit., p. 168.

¹¹⁰ Ibid., p. 170.

¹¹¹ TODOROV, Tzvetan. op. cit., p. 149.

¹¹² DÍAZ DEL CASTILLO, Bernal. op. cit., p. 150.

¹¹³ Ibid., p. 222.

espanhóis. Mas, em seguida, “*corrió a buscar a Jerónimo de Aguilar, y juntos dijéronselo a Cortés*”¹¹⁴ evitando o ataque surpresa. O resultado da ação rápida de Malinche permitiu que Cortés e seus aliados se defendessem da armadilha criada pelos índios de Cholula, repreendendo-os de maneira violenta e inesperada: “*Hicieron como en el estrecho en que estaban, y en dos horas mataron seis mil y más*”.¹¹⁵ A natureza do castigo empreendido pelos espanhóis não passou despercebida pelo então bispo de Chiapa, Bartolomé de Las Casas, que proclamou duras críticas ao tratamento dado aos indígenas mexicanos; mas foi suavizada pela versão do cronista Bernal Díaz del Castillo, amparado na legítima defesa do conquistador como justificativa. A controvérsia com Las Casas foi mencionada por Bernal Díaz em sua *Historia verdadera* para desmentir a acusação do franciscano, “[...] *dícelo de arte en su libro a quien no lo vio ni lo sabe, que les hará creer que es así aquello e otras crueldades que escribe, siendo todo al revés, y no pasó como lo escribe*”.¹¹⁶ Mais uma vez o espaço cronístico foi usado por Bernal Díaz para legitimar sua narrativa a partir do testemunho de vista, contradizendo outros relatos escritos por autores que não estiveram presentes no evento.

Deixando de lado esse debate, até porque são inúmeros os desencontros de dados sobre tal acontecimento devido à diversidade dos cronistas envolvidos, o episódio de Cholula foi aqui retomado para ilustrar a eficácia comunicativa dos intérpretes de Cortés. Nas cenas descritas pelos cronistas de Índias, Malinche figura como a principal personagem desse evento por conversar diretamente com a *índia vieja* no idioma náhuatl e ter acesso às informações sobre a conspiração, uma função impossível para Aguilar pelo desconhecimento da língua mexicana.¹¹⁷ Foi Malinche quem também mediou o diálogo travado durante a interrogação feita aos índios de Cholula pelos espanhóis, transmitindo as ameaças dos conquistadores e os castigos aplicados pela traição.

A participação dela nesse momento foi além de seu papel de levar e trazer mensagens entre os espanhóis e os senhores de Cholula e traduzir a Cortés os motivos do ataque. Malinche dedicou-se a averiguar quem eram os traidores e qual era o esquema que surpreenderia os espanhóis violentamente: “[...] *y le preguntó de qué manera nos habían de matar, e cómo e cuándo se hizo el concierto [...]*”.¹¹⁸ Sua intromissão nos assuntos da conquista rendeu a ela a posição de secretária de Cortés, auxiliar número um nas

¹¹⁴ LÓPEZ DE GÓMORA, Francisco. op. cit., p. 100.

¹¹⁵ Ibid., p. 102.

¹¹⁶ DÍAZ DEL CASTILLO, Bernal. op. cit., p. 227.

¹¹⁷ “Tal o difícil papel do intermediário mais importante da ‘conquista de la Nueva España’, o papel desempenhado por uma índia notável a quem os espanhóis chamavam de Malinche”. GREENBLATT, Stephen. op. cit., p. 183.

¹¹⁸ Ibid., 223.

comunicações e, finalmente, a própria *lengua* do conquistador logo que aprendeu o castelhano, não muito tempo depois. Ao exercer esse papel, Malinche encarnou a típica função de *faraute* definida como ‘o agente principal na comunicação, entremetido e diligente, o dono da palavra’.¹¹⁹ Nem Melchorejo e Julianillo, os índios tomados anteriormente, nem mesmo Aguilar, com o conhecimento do maia, interferiram nos diálogos, declararam uma língua à outra e cumpriram o ofício de intérprete tal como Malinche.¹²⁰ A tarefa exercida de intermediar a comunicação entre duas culturas completamente distintas, através da constituição de uma fala comum a ambas, conferiu-lhe posição hierárquica nas páginas escritas pelos diferentes testemunhos da conquista,¹²¹ documentos elaborados em uma época cuja escrita não se preocupava com a história das mulheres e, menos ainda, das indígenas.

A predominância dessa personagem durante os diálogos como distribuidora da palavra e mediadora cultural entre indígenas e espanhóis são os próximos pontos explorados pelo trabalho. A intenção é ilustrar, mediante as Crônicas de Índias, que Malinche assumiu um papel de destaque nesse momento e figurou entre os atores mais lembrados por agir além de seu ofício como intérprete, pois “[...] *era mujer capaz de dar razón del Rey Moctheuzoma y de los enemigos y contrários que tenía de su gran Imperio y monarquia, y de sus grandes riquezas y tesoros*” como afirma Diego Muñoz Camargo.¹²²

2.5 Malinche, Malinalli, Doña Marina, Malintzin: intermediária cultural entre dois mundos

*Llevaron una espada, una ballesta y otra nueva más extraña, y era que traían consigo una mujer que era hermosa como una diosa, porque hablaba la lengua mexicana y la de los dioses, que por ella se entendía lo que querían y que se llamaba Malintzin, porque como fue bautizada la llamaron Marina.*¹²³

Foi desse modo que Diego Muñoz Camargo menciona, pela primeira vez em seu relato, a presença de Malinche na conquista espanhola do México. Realçando suas habilidades linguísticas, o cronista destaca a participação da intérprete para a promoção do entendimento entre indígenas e espanhóis. Com o conhecimento do náhuatl e do castelhano, “la lengua de

¹¹⁹ No entendimento de Margo Glantz, Malinche “cumple a todas luces con el papel que se le ha otorgado: es lengua, es faraute, es secretaria y como consecuencia, mensajera y espía.” GLANTZ, Margo. *La Malinche: la lengua en la mano*. op. cit., p. 99.

¹²⁰ É que o intérprete “consiste en ser el mediador de un entendimiento entre dos hablas singulares, el constructor de un texto común para ambas”. ECHEVERRÍA, Bolívar. op. cit., p. 174.

¹²¹ *Ibid.*, p. 173.

¹²² MUÑOZ CAMARGO, Diego. op. cit., p. 186.

¹²³ *Ibid.*, p. 183.

los dioses”, Malinche atuou entre esses dois grupos possibilitando o contato cultural até então dificultado pelas diferentes concepções de mundo. A discussão aqui proposta é justamente acerca desse trânsito entre uma cultura e outra, realizado por Malinche, papel que lhe rendeu lugar privilegiado durante a conquista e a tornou uma figura lembrada pelos relatos de Índias.

A atuação de Malinche no episódio de Cholula parece ter sido decisiva para Cortés certificar-se de que finalmente dispunha da intérprete ideal para realizar seus propósitos no México. Ao contrário de grande parte dos nativos que serviram de *lenguas*, Malinche demonstrou profunda lealdade ao avisar os espanhóis sobre a trama montada pelos indígenas daquela região. Foi seu eficaz desempenho que os salvou do ataque inesperado dos aliados de Montezuma e reverteu a situação favoravelmente para Cortés, que conseguiu o apoio desses grupos depois de revelada a traição. Mas isso só foi possível pelo contato próximo com esses nativos a partir do idioma em comum falado por Malinche, uma arma poderosa conscientemente utilizada pelo conquistador, sobretudo nas negociações com os senhores locais: “[...] Cortés siempre atraía con buenas palabras a los caciques [...]”.¹²⁴ Operando como intérprete, Malinche emprestava sua voz a Cortés durante os diálogos principais; em outras ocasiões, ela própria interferia e conversava diretamente com os indígenas sem o comando espanhol.¹²⁵ Tal impressão dada pelas crônicas leva à conclusão de que sua função não ficou restrita à circulação de mensagens entre os grupos, mas foi além, ao traduzir códigos culturais completamente estranhos uns aos outros, encaminhar mensagens pronunciadas pelos religiosos aos nativos durante a conversão e, conseqüentemente, aproximar esses povos pelo estabelecimento de alianças.¹²⁶ Essa postura tornou Malinche companheira inseparável de Cortés nos anos finais da conquista e elo importante entre o conquistador e os habitantes indígenas.

A posição central como mediadora entre esses dois mundos que se comunicavam e, depois, afirmada pelos cronistas durante a narrativa dos acontecimentos, revela Malinche como a “dona de todo discurso” formulado nesse momento.¹²⁷ A palavra lhe pertencia, se considerarmos que Cortés não tinha voz sem a sua presença, tanto para dialogar com os índios

¹²⁴ DÍAZ DEL CASTILLO, Bernal. op. cit., p. 145.

¹²⁵ De acordo com Margo Glantz, Cortés utiliza sua voz “[...] cuando se dirige a sus soldados, es decir, cuando no necesita interpretación; pero también cuando la necesita, esto es, cuando se dirige a sus aliados indígenas o a sus enemigos mexicas, por interpósita persona, la intérprete. La voz es el atributo principal, o más bien literal, de la lengua. Quien no tiene voz no puede comunicar”. GLANTZ, Margo. *La Malinche: la lengua en la mano*. op. cit., p. 105.

¹²⁶ “Efectivamente, Marina domina la palabra, convirtiéndose así en el puente necesario para la comunicación entre dos mundos diferentes. Marina interpreta no sólo palabras, sino las actitudes y los comportamientos”. GONZÁLEZ, HERNÁNDEZ, Cristina. op. cit., p. 218.

¹²⁷ *Ibid.*, loc. cit.

como para traduzir para o castelhano as palavras proclamadas: “[...] *veían las gentes y las comunicaban por intercesión de Marina*”.¹²⁸ O acesso ao centro comunicativo de onde partiram as decisões e as negociações que deram contorno à conquista ressaltou ainda mais o lugar privilegiado de Malinche, principalmente porque era ela quem administrava os diálogos proferidos. Essa condição foi reconhecida por grande parte dos participantes da conquista, que a consideraram senhora nobre e exemplar, “[...] *de mucho ser y valor y buen entendimiento [...]*”.¹²⁹ Prestígio que levou o cronista Bernal Díaz del Castillo a evocá-la como “doña Marina” em todas as cenas em que a descreveu no seu relato, demarcando a origem nobre da intérprete de Cortés e afirmando o respeito e a admiração nutridos por esta personagem, como mostra certa passagem: “[...] *y no fue nada este presente en comparación de veinte mujeres, y entre ellas una muy excelente mujer, que se dijo doña Marina, que así se llamó después de vuelta cristiana*”.¹³⁰

A motivação de Bernal Díaz em enfatizar o passado ilustre de Malinche indica que o cronista procurou resgatar sua imagem de “[...] *gran señora de pueblos y vasallos [...]*”,¹³¹ perdida ao se tornar uma simples escrava entre as diversas outras mulheres. A importância desse título na época era por demais relevante para ser menosprezado ou ocultado pelo cronista, ainda mais porque se referia à *lengua* de Cortés.¹³² Tanto na hierarquia social espanhola como na indígena, o vocativo “don” ou “doña” eram aplicados unicamente às pessoas pertencentes à nobreza.¹³³ Na explicação do religioso Bernardino de Sahagún, as mulheres descendentes de nobres na organização indígena do México eram caracterizadas como

*[...] noble y magnífica, y en todo muestra su nobleza, y así obra y vive conforme a su genealogía, y cuanto hace todo corresponde a su linaje. La que no es tal es vil, torpe, y sus malas obras la hacen baxa y vil, por ser tosca, soberbia, fantástica y necia.*¹³⁴

Provavelmente, era essa visão que os nativos tiveram de Malinche durante os anos em que ela esteve em cena atuando como intérprete e mediadora cultural na conquista. A própria

¹²⁸ MUÑOZ CAMARGO, Diego. op. cit., p. 183.

¹²⁹ Ibid., p. 185.

¹³⁰ Ibid., p. 143.

¹³¹ Ibid., p. 148.

¹³² Cristina González explica que na época em questão o título doña “[...] no era como ocorre actualmente, de uso generalizado, sino que se refería únicamente a las personas de destacada dignidad, de reconocido respeto o prestigio”. GONZÁLEZ HERNÁNDEZ, Cristina. op. cit., p. 188.

¹³³ INOUE OKUBO, Yukitaba. Crónicas indígenas: una reconsideración sobre la historiografía novohispana temprana. In: LEVIN ROJO, Danna; NAVARRETE, Federico. (Org.). *Indios, mestizos y españoles - Interculturalidad e historiografía en la Nueva España*. México: UNAM, 2007, p. 78.

¹³⁴ SAHAGÚN, Bernardino. op. cit., p. 603-604.

denominação “doña Marina” mostra a influência e o destaque sobre os demais membros desse evento, especialmente os espanhóis, que divulgaram em seus relatos essa imagem de Malinche. Entre os indígenas da região mexicana, o equivalente ao título “doña” foi a inserção do sufixo “tzin” ao final de seu nome, alterando-o para Malintzin, designação utilizada em referência às pessoas com *status* de nobreza. Assim, do nome original Malinalli no idioma náhuatl, a intérprete passou a ser chamada por Malintzin como reverência ao seu nascimento:

[...] será razón hagamos relación de este principio de Marina, que por los naturales fue llamada Malintzin y tenida por diosa en grado superlativo, que así se debe entender, por que las cosas que acaban en diminutivo es por vía reverencial y entre los naturales tomado por grado superlativo [...].¹³⁵

Em decorrência de uma incompreensão fonética por parte dos espanhóis, que trocaram o som “tzin” pela “ch” espanhola, o termo Malintzin acabou sendo modificado para Malinche. A intérprete ainda foi renomeada como Marina em resultado do batismo cristão, nome mais frequente com que aparece nas Crônicas de Índias.

Malintzin, no entanto, foi a denominação principal nas referências, porque representou a atitude de vassalagem e submissão ao seu passado nobre por parte dos indígenas contatados na conquista. De acordo com Diego Muñoz, mencioná-la por Malintzin era “[...] como si dijéramos agora ‘mi muy gran señor’ huelnohueytlatocatzin [...]”, uma forma simbólica de saudar o respeito profundo pela sua figura.¹³⁶ O fato de Malinche ter sido considerada uma “diosa en grado superlativo”, frase inscrita na citação acima, também indica a influência inquestionável desfrutada por ela nesse momento.¹³⁷ Visto que os deuses eram indivíduos sagrados e superiores na concepção mexica, julgar Malinche como personagem divina acentuou ainda mais seu lugar destacado na conquista do México, tanto pela ótica dos indígenas como pela dos espanhóis. Apesar do nascimento nobre, Malinche viveu por muitos anos como cativa nas mãos de diferentes senhores, o que afastava qualquer possibilidade de alterar sua condição inferior nesse contexto, ainda mais para ascender à categoria divina. No entanto, a atuação como intérprete, o papel de mensageira cultural por fazer um grupo se comunicar com outro e a habilidade com as palavras –, que a tornou peça fundamental nos diálogos –, garantiram-lhe posição expressiva para ascender a uma forma deificada. Somente

¹³⁵ MUNOZ CAMARGO, Diego. op. cit., p. 185.

¹³⁶ Ibid., loc. cit.

¹³⁷ Margo Glantz considera que “sólo puede deificarse a alguien excepcional, y por lo general cuando las mujeres descuellan se tiende a deshistorizarlas y a convertirlas en mitos: la deificación es una de las formas de la mitificación. Marina acaba representando todos los papeles y es figura divinizada entre los naturales, y reverenciada por los españoles”. GLANTZ, Margo. La Malinche: la lengua en la mano. op. cit., p. 103.

nestas circunstâncias, uma mulher poderia mandar “[...] *absolutamente entre los indios en toda Nueva España*”, como declara o cronista Bernal Díaz del Castillo.¹³⁸

A condição bilíngue transformou sua participação passiva em interlocutora principal entre Cortés e os indígenas. Com o domínio da língua, Malinche assumiu um papel determinante na relação desses grupos na medida em que interagiu com um lado e com o outro, levando e trazendo as informações necessárias para o entendimento.¹³⁹ Grande parte dos diálogos dependia da sua mediação para chegar até os interlocutores, o que indica sua liderança durante o processo comunicativo:

*Cortés les recibió muy bien, y les dio cosillas de rescate. Hablóles con Marina, rogándoles mucho que viniesen sus señores a verle, porque los deseaba en gran manera; y que no iba allá, porque no huyesen. Aquellos mensajeros holgaron mucho de hablar con Marina, porque su lengua y la mexicana no difieren mucho, excepto en el pronunciar; y prometieron a Cortés de hacer su posibilidad y fuéronse.*¹⁴⁰

Logo que chegava a determinada região, Cortés saudava os nativos com presentes, oferecidos como aviso de paz e demonstração de amizade. Tratava-se de um gesto simbólico para marcar o primeiro contato e permitir um diálogo particular com os senhores principais. Malinche entrava em cena justamente nesse momento, com a função de intermediar as mensagens, as frases e as expressões trocadas por esses grupos em comunicação. Nesse exercício, era a peça principal no jogo de palavras proclamadas porque recebia as informações de ambos os lados, traduzi-as para em seguida distribuí-las entre Cortés e os indígenas.¹⁴¹ Com esse ofício, Malinche detinha o discurso dos caciques, as queixas dos tributários de Montezuma, os planos de Cortés na conquista, a fala dos sacerdotes e o receio dos nativos,¹⁴² que a tornaram, provavelmente, a única personagem dessa história a servir de ponte entre esses diferentes sistemas linguísticos que estavam em contato.¹⁴³ A postura “*entremetida y desenvuelta*”,¹⁴⁴ ressaltada pelo cronista Bernal Díaz del Castillo, contribuiu para seu desempenho como mediadora cultural durante a comunicação. Isso porque, ao interferir nas conversas para

¹³⁸ DÍAZ DEL CASTILLO, Bernal. op. cit., p. 149.

¹³⁹ Segundo Bolívar Echeverría, Malinche era “[...] la única interprete posible en una relación de interlocución entre dos partes, [...] aquella que concentraba de manera excluyente la función equiparadora de dos códigos heterogéneos [...]”. ECHEVERRÍA, Bolívar. op. cit., p. 173.

¹⁴⁰ LÓPEZ DE GÓMORA, Francisco. op. cit., p. 287.

¹⁴¹ “Si miráramos atentamente lo que pasó, y a través de los hechos de lenguaje y de palabra que lo son todo, Malintzin ha pronunciado la integración del discurso de la conquista en todas las direcciones, hacia Cortés y hacia los amerindios”. BAUDOT, Geoges. op. cit., 1988, p. 78.

¹⁴² GONZÁLEZ HERNÁNDEZ, Cristina. op. cit., p. 218.

¹⁴³ Para Emma Gifre, o papel do intérprete mantinha uma “[...] estrecha conexión con el proceso de mestizaje y con el de hispanización (aculturación o transculturación) [...]”. MARTINELL, Emma Gifre. op. cit., p. 151-152.

¹⁴⁴ DÍAZ DEL CASTILLO, Bernal. op. cit., p. 145.

opinar, sugerir, mudar atitudes e propor soluções, a intérprete tinha acesso aos dois mundos que estavam em relação. Sendo assim, cumpriu em todos os sentidos a função de *faraute* e se transformou, por meio do conhecimento das línguas e sua maneira de agir, em porta-voz de indígenas e espanhóis.¹⁴⁵

A ligação com esses dois grupos por meio do sistema comunicativo converteu Malinche em eixo central em que ambas as culturas se conjugavam, relacionavam e se interpenetravam. A assimilação religiosa do cristianismo por parte desses nativos foi facilitada durante esse contato cultural estabelecido com a ajuda da intérprete. Obviamente que esse encontro teve mais perdas para o lado mexicano do que para o espanhol, visto a força e o empenho para instaurar o pensamento ocidental no Novo Mundo.¹⁴⁶ Mas considerando a imposição da fé como resultado desse embate de culturas, o fato é que a atuação de Malinche no processo de conversão dos indígenas pode ser tomada como exemplo da circulação cultural derivada de sua ação como intérprete:

*Viendo pues que guardaban justicia y vivían en religión, aunque diabólica, siempre que Cortés les hablaba, les predicaba con los farauates, rogándoles que dejasen los ídolos y aquella cruel vanidad [...], y que tomasen y creyesen el verdadero Dios de cristianos que los españoles adoraban, que era el criador del cielo y de la tierra [...]*¹⁴⁷

Diferente de muitos nativos que serviram anteriormente como *lenguas*, Malinche posicionou-se ao lado dos espanhóis durante a transmissão religiosa do cristianismo. Sua participação é interpretada pelo cronista Diego Muñoz Camargo como vontade divina para desviar os índios da “influência demoníaca” que os levava a cometer tantos pecados: “*Mas como por providencia divina Dios tenía ordenado que estas gentes se convirtiesen a nuestra Santa Fé Católica y que viniesen al verdadero conocimiento de Él por instrumento y medio de Marina*”.¹⁴⁸ A fala desse cronista sugere que a presença da intérprete durante as obras religiosas operou para a conversão de muitos índios que dela receberam as mensagens

¹⁴⁵ “Una de las funciones del faraute es entonces la de lanzadera entre dos culturas diferentes. En parte también, la que espía, pero sobre todo la de intérprete de ambas culturas, además de modelador de la trama [...]”. GLANTZ, Margo. *La Malinche: la lengua en la mano*. op. cit., p. 98.

¹⁴⁶ A discussão sobre o processo de ocidentalização da América foi profundamente estudada pelo historiador Serge Gruzinski. Segundo ele, “reproduzir o ocidente era também reproduzir suas técnicas. Tal projeto acompanhou desde sempre os progressos da evangelização, pois a cristianização concebida nos moldes do Renascimento supunha importar um modo de vida ocidental”. GRUZINSKI, Serge. *O pensamento mestiço*. São Paulo: Companhia das Letras, 2001, p. 100.

¹⁴⁷ LÓPEZ DE GÓMORA, Francisco. op. cit., p. 95.

¹⁴⁸ MUÑOZ CAMARGO, Diego. op. cit., p. 185.

traduzidas e explicadas. Essa interação foi estabelecida, portanto, pela ação por ela exercida como intermediária cultural.¹⁴⁹

Por transitar entre esses dois mundos e ter acesso a ambas as culturas, Malinche possibilitou a livre circulação de aspectos, tradições, crenças e valores característicos de determinado povo, contribuindo para o processo de mestiçagem inaugurado nesse contexto.¹⁵⁰ Igualmente, aproximou esses universos até então alheios pelo “estranhamento cultural” das primeiras impressões que dificultavam a comunicação. O canibalismo e os rituais de sacrifício indígenas impediam os espanhóis de um contato mais íntimo com esses povos, por outro lado, as vestimentas, o aspecto físico e as próprias pretensões dos conquistadores afastavam os nativos de um possível diálogo. É nesse sentido que Malinche serviu como ponte necessária para a relação entre esses grupos e o encurtamento das distâncias culturais que os separavam, mérito reconhecido pelo próprio Montezuma, segundo as palavras do cronista Alvarado Tezozomoc: “*Quedó Montezuma admirado de beer la lengua de Marina hablar en castellano y mexicano y cortar la lengua, según que informaron los mesajeros al rrey Montezuma, de que quedo bien admirado y espantando*”.¹⁵¹ Ao “cortar la lengua”, isto é, ao falar o castelhano naturalmente como falava o náhuatl, a intérprete desfez qualquer barreira idiomática que pudesse impedir a comunicação, motivo de espanto e admiração do governante asteca.¹⁵²

O abismo cultural existente entre os povos que habitavam a região mexicana também foi um empecilho, por diversas vezes, para a conversação. A dificuldade dos aliados indígenas de Cortés durante o encontro com outros grupos de nativos foi quase sempre suprida pela mediação de Malinche. O espaço mexicano era constituído por um emaranhado de povos totalmente distintos, culturalmente diferentes, cada qual com um idioma específico e uma organização social e política descentralizada, ainda que submissos ao poder de Montezuma.¹⁵³ Dessa forma, a interferência de Malinche foi essencial para a conjugação de muitos indígenas com os espanhóis, ao longo da conquista, e com muitos outros povos nativos que eram

¹⁴⁹ O termo intermediário cultural, cunhado pelo historiador francês Michel Vovelle, é utilizado para classificar o grupo dos indivíduos históricos que transitam entre dois mundos culturalmente distintos, servindo como “[...] correias de transmissão de uma cultura ou de um saber [...]”. VOVELLE, Michel. *Ideologias e mentalidades*. São Paulo: Brasiliense, 2004, p. 214-215.

¹⁵⁰ A mestiçagem entre europeus e indígenas americanos é aqui entendida como o resultado de uma interação racial e cultural entre esses povos. De acordo com Serge Gruzinski, a mistura biológica de raças esteve “[...] quase sempre acompanhada pela mestiçagem de práticas e crença [...]”. GRUZINSKI, Serge. op. cit., 2001, p. 78.

¹⁵¹ ALVARADO DE TEZOZOMOC, Hernando. *Crónica mexicana*. Madrid: Dastin, 2001, p. 473-474.

¹⁵² GLANTZ, Margo. *La Malinche: la lengua en la mano*. op. cit., p. 111.

¹⁵³ “A identidade indígena era um fenômeno extremamente localizado; os povos nativos viam-se como membros de determinada comunidade ou cidade-Estado, muito raramente como integrantes de grupos étnicos maiores, e definitivamente não como nada que sequer se aproximasse da categoria de “índios” ou “nativos”. RESTALL, Matthew. op. cit., p. 237.

inimigos, como os tlaxcaltecas e os de Cholula. No papel de intérprete, contribuiu para o processo de translação cultural iniciado com a chegada dos europeus na América.¹⁵⁴ Divulgou, transmitiu e viabilizou a circulação desses diferentes sistemas de representações existentes durante a conquista espanhola do México, já que era a figura central que compreendia as duas faces em discussão, a indígena e a espanhola. Graças ao conhecimento das línguas mais faladas no México e dos gêneros comunicativos adequados para conversar com cada tipo de interlocutor, herança de sua origem nobre, pois somente os filhos de caciques tinham acesso a esse tipo de aprendizado, Malinche conquistou seu lugar nos diálogos.¹⁵⁵ Assim, com a fala requintada e o uso de adjetivos reverenciais, cuidadosamente empregados por ela nos acordos que intermediou, atraiu a atenção dos senhores principais a ponto de servir como ligação essencial entre Cortés e Montezuma na cena do primeiro encontro, ponto máximo de sua atuação: “*E como Cortés vio y entendió e le dijeron que venía el gran Montezuma, a una se hicieron grandes acatos: el Montezuma le dio el bien venido, e nuestro Cortés le respondió com doña Marina que él fuese el muy bien estado*”.¹⁵⁶

A intimidade com as palavras e o uso do discurso senhoril auxiliou na rendição do poderoso rei asteca e na coroação da vitória espanhola.¹⁵⁷ Levando em conta que a presença dos conquistadores na região mexicana sempre foi vista pelos nativos com desconfiança e incompreensão – porque ora os comparavam com seus antigos deuses que regressavam depois de anos para reivindicar o trono, ora acreditavam serem meros intrusos em busca de terras – o contato de Cortés com Montezuma foi encarado com dúvidas e desentendimentos por grande parte dos astecas.¹⁵⁸ A participação de Malinche como intérprete foi bem-vinda justamente por esse fato, já que o idioma em comum e a fala reverencial ajudaram na percepção do que estava ocorrendo:

[...] y el Montezuma vio a nuestros capitanes como enojados, preguntó a doña Marina que qué decían con aquellas palabras altas; y como la doña

¹⁵⁴ GREENBLATT, Stephen. op. cit., p. 186.

¹⁵⁵ José Antonio Flores Farfán ressalta que “[...] el conocimiento de semejantes géneros conversacionales, adecuados para interpelar cortésmente tanto a los emisarios de Montezuma como al mismo gran tlatoani, probablemente evitaron confrontaciones y malos entendidos mayores de las que ya de por sí se produjeron”. FLORES FARFÁN, José Antonio. op. cit., p. 130.

¹⁵⁶ DÍAZ DEL CASTILLO, Bernal. op. cit., p. 244.

¹⁵⁷ Segundo Matthew Restall, “na cultura asteca, a linguagem do discurso cortês apresentava um elevado nível de desenvolvimento. Dentro desse gênero, o único estilo que poderia ser empregado na presença de Montezuma seria o tecpillahtolli (discurso senhoril), em que as palavras náhuatles são carregadas de prefixos e sufixos reverenciais e as frases são formuladas segundo os princípios da inversão e do discurso indireto”. RESTALL, Matthew. op. cit., p. 175.

¹⁵⁸ “Pela primeira vez, um imperador americano nativo saudava um representante dos europeus que vieram conquistar e colonizar suas terras. Sem embargo, o choque de culturas ficou também imediatamente evidente.” Ibid., p. 150.

*Marina era muy entendida, le dijo: ‘Señor Montezuma, lo que os aconsejo es que vais luego a su aposento sin ruido ninguno; que yo sé que os harán mucha honra, como gran señõr que sois; y de otra manera, aquí quedaréis muerto [...]’.*¹⁵⁹

Difícilmente Cortés e seus aliados conseguiriam expressar para Montezuma as pretensões colonialistas dos espanhóis e as ameaças pela disputa do poder daquela região. Somente uma nativa educada nos moldes nobres, habilidosa com os idiomas e, sobretudo, situada entre essas duas culturas poderia intermediar com mais clareza o diálogo final das principais figuras da conquista.¹⁶⁰

Descrita com grande espaço nas Crônicas de Índias, a intervenção de Malinche nesse episódio contribuiu para elevar ainda mais sua imagem e sua função como intérprete e *faraute* ao lado de Cortés. A comunicação direta com Montezuma e o conselho por sua renúncia como melhor alternativa diante do cerco espanhol representou uma atitude incomum no contexto estudado. Sendo Montezuma “[...] *el más temido, reverenciado y adorado señor que el mundo ha habido y en su linaje, como es cosa pública y notoria en toda la máquina deste Nuevo Mundo [...]’*”, o contato com Malinche foi um fato isolado.¹⁶¹ Mais ainda se destacamos que o caráter divino do líder asteca não permitia que ninguém lhe tocasse ou olhasse no rosto, “[...] *excepto aquellos cuatro deudos y sobrinos suyos que le llevaban del brazo*”.¹⁶² Nas circunstâncias em que esteve, sob o jugo de Cortés, e servindo-se de Malinche para se inteirar daquele evento, possivelmente teve sua face vista pela intérprete e pelos demais integrantes espanhóis ali presentes, como o conquistador e o tradutor Jerónimo de Aguilar. Não só nesse capítulo definitivo da conquista Malinche operou como principal mediadora por tornar possível o entendimento. Tempos depois da morte de Montezuma, ela gerenciou a comunicação entre Cortés e o sucessor asteca Cuauhtemotzin, no momento de sua prisão pelos espanhóis:

*La india que era intérprete, que se llamaba Marina, púsose cerca del capitán, y de la otra parte el señor de México Cuauhtemotzin. Como estuvieron juntos los tres señores de México y Tetzcuco y Tlacupa con sus principales delante de don Hernando Cortés, mandó a Marina que les dixese dónde está el oro que había dexado en México.*¹⁶³

¹⁵⁹ DÍAZ DEL CASTILLO, Bernal. op. cit., p. 175.

¹⁶⁰ “Basta, todavía, estar situado nessa posição, isto é, na encruzilhada de dois mundos, para ser levado [...] a participar de dois sistemas, e até a traír a finalidade da função que ocupa.” VOVELLE, Michel. op. cit., p. 217.

¹⁶¹ MUÑOZ CAMARGO, Diego. op. cit., p. 216.

¹⁶² DÍAZ DEL CASTILLO, Bernal. op. cit., p. 244.

¹⁶³ SAHAGÚN, Bernardino de. op. cit., p. 861.

No diálogo, Malinche é orientada por Cortés a descobrir o local do ouro e das riquezas astecas mediante a confissão dos três senhores. Mas, a certa altura do relato, o cronista indica que a intérprete assumira as negociações e passara a conversar diretamente com os caciques:

*Y luego un principal que llamaban Tlacutzin habló a Marina, respondiendo: “Di a nuestro señor y dios que cuando llegó a las casas reales la primera vez vio todo lo que había, y todas las salas cerramos adobes. No sabemos qué se hizo el oro que había. Tenemos que todo lo llevaron ellos, y no tenemos más desto agora.”*¹⁶⁴

Valendo-se do estilo linguístico utilizado para conversar corretamente com tais interlocutores, Malinche explicou os propósitos dos espanhóis com aquela atitude, exigiu a revelação sobre o ouro e transmitiu as ameaças do conquistador caso não houvesse colaboração: *“Otra vez dixo Marina: ‘El señor capitán dice que busquéis doscientos tesuelos de oro tan grandes como así’”*.¹⁶⁵ A forma como lidou com esses senhores insinua o lugar destacado durante a conquista descrito pelas Crônicas de Índias na construção de sua imagem como intérprete e *lengua* oficial de Cortés. Não se tratou, portanto, de uma personagem “marginal ou acessória” atuante no embate entre indígenas e espanhóis, mas de uma figura do centro que esteve presente na maior parte das decisões tomadas por Cortés.¹⁶⁶

A denominação do conquistador pelo nome “capitão Malinche”, divulgada pelo cronista Bernal Díaz del Castillo, parece atestar essa questão. Pela primeira vez, o nome de Cortés é modificado para receber em troca o de sua intérprete, Malinche, designação adotada por muitos indígenas que assim passaram a chamá-lo na conquista e pelo próprio Bernal Díaz: *“Antes que más pase adelante quiero decir cómo en todos los pueblos por donde pasamos, o en otros donde tenían noticia de nosotros, llamaban a Cortés Malinche; y así, le nombraré de aquí adelante Malinche en todas las pláticas que tuviéremos con cualesquier índios”*.¹⁶⁷ Considerando a época estudada e o caráter masculino da sociedade espanhola e dos grupos indígenas, já discutido anteriormente, o mais natural seria Malinche adotar o nome de Cortés, e não o contrário.¹⁶⁸ Essa associação transmite a ideia de que a distância que separava socialmente homens e mulheres chega a ser invisível nesse momento, já que Cortés foi

¹⁶⁴ SAHAGÚN, Bernardino de. op. cit., p. 861.

¹⁶⁵ Ibid., p. 862.

¹⁶⁶ FLORES FARFÁN, José Antonio. op. cit., p. 129.

¹⁶⁷ DÍAZ DEL CASTILLO, Bernal. op. cit., p. 202.

¹⁶⁸ “El conquistador Hernán Cortés pasa a ser el capitán Malinche para todos los textos producidos por el discurso amerindio de la conquista, y para todos los interlocutores políticos amerindios del transcurrir mismo de aquella conquista. Pierde su identidad, se integra por el nombre en el juego dialéctico de aquella fascinante mujer que produce y distribuye la palabra creadora de Historia”. BAUDOT, Georges. op. cit., 1988, p. 78.

lembrado e evocado a partir da figura feminina de Malinche.¹⁶⁹ Trata-se de um fato importante, porque as mulheres eram personagens secundárias e quase sempre anônimas nesse contexto, sobretudo nas crônicas, em que a preocupação centrava-se na atuação masculina. No caso de Malinche, os relatos cronísticos ressaltaram o prestígio da intérprete ao “emprestar” seu nome a Cortés e torná-lo reconhecido através de sua pessoa. Isso sugere a presença dela na consciência dos espanhóis, que a tornaram personagem lembrada em suas escritas, mas também na dos indígenas, que empregaram o nome “malinche” toda vez que se dirigiram ao conquistador.

A união pelo mesmo nome também é um indício de que Cortés e Malinche estiveram juntos em quase todos os acontecimentos americanos, como confessa o próprio conquistador em sua quinta *Carta de Relación*: “[...] Marina, la que yo siempre conmigo he traído [...]”.¹⁷⁰ É isso que Bernal Díaz reitera, quando explica que “[...] la causa de haberle puesto aqueste nombre es que, como doña Marina, nuestra lengua, estaba siempre en su compañía, especialmente cuando venían embajadores o pláticas de caciques [...]”.¹⁷¹ Esse companheirismo surgido pelo elo linguístico resultou no envolvimento afetivo entre os dois – iniciado na partida da expedição espanhola à cidade de Tenochtitlan – e no nascimento de um filho, Martín Cortés, batizado com o nome do avô paterno, mais um indicativo do importante lugar ocupado por Malinche nesse momento. Trata-se do primeiro filho ilegítimo, isto é, concebido fora do matrimônio, a ser reconhecido por Cortés e, posteriormente, pelo próprio papa Clemente VII, quando oferece o título de cavaleiro da ordem de Santiago ao herdeiro do conquistador.¹⁷² Dos milhares de filhos gerados pela mistura do sangue espanhol com o das índias mexicanas, Martín Cortés foi um dos poucos a receber tais honrarias e destaque na hierarquia social ibérica. Um fato que pode ser entendido não somente por sua descendência paterna, mas, considerando o papel de Malinche na conquista, Martín Cortés também se beneficiou da origem materna.

Em regra geral, o destino dos muitos bastardos nascidos desse contato racial espanhol-indígena era se juntar ao grupo dos mestiços marginalizados no processo de constituição e formação da *Nueva España*. Sem lugar nessa sociedade que se erguia, justamente por não serem nem índios nem brancos, o mestiço seria gradativamente integrado como mão de obra necessária para a colonização das novas terras americanas.¹⁷³ O filho de Malinche com Cortés

¹⁶⁹ GLANTZ, Margo. Doña Marina y el Capitán Malinche. In: GLANTZ, Margo. op. cit., p. 131.

¹⁷⁰ CORTÉS, Hernán. Quinta Carta de Relación. op. cit., p. 388.

¹⁷¹ DÍAZ DEL CASTILLO, Bernal. op. cit., p. 202.

¹⁷² BAUDOT, Georges. op. cit., 1988, p. 70.

¹⁷³ GRUZINSKI, Serge. op. cit., 2001, p. 81.

desviou-se desse caminho porque usufruiu do prestígio e do testamento herdados de seus pais, tornando-se *encomendero* pelo título recebido do papa, segundo as palavras de Bernal Díaz: “[...] *Martín Cortés, que el tiempo andando fue comendador de Santiago*”.¹⁷⁴ As diferentes versões sobre a vida de Malinche – dada a variedade de cronistas envolvidos nessa escrita, aliada às pretensões de um autor ser mais verdadeiro do que outro – fornecem poucos dados sobre os demais filhos da intérprete. Ao que consta na *Historia verdadera* de Bernal Díaz, Malinche teve uma filha após o casamento arranjado com o fidalgo Juan Jaramillo: “[...] *se caso ella un hidalgo que se decía Juan Jaramillo, en un pueblo que se decía Orizaba, delante de ciertos testigos, que uno dellos se decía Aranda, vecino que fue de Tabasco, [...] y no como lo dice el cronista Gómora [...]*”.¹⁷⁵ Semelhante à vida confortável de Martín Cortés, a filha de Malinche com Jaramillo, batizada com o nome Maria, também recebeu as vantagens legadas pela posição principal de seus pais.¹⁷⁶

A crítica ao cronista Francisco López de Gómora por parte de Bernal Díaz, novamente retomada por este trabalho, exemplifica a divergência de informações sobre Malinche e os eventos da conquista presentes nas várias crônicas produzidas nesse momento. Também demonstra que os tipos de fontes utilizadas pelos cronistas para reunir os argumentos – como a forma oral, a consulta aos livros antigos dos nativos, o testemunho próprio do autor e o conhecimento livresco – influenciaram na maneira como a figura dessa intérprete foi construída pelos relatos. Seja pelos distintos interesses desses narradores com a escrita, que a utilizaram para reforçar seus pedidos pessoais, seja pela incerteza dos dados sobre esta personagem, confrontados pelos cronistas de “vista” e cronistas de “oída”, a história de Malinche contada pelas Crônicas de Índias é formada pelas diferentes vozes inseridas nesse contexto. O desencontro de informações sobre ela não alterou, no entanto, o consenso entre os cronistas sobre sua relevante contribuição como tradutora de Cortés na comunicação com os indígenas e na atuação como intermediária cultural entre os dois mundos. Ao contrário, reuniu sob diferentes formas de registro (cartas, crônicas, histórias, relações e códices) fatos e feitos de uma mulher, índia, ex-escrava e intérprete que colaborou de modo importante na conquista espanhola do México. Distante do modelo usual proposto pela escrita da história, mecanismo seguro em que repousavam unicamente as lembranças dos grandes homens, Malinche teve conservada sua participação ao lado de Cortés como protagonista desse evento.

¹⁷⁴ GRUZINSKI, Serge. op. cit., p. 145.

¹⁷⁵ Ibid., p. 149.

¹⁷⁶ GONZÁLEZ HERNÁNDEZ, Cristina. op. cit., p. 249.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A função pedagógica da história, que oferecia exemplos virtuosos do passado para serem imitados pelo presente, considerava dignos de memória somente os acontecimentos importantes e seus personagens principais, majoritariamente do sexo masculino. Foi assim que a conquista espanhola do México entrou para as “páginas de ouro” da história e o conquistador Hernán Cortés se tornou o grande responsável pelo triunfo espanhol nesse evento. O aparecimento da intérprete Malinche nas Crônicas de Índias, no entanto, indicou uma peculiaridade na escrita da história desse período, porque representou a figura de uma mulher em meio aos poucos homens que eram mencionados. Na análise dos relatos da conquista, foi possível notar que a constante descrição dessa personagem durante a narrativa dos fatos ocorreu pela importância adquirida na época. As diversas descrições sobre o passado dela, detalhadamente contados por Bernal Díaz del Castillo e Diego Muñoz Camargo em um capítulo exclusivo, a numerosa menção em quase todos os diálogos realizados entre ela, Cortés e os índios na *Historia* de Francisco López de Gómora, o destaque dado a sua interpretação durante a comunicação final com as últimas lideranças astecas, por parte de Bernardino de Sahagún, levaram à conclusão de que Malinche figurou como uma das protagonistas da conquista espanhola do México.

A concepção da história cultivada pelos cronistas do século XVI previa a centralização dos fatos em um limitado grupo de indivíduos que, por seus feitos realizados, alcançavam fama e reconhecimento com o tempo, daí a busca constante dos muitos testemunhos da conquista por um lugar destacado na memória desse evento. No caso dos cronistas estudados, Bernal Díaz del Castillo pode ser tomado como o maior exemplo dessa atitude, se lembrarmos que sua *Historia verdadera* foi elaborada com a pretensão de exaltar a sua contribuição na conquista. O diálogo com a fama, espécie de figura personificada pelo autor em certa altura do relato, reflete essa procura frequente que o motivou na escrita da crônica: “[...] *suplícios, ilustrísima Fama, que de aquí adelante alcéis más vuestra excelente y vistuosísima voz, para que en todo el mundo se vean claramente nuestras grandes proezas [...]*”.¹ As primeiras conclusões tiradas em relação a essa questão é que Bernal Díaz fez mais referências a Malinche do que os demais cronistas, justamente por requerer que se faça memória de todos os soldados envolvidos na conquista, inclusive a dele. O cronista Francisco López de Gómora,

¹ DÍAZ DEL CASTILLO, Bernal. *Historia verdadera de la conquista de Nueva España*. Madrid: Castalia, 1999, p. 362.

ao contrário, dedica menos espaço a tal intérprete, porque o objetivo encomiástico da obra direcionou seu relato unicamente para os atos de Cortés.

Em proximidade a esse fator foi ressaltado o compromisso com a verdade dos acontecimentos contados, sempre presente nos cronistas de Índias e que contribuiu diretamente para a descrição de Malinche nesse tipo de texto. A discordância de Bernal Díaz quanto aos conteúdos apresentados na crônica de Francisco López de Gómora levou o soldado a redigir por seu próprio punho a versão de tudo o que ocorrera no México. Na descrição sobre o passado de Malinche, e das muitas cenas em que ela atuou como intérprete, as informações de ambos são desencontradas. Isso nos revela que, embora as Crônicas de Índias respeitassem um padrão de escrita próprio da época e seguissem um modelo cronológico igual para descrever os acontecimentos, os dados oferecidos sobre Malinche eram distintos. Os diferentes lugares de onde falaram esses dois autores tomados como exemplo, sendo um da camada baixa de soldados e o outro do ambiente das universidades em que frequentara, pesaram no modo com que perceberam esta personagem. Trata-se de um ponto relevante para o estudo aqui realizado, pois a intenção primordial foi fazer uso dos relatos de forma complementar. Como Malinche é uma personagem aqui percebida por meio do olhar desses cronistas, foi necessário o estudo do que são as Crônicas de Índias, quem são seus autores, por que motivos foram escritas e quais as ideias que estiveram por trás da narrativa dos acontecimentos. A questão da verdade, assim, serviu para determinar a descrição da figura de Malinche nas crônicas, a partir da disputa entre os cronistas pela fidelidade dos fatos contados.

Considerando essa preocupação dos autores do período, o questionamento sobre a intérprete Malinche como participante lembrada pela *pluma* dos cronistas se fez presente em toda a pesquisa aqui realizada. Se havia esse cuidado em apontar os atores principais da história, para o desfrute da fama e da memória eterna, a contínua descrição de Malinche nas Crônicas de Índias indica a importância dessa personagem na conquista. Foi justamente esse problema o ponto de partida para o estudo aqui apresentado. Como entender a inserção de uma mulher, indígena, ex-escrava e intérprete na escrita cronística da conquista, se a preocupação voltava-se unicamente para as figuras masculinas dos atores principais? A resposta para esse questionamento mantém relação com o papel de intérprete exercido por Malinche durante a aventura espanhola no México. Ao se tornar a *lengua* do conquistador e sua companheira inseparável, Malinche passa a atuar também como mediadora nos diversos diálogos travados com os indígenas, o que a tornou eixo central pelo qual espanhóis e indígenas se comunicavam. Graças à ponte linguística operada por Malinche, essas diferentes

culturas puderam se aproximar e travar algum contato muitas vezes impedido pela incompreensão idiomática. Sendo assim, a intérprete de Cortés pode ser vista como uma intermediária cultural por transmitir e traduzir de um grupo a outro os variados códigos e visões de mundo que se encontraram na conquista espanhola do México. Essa nova posição desempenhada por Malinche contribuiu para o processo de mestiçagem inaugurado com a chegada dos conquistadores espanhóis, na medida em que sua função de “transmissora de mensagens” ajudou no processo de conversão religiosa, nas negociações e alianças entre índios e espanhóis e, sobretudo, no entendimento comunicativo entre os grupos falantes. O papel exercido foi observado pelos diversos cronistas de Índias que, diretamente, retomaram Malinche em seus relatos e descreveram-na como importante contribuidora na conquista.

São muitos os motivos que contribuíram para tal afirmativa, como foram mostrados ao longo do trabalho. A própria existência de uma mulher e indígena nos relatos era um indicativo relevante para sustentar essa ideia, a função como intérprete, papel pouco expressivo no contexto estudado, mais ainda. Assim, também, como o respeito adquirido juntos aos indígenas mexicanos e aos espanhóis, mostrado por Bernal Díaz, quando a denomina por “doña Marina”, ou, por Muñoz Camargo, quando a considera instrumento divino para fazer o bem. Finalmente, Malinche pode ser percebida dessa forma se lembrarmos que Cortés passou a ser chamado pelos membros da conquista por “senhor Malinche”, “capitão Malinche” ou simplesmente “Malinche”, numa clara alusão a sua companheira inseparável. Pela primeira vez na conquista espanhola, um conquistador é evocado pelo nome de seu intérprete, mais um indício da importância adquirida por Malinche entre os participantes ali presentes.

REFERÊNCIAS

AÍNSA, Fernando. La utopia empírica del cristianismo social (1513-1577). In: PIZARRO, Ana (Org.). *Palabra, literatura y cultura en las formaciones discursivas coloniales. A situação colonial*. Campinas: UNICAMP, 1993, v. I.

_____. *De la Edad de oro a El Dorado. Génesis de discurso utópico americano*. México: Fondo de cultura económica, 1998.

ALCÁNTARA ROJAS, Berenice. Palabras que se tocan, se envuelven y se alejan. In: LEVIN ROJO, Danna; NAVARRETE, Federico. (Org.). *Indios, mestizos y españoles - Interculturalidad e historiografía en la Nueva España*. México: UNAM, 2007.

ALVA IXTLILXOCHITL, Fernando de. *Historia de la nación chichimeca*. Madrid: Dastin, 2000.

ARCINIEGAS, German. *América en Europa*. Buenos Aires: Editorial Sudamericana, 1975.

ARES, Berta; BUSTAMANTE, Jesus; CASTILLA, Francisco; DEL PINO, Fermin. *Humanismo y visión del otro en la España moderna: cuatro estudios*. Madrid: Consejo Superior de Investigaciones Científicas, 1992.

BAKHTIN, Mikail. *A cultura popular na Idade Média e no Renascimento. O contexto de François Rabelais*. São Paulo: Martins Fontes, 1992.

BARRETO, Luís Filipe. *Descobrimientos e Renascimento: formas de pensar nos séculos XV e XVI*. Lisboa: Imprensa Nacional Casa da Moeda – temas portugueses, 1983.

BAUDOT, Georges. *La vida cotidiana en la América Española en tiempos de Felipe II. Siglo XVI*. México: Fondo de Cultura Económica, 1992.

_____. Malintzin, imagen y discurso de mujer en el primer México virreinal. In: GLANTZ, Margo (Org.). *La Malinche, sus padres y sus hijos*. México: Taurus, 2001.

BENÍTEZ, Fernando. *La ruta de Hernán Cortés*. México: Fondo de Cultura Económica, 1986.

BERNAND, Carmen. (Org.). *Descubrimiento, conquista y colonización de América a quinientos años*. México: Fondo de Cultura Económica, 1994.

_____.; GRUZINSKI, Serge. *História do Novo Mundo*. São Paulo: Edusp, 2001, 2º ed.

BLANCO AGUINAGA, Carlos; RODRÍGUEZ PUÉRTOLAS, Julio; ZAVALA, Íris M. *Historia social de la literatura española* (en lengua castellana). Madrid: Castalia, 1981.

BROTHERSTON, Gordon. La Malintzin de los códices. In: GLANTZ, Margo (Org.). *La Malinche, sus padres y sus hijos*. México: Taurus, 2001.

_____. La visión americana de la conquista. In: Pizarro, Ana (Org.). *Palabra, literatura y cultura en las formaciones discursivas coloniales*. A situação colonial. Campinas: UNICAMP, 1993, v. I.

BRUIT, Héctor H. O visível e o invisível na conquista hispânica da América. In: VAINFAS, Ronaldo (Org.). *América em tempo de conquista*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1992.

BURCKHARDT, Jacob. *A cultura do Renascimento na Itália*. Um ensaio. São Paulo: Companhia de Bolso, 2009.

CARRILLO, Francisco. *Cartas y cronistas del descubrimiento y la conquista*. Lima: Editorial Horizonte, 1987.

CASCALES, Antonio. O regresso de uma expedição...a febre sobe. In: In: ARAÚJO, Carlos (Dir.). *Sevilha, século XVI*. De Colombo a D. Quixote, entre a Europa e as Américas – o coração e as riquezas do mundo. Lisboa: Terramar, 1992.

CASTILLO GOMES, Antonio. (Org.) *Libro y lectura en la Península Ibérica y América*. (siglos XIII a XVIII). España: Junta de Castilla y León, 2003.

CASTILLO GOMES, Antonio. (Org.). *Escribir y leer en el siglo de Cervantes*. Barcelona: Gedisa, 1999.

CERVANTES, Miguel de. *Dom Quixote*. São Paulo: Nova Cultural, 2002.

CHARTIER, Roger. *À beira da falésia*. Porto Alegre: UFRGS, 2002.

_____. *Leituras e leitores na França do Antigo Regime*. São Paulo: UNESP, 2004.

_____. *Inscriver e apagar*. São Paulo: UNESP, 2007.

_____. As práticas da escrita. In: *História da vida privada*. Da Renascença ao século das Luzes. São Paulo: Companhia de Bolso, 2009, v. 3.

CHAUNU, Pierre. *História da América Latina*. São Paulo: DIFEL, 1976.

_____. *A América e as Américas*. Rio de Janeiro: Cosmos, 1969.

COLEMAN, Janet. *Ancien and medieval memories*. Studies in the reconstruction of the past. New York: Cambridge University Press, 2003.

DEL PRIORE, Mary. Imagens da Terra Fêmea: a América e suas mulheres. In: VAINFAS, Ronaldo (Org.). *América em tempo de conquista*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 1992.

DELUMEAU, Jean. *A civilização do Renascimento*. Lisboa: Estampa, 1984, v.II.

_____. *História do medo no Ocidente*. (1300-1800). São Paulo: Companhia das Letras, 1989.

DIAS, José Sebastião da Silva. *Os descobrimentos e a problemática cultural do século XVI*. Lisboa: Editorial Presença, 1982.

DUBY, Georges; PERROT, Michelle (Dir.). *História das mulheres no ocidente*. Porto: Afrontamento, 1993.

ELLIOTT, John H. *O velho mundo e o novo; 1492-1650*. Lisboa: Quercus, 1984.

_____. *España y su mundo. 1500-1700*. Madrid: Alianza Editorial, 1991.

_____. A conquista espanhola e a colonização da América. In: BETHELL, Leslie. (Org.). *História da América Latina*. América Latina colonial. São Paulo: EDUSP, 2008, v. 1.

_____. A Espanha e a América nos séculos XVI e XVII. In: BETHELL, Leslie. (Org.). *História da América Latina*. América Latina colonial. São Paulo: EDUSP, 2008, v. 1.

ESLAVA GALÁN, Juan. Entre Colombo e D. Quixote. *Sevilha, século XVI*. De Colombo a D. Quixote, entre a Europa e as Américas – o coração e as riquezas do mundo. Lisboa: Terramar, 1992.

ESTEVE BARBA, Francisco. *Historiografía indiana*. Madrid: Gredos, 1964.

FAZIO FERNÁNDEZ, Mariano. El honor español en las crónicas americanas de los siglos XVI y XVII. In: REGALADO DE HURTADO, Liliana; SOMEDA, Hidefují. *Construyendo historias: aportes para la historia hispanoamericana a partir de las crónicas*. Lima: PUCP, 2005.

FEBVRE, Lucien. *O problema da incredulidade no século XVI*. A religião de Rabelais. São Paulo: Companhia das Letras, 2009.

FLORESCANO, Enrique. *Memoria mexicana*. México: Fondo de Cultura Económica, 1999.

_____. *Espejo mexicano*. México: Fondo de cultura económica, 2002.

FLORES FARFÁN, José Antonio. La Malinche, porta voz de dos mundos. *Revista Estudios de cultura Náhuatl*. Número 37, 2006. México: Universidad Nacional Autónoma de México.

FRIEDERICI, Georg. *El carácter del descubrimiento y de la conquista de América*. México: Fondo de cultura económica, 1987.

GALLEGOS ROCAFULL, Jose M. *El pensamiento mexicano em los siglos XVI y XVII*. México: Ediciones del IV Centenario de la Universidad de Mexico, 1951.

GARCÍA-BAQUERO GONZALEZ, Antonio. Aristocratas e mercadores. In: ARAÚJO, Carlos (Dir.). *Sevilha, século XVI. De Colombo a D. Quixote, entre a Europa e as Américas – o coração e as riquezas do mundo*. Lisboa: Terramar, 1992.

GARIN, Eugénio. *O homem renascentista*. Lisboa: Presença, 1991.

GEBRAN, Philomena. *América antiga*. São Paulo: Mar Aberto, 1992.

GIBSON, Charles. *Tlaxcala em el siglo XVI*. México: Fondo Cultura Económica, 1991.

GIFRE, Emma Martinell. *La comunicación entre españoles e indios: palabras y gestos*. Madrid: Mapfre, 1992.

GIMENEZ CABALLERO, Ernesto. *Las mujeres de América*. Madrid: Editora Nacional, 1971.

GINZBURG, Carlo. *O queijo e os vermes: o cotidiano e as idéias de um moleiro perseguido pela Inquisição*. São Paulo: Companhia das Letras, 1987.

_____. *Mitos, emblemas, sinais. Morfologia e história*. São Paulo: Companhia das Letras, 1989.

_____. *Relações de força. História, retórica, prova*. São Paulo: Companhia das Letras, 2002.

_____. *O fio e os rastros. Verdadeiro, falso, fictício*. São Paulo: Companhia das Letras, 2007.

GIUCCI, Guillermo. *Viajantes do maravilhoso: o novo mundo*. São Paulo: Companhia das Letras, 1992.

GOMEZ, Thomaz. *L'invention de L'Amérique*. Mythes et réalités de la Conquête. França: Champs Flammarion, 1992.

GONZALBO AIZPURU, Pilar. De huipil o terciopelo. In: GLANTZ, Margo (Org.). *La Malinche, sus padres y sus hijos*. México: Taurus, 2001.

GONZÁLES-HERNÁNDEZ, Cristina. *Doña Marina (La Malinche) y la formación de la identidad mexicana*. Madrid: Encuentro, 2002.

GLANTZ, Margo. La Malinche: la lengua en la mano. In: GLANTZ, Margo (Org.). *La Malinche, sus padres y sus hijos*. México: Taurus, 2001.

_____. Doña Marina y el capitán Malinche. In: GLANTZ, Margo (Org.). *La Malinche, sus padres y sus hijos*. México: Taurus, 2001.

_____. Las hijas de Malinche. In: GLANTZ, Margo (Org.). *La Malinche, sus padres y sus hijos*. México: Taurus, 2001.

GREENBLATT, Stephen. *Possessões maravilhosas*. São Paulo: EDUSP, 1996.

GRUNBERG, Bernad. La relaciones entre Cortés y sus hombres y el problema de La unidad en la conquista de México (febrero 1519 – agosto 1521). In: *Revista de Índias*. Coleção 43, número 171, 1983.

GRUZINSKI, Serge. *O pensamento mestiço*. São Paulo: Companhia das Letras, 2001.

_____. *La colonización de lo imaginário*. Sociedades indígenas y occidentalización en el México español. Siglos XVI-XVIII. México: Fondo de cultura económica, 1995.

_____. A guerra das Imagens e a Ocidentalização da América. In: VAINFAS, Ronaldo (Org.). *América em tempo de conquista*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 1992.

HARTOG, François. *O espelho de Heródoto: ensaio sobre a representação do outro*. Belo Horizonte: UFMG, 1999.

HARTOG, François. *Memória de Ulisses*. Narrativas sobre a fronteira na Grécia antiga. Belo Horizonte: UFMG, 2004.

HOLANDA, Sérgio Buarque de. *Visão do Paraíso*. São Paulo: Brasiliense, 1994.

IGLESIA, Ramon. *Cronistas e historiadores de la conquista de México*. México: Biblioteca de la Ciudad de México, s/d.

INOUE OKUBO, Yukitaka. Crónicas indígenas: una reconsideración sobre la historiografía novohispana temprana. In: LEVIN ROJO, Danna; NAVARRETE, Federico (Org.). *Indios, mestizos y españoles. Interculturalidad e historiografía en la Nueva España*. México: UNAM, 2007.

JEREZ, Luis Merino. *Retórica y artes de memoria en el humanismo renacentista*. (Jorge de Trebisonda, Pedro de Ravena y Francisco Sánchez de las Brozas). Cáceres: Universidad de Extremadura, Servicios de Publicaciones, 2007.

KARNAL, Leandro. As crônicas ao sul do Equador. In: *Revista Idéias*, UNICAMP, 2006.

KARTTUNEN, Frances. *Between worlds*. Interpreters, guides and survivors. New Jersey: Rutgers University Press, 1994.

KOSELLECK, Reinhart. *Futuro Passado: contribuição à semântica dos tempos históricos*. Rio de Janeiro: Contraponto, 2006.

LAFAYE, Jacques. *Quetzalcóatl y Guadalupe*. México: Fondo de Cultura Económica, 1977.

LAS CASAS, Bartolomé de. *Historia de las Indias*. Venezuela: Ayacucho, 1986.

LEÓN-PORTILLA, Miguel. *Los antiguos mexicanos*. A través de sus crónicas y cantares. México: Fondo de Cultura Económica, 1968.

_____. *A conquista da América Latina vista pelos índios: relatos astecas, maias e incas*. Petrópolis: Vozes, 1985.

LEÓN-PORTILLA, Miguel. *Bernardino de Sahagún*. Madrid: Quorum, 1987.

_____. *Toltecáyotl*. Aspectos de la cultura náhuatl. México: Fondo de Cultura Económica, 1992.

_____. *Literaturas indígenas de México*. Madrid: MAPFRE, 1992.

_____. A Mesoamérica antes de 1519. In: BETHELL, Leslie. (Org.). *História da América Latina*. América colonial. São Paulo: EDUSP, 2008, v. 1.

LEONARD, Irving A. *Los libros del conquistador*. México: Fondo de Cultura Económica, 1996.

LEVIN ROJO, Danna; NAVARRETE, Federico. Introducción. El problema de la historiografía indígena. In: LEVIN ROJO, Danna; NAVARRETE, Federico (Org.). *Indios, mestizos y españoles. Interculturalidad e historiografía en la Nueva España*. México: UNAM, 2007.

LIENHARD, Martin. Los comienzos de la literatura “latinoamericana”: monólogos y diálogos de conquistadores y conquistados. In: PIZARRO, Ana (Org.). *Palabra, literatura y cultura en las formaciones discursivas coloniales*. A situação colonial. Campinas: UNICAMP, 1993, v. 1.

LOCKHARDT, James; SCHWARTZ, Stuart B. *A América Latina na época colonial*. Rio de Janeiro: Civilização brasileira, 2002.

MADARIAGA, Salvador de. Hernán Cortés. In: *Ocho vidas de conquista*. Madrid: Ediciones Castilla, 1952.

MAGASICH-AIROLA, Jorge; DE BEER, Jean-Marc. *América Mágica*. Quando a Europa da Renascença pensou estar conquistando o Paraíso. São Paulo: Paz e Terra, 2000.

MAJÓ FRAMIS, Ricardo. *Vida de los navegantes y conquistadores españoles: colonizadores y fundadores en Indias*. Siglos XVI, XVII y XVIII. Madrid: Aguilar, 1954, v. 3.

MARAVALL, José Antonio. *Antiguos y Modernos: visión de la historia e idea de progreso hasta el Renacimiento*. Madrid: Alianza, 1998.

MELLO E SOUZA, Laura de. *Inferno Atlântico: demonologia e colonização séculos XVI-XVIII*. São Paulo: Companhia das Letras, 1993.

MORE, Thomas. *Utopia*. Porto: Rés-Editora, 2002.

O'GORMAN, Edumundo. *A invenção da América*. São Paulo: Editado da Unesp, 1992.

PARRY, J. H. *El imperio español de Ultramar*. Madrid: Aguilar, 1970.

PAZ, Octavio. *O labirinto da solidão e post.scriptum*. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2006, 4º ed.

PELLÚS, Elena. Construcción y destrucción de dos culturas: aztecas y españoles en tres relatos de Carlos Fuentes. *América sin nombre*. Nº 5-6, diciembre, 2004.

PERÉZ CANTÓ, Pilar. Las españolas en la vida colonial. In: CANTÓ, Pilar Pérez; ORTEGA, Margarida; LAVRIN, Asunción. (Org.). *Historia de las mujeres en España y América Latina*. Madrid: Cátedra, 2006.

PÉREZ-MALLAÍNA, Pablo E. Botânica e cartografia: a explosão da ciência. In: ARAÚJO, Carlos (Dir.). *Sevilha, século XVI. De Colombo a D. Quixote, entre a Europa e as Américas – o coração e as riquezas do mundo*. Lisboa: Terramar, 1992.

PERROT, Michelle. *As mulheres ou os silêncios da história*. São Paulo; Edusc, 2005.

PIZARRO, Ana. Introducción. In: PIZARRO, Ana (Org.). *Palabra, literatura y cultura en las formaciones discursivas coloniales. A situação colonial*. Campinas: UNICAMP, 1993, v. I.

PUPO-WALKER, Enrique. *La vocación literária del pensamiento histórico en América*. Madrid: Gredos, 1982.

REIS, Anderson R. dos.; FERNANDES, Luis Estevan O. A crônica colonial como gênero de documento histórico. In: *Revista Idéias*. Campinas: UNICAMP, 2006.

RESTALL, Matthew. *Sete mitos da conquista espanhola*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2006.

RICOEUR, Paul. *A memória, a história, o esquecimento*. Campinas: UNICAMP, 2007.

ROJAS MIX, Miguel. Los monstruos: ¿mitos de legitimación de la conquista? In: PIZARRO, Ana (Org.). *Palabra, literatura y cultura en las formaciones discursivas coloniales*. A situação colonial. Campinas: UNICAMP, 1993, v. I.

ROTerdão. Erasmo. *O elogio da loucura*. Lisboa: Edições Cosmos, 2000.

SALE, Kirkpatrick. *A conquista do paraíso*. Cristóvão Colombo e seu legado. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 1992.

SANTOS, Eduardo Natalino dos. *Os códices mexicas*. Soluções figurativas a serviço da escrita pictográfica. Disponível em:
<http://www.anphlac.org/periodicos/anais/encontro5/eduardo_natalino.pdf>. Acesso em: 10/05/2010.

SERNA, Mercedes. *Crônicas de Índias*. Madrid: Cátedra, 2000.

SILVA, Janice Theodoro da. *Descobrimientos e colonização*. São Paulo: Ática, 1987.

_____. *Descobrimientos e Renascimento*. São Paulo: Contexto, 1991.

SELIGMANN-SILVA, Márcio (org.). *História, memória, literatura: o testemunho na Era das Catástrofes*. Campinas: UNICAMP, 2003.

SOUSTELLE, Jacques. *A civilização asteca*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 2002.

THEODORO, Janice. *Descobrimientos e Colonização*. São Paulo: Ática, 1987.

_____. *Descobrimientos e Renascimento*. São Paulo; Contexto, 1991.

TODOROV, Tzvetan. *A conquista da América: a questão do outro*. São Paulo: Martins Fontes, 1996.

VALCÁRCEL MARTÍNEZ, Simón. *Las crónicas como expresión y configuración de la mentalidad renacentista*. Granada: Diputación Provincial de Granada, 1997.

VENTURA, Maria da Graça A. Mateus. Mulheres nas Índias Ocidentais – escrita e ausência. In: SANTOS, Maria Clara Curado. (Org.). *A mulher na história*. Actas dos Colóquios sobre a temática da Mulher. Portugal: Câmara Municipal da Moita, 1999-2000.

VESPÚCIO, Américo. *Novo Mundo*. Cartas de viagens e descobertas. Porto Alegre: L&PM, 1984.

VIÑAO FRAGO, Antonio. Alfabetización y primeras letras (siglos XVI-XVII). In: CASTILLA, Antonio. (Comp.) *Escribir y leer en el siglo de Cervantes*. Barcelona: Gedisa, 1999.

VOLVELLE, Michael. *Ideologías e mentalidades*. São Paulo: Brasiliense, 1987.

WACHTEL, Nathan. Os índios e a conquista espanhola. In: BETHELL, Leslie. (Org.). *História da América Latina*. América colonial. São Paulo: EDUSP, 2008, v. 1.

YATES, Frances A. *A arte da memória*. Campinas: UNICAMP, 2007.

ZEA, Leopoldo. América Latina: largo viaje hacia si misma. In: ZEA, Leopoldo (Com.). *Fuentes de la cultura lationamericana*. México: Fondo de cultura americana, 1993.

FONTES:

ALVARADO DE TEZOZOMOC, Hernando. *Cronica mexicana*. Madrid: Dastin, 2001.

CORTÉS, Hernán. *Quinta Carta de Relación*. Madrid: Dastin, 2003.

DÍAZ DEL CASTILLO, Bernal. *Historia verdadera de la conquista de Nueva España*. Madrid: Castalia, 1999.

LÓPEZ DE GÓMORA, Francisco. *Historia de la conquista de México*. Venezuela: Ayacucho, 1979.

MUÑOZ CAMARGO, Diego. *Historia de Tlaxcala*. Madrid: Dastin, 2001.

SAHAGÚN, Bernardino de. *Historia general de las cosas de Nueva España*. Madrid: Alianza, 1988.